

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

GIULIANA VERSIANI BOLZAN PENHA

A Biblioteconomia e atividade de Personal Organizer: uma proposta de modelo de taxonomia

Rio de Janeiro

2022

GIULIANNA VERSIANI BOLZAN PENHA

**A BIBLIOTECONOMIA E A ATIVIDADE DE PERSONAL ORGANIZER: UMA
PROPOSTA DE MODELO DE TAXONOMIA**

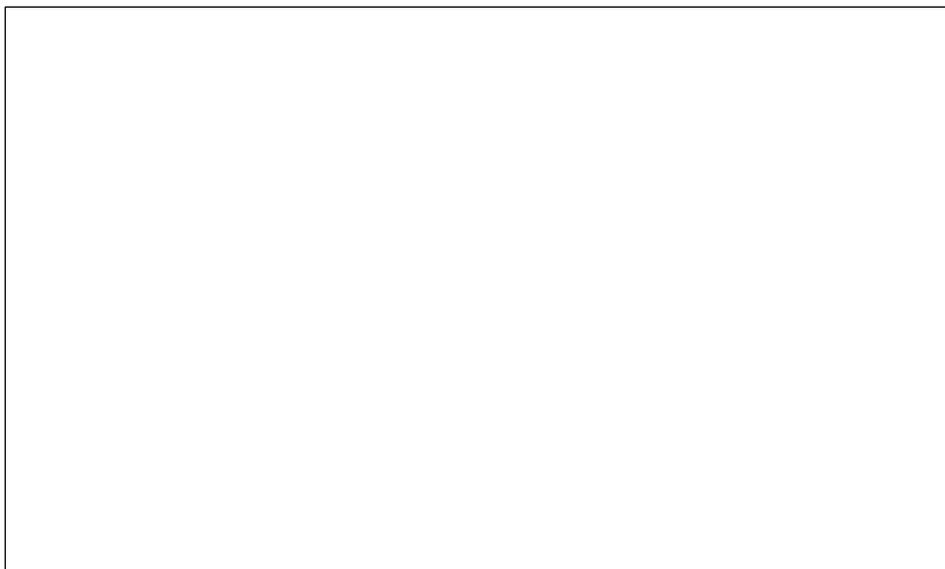
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Orientador: Prof. Dr. Sergio de Castro Martins

Rio de Janeiro

2022

Ficha catalográfica

A large, empty rectangular box with a thin black border, positioned centrally below the text 'Ficha catalográfica'. This box is intended for the user to enter cataloging data.

GIULIANA VERSIANI BOLZAN PENHA

**A BIBLIOTECONOMIA E A ATIVIDADE DE PERSONAL ORGANIZER: UMA
PROPOSTA DE MODELO DE TAXONOMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Rio de Janeiro, ____ de ____ de 20____.

Prof. Dr. Sergio de Castro Martins (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Orientador (a)

Prof. Dr. Ana Maria Senna (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Membro interno

Prof. Dr. Raimunda Fernanda dos Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Membro interno

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por me abençoar nesta caminhada. À minha família, por ficar ao meu lado e me dado o suporte para que eu tivesse tempo e energia para me concentrar no projeto e na faculdade como um todo. Agradeço também meu namorado, Diego Nigri Chatah, que foi o maior incentivador para que esta monografia ficasse do jeito que ficou, me apoiando todos os dias para eu dar o meu melhor e encerrar esse ciclo com orgulho. Às minhas companheiras de organização, as PO's Bianca Oliveira, Carla Lopes Chaves e Jéssica Rabello, que contribuíram com muitas informações essenciais para que este trabalho fosse desenvolvido. Outra pessoa essencial nesta fase foi o meu orientador, Sergio, que viu potencial nas minhas ideias e me ajudou a lapidá-las e a criar algo muito importante para a minha vida pessoal e profissional. Um agradecimento especial à minha psicóloga, que tirou os pesos insustentáveis que eu tentava carregar, colocando sobre mim o meu papel e as minhas responsabilidades no mundo, no processo de cura através do autoconhecimento.

“Quando realmente pensamos nas razões pelas quais não conseguimos largar algo, são apenas duas: apego ao passado ou medo do futuro.”

Marie Kondo (2010)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a ação da Biblioteconomia e do Bibliotecário no desenvolvimento da área de atuação do Personal Organizer e procura identificar maneiras e processos para que isso seja feito. Portanto, objetiva a elaboração de um modelo de taxonomia facetada navegacional com os objetos presentes em uma residência, com foco nas peças de roupas. A pesquisa tem natureza descritiva aplicada utilizando a pesquisa bibliográfica e documental para fundamentar o estudo, com abordagem qualitativa. Dentre os resultados, podemos destacar o modelo de taxonomia facetada navegacional, como proposta de uma padronização dos processos de organização dos itens, conforme suas facetas e características. Conclui-se que o bibliotecário pode contribuir com a área de Organização Residencial uma vez que elabora padrões, mapeia a área do conhecimento e propõe soluções para melhorar a produtividade e a qualidade de outras atividades, assim como a do Personal Organizer. Isso pode ser feito através da criação de softwares navegacionais e intuitivos que tenham a taxonomia dos objetos e suas possíveis maneiras de organizá-los como conteúdo, visando o desenvolvimento dessa nova atividade em ascensão.

Palavras-chave: Personal Organizer. Biblioteconomia. Taxonomia Facetada Navegacional.

ABSTRACT

The present work has as its theme the action of Librarianship and the Librarian in the development of the Personal Organizer's area of activity and seeks to identify ways and processes for this to be done. Therefore, it aims at the elaboration of a navigational faceted taxonomy model with the objects present in a residence, focusing on pieces of clothing. The research has a descriptive nature applied using bibliographical and documental research to support the study, with a qualitative approach. Among the results, we can highlight the navigational faceted taxonomy model, as a proposal for a standardization of the processes of organization of the items, according to their facets and characteristics. It is concluded that the librarian can contribute to the residential organization area, since he elaborates standards, maps the knowledge area and proposes solutions to improve the productivity and quality of other activities, as well as the Personal Organizer. This can be done through the creation of navigational and intuitive software that have the taxonomy of objects and their possible ways of organizing them as content, aiming at the development of this new activity on the rise.

Keywords: Personal Organizer. Librarianship. Navigational Faceted Taxonomy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Lógica da taxonomia
- Figura 2 – Fibras e matérias-prima de alguns materiais
- Figura 3 – Exemplo de sequência de cores na organização
- Figura 4 - Estrutura da categoria “Vestuário e suas subcategorias
- Figura 5 - Facetas da categoria “Blusa”
- Figura 6 – Facetas da categoria “Terceira peça”
- Figura 7 – Facetas da categoria “Short/bermuda”
- Figura 8 – Facetas da categoria “Saia”
- Figura 9 – Facetas da categoria “Calça”
- Figura 10 – Facetas da categoria “Peça única”
- Figura 11 – Facetas da categoria “Calçado”
- Figura 12 – categoria maior “Acessórios” e suas subcategorias
- Figura 13 – Facetas da categoria “Cabeça” em acessórios
- Figura 14 – facetas da categoria “Cabelo” em acessórios
- Figura 15– facetas da categoria “Óculos” em acessórios
- Figura 16 – Facetas da categoria “Bijuteria/joia”
- Figura 17– facetas da categoria “Corpo” em acessórios
- Figura 18 – Facetas da categoria “Bolsa”
- Figura 19 – Categoria maior “Roupa de banho” e suas categorias menores
- Figura 20– Facetas da categoria “Biquini/maiô”
- Figura 21 – Facetas da categoria “Sunga”
- Figura 22 – Facetas da categoria “Saída de banho”
- Figura 23 – Facetas da categoria “Proteção UV”
- Figura 24– Facetas da categoria “Canga”
- Figura 25 – Categoria maior “Academia/esporte” e suas categorias menores
- Figura 26 – Categoria maior “Roupa íntima” e suas categorias menores
- Figura 27 – Facetas da categoria “Sutiã”
- Figura 28 – Facetas da categoria “Calcinha”
- Figura 29 – Facetas da categoria “Underwear”
- Figura 30 – Facetas da categoria “Cueca”
- Figura 31 – Facetas da categoria “Pijama”
- Figura 32 – Facetas da categoria “Meia”

Figura 33 - Faceta Estilo seguida pela Faceta Cor

Figura 34 -Faceta Cor seguida pela Faceta Estilo

Figura 35 – exemplo de mapeamento de *closet* de cliente.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias do “Vestuário”

Quadro 2 - Objetos da categoria “Blusa”, representados na taxonomia pela faceta Modelo

Quadro 3 - Objetos da categoria “Terceira peça”, representados na taxonomia pela faceta Modelo

Quadro 4 - Objetos da categoria “Short/bermuda”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 5 - Objetos da categoria “Saia”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 6 - Objetos da categoria “Calça”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 7 - Objetos da categoria “Peça única”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 8 - Objetos da categoria “Calçado”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 9 - Objetos da categoria “Acessórios”, representados na taxonomia com suas subcategorias

Quadro 10 – Objetos da categoria “Cabeça”, em acessórios, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 11 - Objetos da categoria “Cabelo”, em acessórios, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 12 - Objetos da categoria “Óculos”, em acessórios, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 13 - Objetos da categoria “Bijuterias/joias”, em acessórios, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 14 - Objetos da categoria “Corpo”, em acessórios, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 15 - Objetos da categoria “Bolsa”, em acessórios, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 16 - Objetos da categoria “Roupa de banho”, representados na taxonomia com suas subcategorias

Quadro 17 - Objetos da categoria “Biquíni/maiô”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 18 - Objetos da categoria “Sunga”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 19 - Objetos da categoria “Saída de banho”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 20 - Objetos da categoria “Proteção UV”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 21 - Objetos da categoria “Canga”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 22 - Objetos da categoria “Academia/esporte”, representados na taxonomia com suas subcategorias

Quadro 23 - Objetos da categoria “Roupa íntima”, representados na taxonomia com suas subcategorias

Quadro 24 - Objetos da categoria “Sutiã”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 25 - Objetos da categoria “Calcinha”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 26 - Objetos da categoria “Underwear”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 27 - Objetos da categoria “Cueca”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 28 - Objetos da categoria “Pijama”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

Quadro 29 - Objetos da categoria “Meia”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPOP – Associação Nacional de Profissionais da Organização Profissional

CI – Ciência da Informação

COVID19 - *Corona Virus Disease 2019*

ISO - International Organization for Standardization

LD – Linguagem Documentária

LN – Linguagem Natural

OC – Organização do Conhecimento

OI – Organização da Informação

OR – Organização Residencial

PO - Personal Organizer

POB – Personal Organizer Brasil

RI – Recuperação da Informação

SOC – Sistema de Organização do Conhecimento

TCF – Teoria da Classificação Facetada

TE – Termo específico

TG – Termo geral

TR – Termo relacionado

UP – Usado para

USE – Usar

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	11
1.2 PRESSUPOSTOS	12
1.3 OBJETIVOS 13	
1.3.1 Objetivo geral	13
1.3.2 Objetivos específicos	13
1.4 JUSTIFICATIVA13	
2. METODOLOGIA	14
3. REFERENCIAL TEÓRICO	16
3.1. ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO	16
3.1.1 Teoria do conceito e a Terminologia	18
3.1.2 Sistemas de organização do conhecimento.....	20
3.2 CONCEITUAÇÃO DA ATIVIDADE DE PO.....	21
3.2.1 Origem do termo.....	22
3.2.2 Surgimento da atividade de Personal Organizer.....	23
3.2.3 Áreas de atuação da Personal Organizer	23
3.2.4 Métodos de organização	25
3.2.4.1 Kon Mari	25
3.2.4.2 Oz - os Quatro C's da Organização	26
3.2.4.3 Fly Lady	27
3.2.4.4 O estudo dos métodos de organização	28
3.3 RELAÇÕES ENTRE A ÁREA DE BIBLIOTECONOMIA E A ATIVIDADE DE PERSONAL ORGANIZER.....	30
4. MODELO DE TAXONOMIA DE OBJETOS TRIDIMENSIONAIS	33
4.1 INTRODUÇÃO AOS CONCEITOS DE TAXONOMIA E A TEORIA DA CLASSIFICAÇÃO FACETADA	33
4.2 PRESSUPOSTOS E CARACTERÍSTICAS DO MODELO DE TAXONOMIA NAVEGACIONAL FACETADA DO VESTUÁRIO.	38
4.3 O MODELO DE TAXONOMIA NAVEGACIONAL FACETADA DO VESTUÁRIO	43
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	101
6 CONCLUSÃO 109	
REFERÊNCIAS 110	

APRESENTAÇÃO

Com a pandemia provocada pela COVID19, as pessoas se viram isoladas dentro de suas casas, sem perspectiva de voltarem às suas rotinas. Passando mais tempo em suas residências, perceberam que, mais do que nunca, é necessário ter um ambiente organizado a fim de melhorar a saúde física e mental. Além disso, muitas pessoas se mudaram, tanto para ambientes maiores pela questão do espaço, quanto para menores por questões financeiras e com isso, passaram a procurar profissionais da organização, mais conhecidos no Brasil como Personal Organizers (PO), para auxiliá-los nesses processos.

Este cenário é confirmado pela Rosana Monteiro (2021) em entrevista ao site Cada Minuto, ao dizer que a pandemia confrontou as pessoas acerca de sua própria bagunça e virou um divisor de águas, que mostrou a importância da organização. Esta atividade é conhecida a mais tempo nos Estados Unidos e encontra-se em ascensão em nosso país.

Portanto, a pesquisa tem como tema o estudo da organização de objetos pessoais, presentes em uma residência, mediante o uso de Taxonomia Multifacetada e busca responder à pergunta: como o bibliotecário pode contribuir para o desenvolvimento da área de Organização Residencial (OR)? Portanto, pretende-se entender de que forma a área de Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI), mais especificamente pelos conhecimentos coletados sobre taxonomia, podem contribuir com o desenvolvimento da atividade de Organização Profissional (OP), com foco nos objetos pessoais presentes em uma residência, no caso deste projeto, o universo do Vestuário.

Temos como objetivo principal com esta pesquisa, elaborar um modelo de taxonomia para a área de atuação da PO, focando na criação de um método de organização dos objetos residenciais para o exercício desta área. Como objetivos específicos entendemos que seja necessário, o processo da pesquisa, que se dá por relacionar conceitos da Biblioteconomia e CI com os da área de OR, levantar uma base teórica acerca da criação de uma taxonomia multifacetada, além de identificar os termos da atividade de PO a serem utilizados na criação da taxonomia.

Após o estudo bibliográfico e documental dos assuntos que permeiam as áreas em questão, será elaborado um mini glossário com os termos da atividade de OP e seus itens, de forma a auxiliar a criação do modelo de Taxonomia Facetada, que seguirá os pressupostos de Ranganathan e estudiosos sobre o tema. A partir deste glossário, o modelo de taxonomia será representado por mapas mentais e apresentará esses termos, ou seja, os objetos que compõe o universo das roupas, de forma hierárquica, partindo da categoria mais ampla até suas categorias

menores pertencentes.

Também serão apresentadas relações entre as duas áreas, tanto no aspecto teórico quanto prático para fundamentar tal escolha de projeto de pesquisa. Além disso, serão discutidas oportunidades para o futuro do bibliotecário tendo a organização de itens pessoais como área de atuação. Sobretudo, este projeto tem como objetivo a construção de um modelo de taxonomia como proposta de criação de um método, o qual agilizará os processos de OR, além de criar um padrão para a atividade e servir de matéria prima para softwares ou aplicativos que futuramente, contribuirão ainda mais com esta atividade.

1. INTRODUÇÃO

Desde os princípios da escrita até a época moderna, houve uma grande necessidade de organizar, conservar e promover informações e documentos, os quais eram de responsabilidade da biblioteca. Essas, criaram uma série de técnicas e procedimentos visando a resolução de problemas práticos desses processos, os quais se constituíram na base da disciplina conhecida hoje como Biblioteconomia.

Desse modo, podemos dizer que desde seu início, os saberes biblioteconômicos estão voltados para a reflexão sobre a aplicação das práticas e normas à criação, organização e administração das bibliotecas. Ortega (2004, p. 1) defende que a CI surge como possibilidade de fundamentação e referencial teórico para a área de Biblioteconomia.

A palavra Biblioteconomia tem origem grega e é composta por três elementos: *billion* (livro); *théke* (caixa); *novos* (regra) os quais se adicionou o sufixo *ia*. Portanto, etimologicamente, “*é o conjunto de regras de acordo com as quais os livros são organizados em espaços apropriados: estantes, salas, edifícios*” (FONSECA, 2007, p. 1).

Organizar livros implica tanto em ordená-los segundo um sistema lógico de classificação dos conhecimentos e em conservá-los para que resistam a condições desfavoráveis de espaço e tempo, como em torná-los conhecidos por meio de catálogos, bibliografias, resumos, notícias, exposições etc., para que sejam utilizados pelo maior número de pessoas interessadas nos elementos formativos, informativos, estéticos ou simplesmente lúdicos que possuem os livros. A organização começa antes mesmo do ingresso dos livros nas bibliotecas, através de uma seleção feita cuidadosamente e atenta ao perfil dos usuários.

Dentre as primeiras bibliotecas conhecidas por organizarem os livros nas estantes, por assunto, podemos citar a Biblioteca de Ebla, na Síria, considerada como a origem dos princípios da biblioteconomia. Ortega (2004, p. 2) a cita em “*a existência comprovada das primeiras coleções organizadas de documentos, ou o que se poderia chamar de primeira biblioteca primitiva, data do terceiro milênio a.C*”.

Entre os séculos VII e VIII a.C surgem as grandes bibliotecas da Antiguidade, dentre elas a biblioteca de Alexandria, que representa o ápice desse período. Essa biblioteca, uma das maiores já conhecidas, sobreviveu a muitos saques e catástrofes naturais.

Já na Idade Média, as bibliotecas predominantes eram as ligadas às ordens religiosas, como mosteiros e conventos. Essas eram responsáveis pelas cópias de produções, manuscritas por seus copistas, processo pelo qual foi substituído pela criação da imprensa do ocidente.

Muitos dos princípios da biblioteconomia moderna foram escritos por Gabriel Naudé (1600-1653), o qual desenhou a biblioteca tal como conhecemos hoje. A partir da ideia de ordem bibliográfica, introduziu o empréstimo domiciliar, a encadernação para preservar, a estruturação dos catálogos além do arranjo lógico nas estantes. Adotou também a ideia de que o bibliotecário é o especialista responsável pela organização do conhecimento e em fornecer informações bibliográficas, facilitando seu acesso e uso (PINHEIRO, 2002).

A partir do século XIX a multiplicação das ciências e de suas aplicações tecnológicas faz surgir o fenômeno denominado de explosão documental. Preocupados com esse problema, os pesquisadores belgas Henri La Fontaine (1854-1943) e Paul Otlet (1868-1944) fundaram, no ano de 1895, o Instituto Internacional de Bibliografia. Esse Instituto estabeleceu as bases para a criação de uma grande bibliografia universal com o objetivo de reunir a produção mundial de impressos por meio do registro em fichas (FONSECA, 2007).

Vale ressaltar, resumidamente, que a Biblioteconomia, a Documentação e a CI são áreas correlacionadas, mas possuem objetivos diferentes. A primeira tem como principais focos a democratização da cultura, a preservação e disseminação da informação do patrimônio bibliográfico e apoio ao ensino e à pesquisa; a Documentação, tradução e reprodução de documentos, assim como o resumo de pesquisas, artigos, congressos, relatórios, patentes etc. e o estudo desses documentos; e a CI estudar a gênese, transformação e utilização da informação.

Portanto, organizar e classificar são elementos considerados compreensíveis para o senso comum, uma vez que está presente em quase todos os contextos, inclusive do cotidiano, no trabalho, em casa etc. Nesses momentos, são criados critérios a serem utilizados para se organizar, em uma tentativa de otimizar tempo ou encontrar algo mais facilmente, por exemplo, algo que foi guardado anteriormente.

Dessa forma, a Representação e a Classificação são completamente necessárias na organização, sendo ela de qualquer item ou documento. Na CI, a primeira utiliza-se de termos específicos de uma área para representar um documento. Já a segunda (Classificação), *“é uma cadeia de processos para a realização da Organização da Informação (OI) e do Organização do Conhecimento (OC) de maneira eficaz, de modo que posteriormente seja recuperável, agrupa e/ou separa elementos de acordo com suas semelhanças e diferenças”*. (VIGNOLI, R. G.; SOUTO, D. V. B.; CERVANTES, B. M. N, 2013.)

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A atividade de PO, por ser uma nova área no Brasil, ainda carece de informações e bases teóricas para sua aplicação. As milhares de profissionais que já atuam no país buscam informações através de cursos (para emissão do certificado) e a própria experiência em projetos de organização. Com isso, são desenvolvidos métodos de trabalho específicos por cada PO.

Os desafios dessa profissão então, principalmente para os iniciantes na carreira, se dão pela falta de padronização dos métodos de organização dos espaços e a dificuldade em obter conhecimentos de excelência, a valores acessíveis em nosso país, fazendo com que a atividade se distancie de seu objetivo principal: trazer organização para a vida das pessoas, juntamente com o desenvolvimento do empreendedorismo.

Portanto, o problema deste projeto de pesquisa se dá pela seguinte questão: como a Biblioteconomia e a CI, em especial no que diz respeito à Organização e Representação da Informação e do Conhecimento, podem contribuir para o desenvolvimento da área de OR?

Ou seja, pretende-se entender de que forma essa área, mais especificamente pelos conhecimentos coletados sobre taxonomia, podem contribuir com o desenvolvimento da atividade de PO, com foco nos objetos pessoais, tais como: roupas, bolsas, louças, itens de cozinha, escritório, brinquedos etc.; e verificar se essa contribuição pode ser também benéfica para os bibliotecários como possível área de atuação.

1.2 PRESSUPOSTOS

Espera-se com o andamento desta pesquisa entender e aprofundar os elementos que advém da CI e organização dos conhecimentos que podem auxiliar na atividade de PO, tanto na teorização da área, como na prática em projetos. Dessa forma, este texto tem como pressuposto o entendimento de que aspectos teóricos e práticos da área de Biblioteconomia, através dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC`s), contribuem com o desenvolvimento de outras áreas, sobretudo a de OP.

Dentre os ganhos previstos para este profissional, podemos citar mais agilidade no dia a dia de trabalho, visto que o modelo de taxonomia pode ser consultado em caso de alguma dúvida nas relações dos itens. Além disso, a padronização das ideias faz com que este modelo seja visto como um método, o qual será baseado e elaborado por meio de um estudo.

A longo prazo, espera-se ter um aumento no número de interessados no assunto, visando maior desenvolvimento da profissão de OP e maiores possibilidades de contribuição dos bibliotecários, tanto para esta atividade como para tantas outras que necessitem dos conhecimentos deste profissional.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

- Elaborar um modelo de taxonomia para a área de atuação da PO, focando na criação de um método organizacional para o exercício desta área.

1.3.2 Objetivos específicos

- Relacionar conceitos da Biblioteconomia e CI, em especial os conceitos da Organização e Representação da Informação e do Conhecimento com os da área de OR;
- Levantar uma base teórica acerca da criação de uma taxonomia multifacetada;
- Analisar os termos da atividade de PO a serem utilizados na criação da taxonomia.

1.4 JUSTIFICATIVA

Através da observação da lacuna existente na exploração acadêmica no campo da OR, notou-se a necessidade de estudar esta nova atividade em ascensão, relacionando seus conceitos com os estudos na área de Biblioteconomia e da CI, a partir da ideia de que uma das principais competências se refere à Organização da Informação (OI) e Organização do Conhecimento (OC).

A taxonomia é utilizada para a estruturação de informações e é considerada uma importante ferramenta para o entendimento de como uma área do conhecimento é organizada e, principalmente, como essa área se relaciona e interage com outras (AGANETTE; ALVARENGA; ROCHA, 2010).

Por isso, essa pesquisa pode contribuir com o desenvolvimento científico na área de Biblioteconomia e da CI quando sugere utilizar um conhecimento existente em sua área para desenvolver um novo assunto, ainda pouco pesquisado no mundo acadêmico. Ou seja, contribui para organizar conhecimentos de uma nova área utilizando metodologias e ferramentas para essa formulação de origem biblioteconômica.

No quesito social, este trabalho tem como propósito, levar a organização para a vida das pessoas, em todos os ambientes que necessitem de tal concepção, visto que subsidia de

conhecimentos para o desenvolvimento da profissão de OR através do aprofundamento deste assunto no âmbito acadêmico.

Entende-se, portanto, da necessidade em pesquisar sobre este tema e formular um modelo taxonômico para em primeiro lugar, reforçar a importância do profissional bibliotecário no desenvolvimento de outras atividades e promover o crescimento em si desta nova área. Outro fator que contribuiu com a motivação dessa pesquisa é o de entender a atividade de organização, seus processos e suas bases a fim de propor um método referência para o seu exercício.

2. METODOLOGIA

Garces (2010), em seu artigo a respeito da classificação e dos tipos de pesquisas, afirma que existem diversas maneiras de classificá-las, de acordo principalmente quanto a finalidade, ao local onde são realizadas, quanto a abordagem e quanto a teoria filosófica que a fundamenta. Para esta monografia, podemos adiantar que se dá por uma pesquisa aplicada, feita a partir do estudo bibliográfico e documental, com abordagem qualitativa. Trataremos então de resumir cada item citado, a fim de defender os métodos escolhidos.

Segundo a autora, quando a finalidade da pesquisa se dá por propor resoluções de problemas concretos, com soluções mais imediatas e que pretendem atingir as necessidades humanas, dizemos que é uma pesquisa aplicada. Essa, objetiva a aplicação de conhecimentos básicos e produz produtos, processos ou patentes. Este trabalho tende a esta finalidade pois identifica um problema na atividade de PO, que é a falta de padronização e base teórica para seu desenvolvimento, questionando de que maneiras a Biblioteconomia pode contribuir com esta área, além de propor uma solução a partir da elaboração de uma taxonomia facetada navegacional, valorizando a participação ativa de bibliotecários em outras áreas do conhecimento.

A pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em artigos científicos, livros, revistas entre outros materiais acessíveis ao público em geral. Tem como objetivo recolher, selecionar, analisar e interpretar as considerações teóricas já existentes sobre determinado assunto. Esta monografia utilizará informações coletadas em três assuntos para cumprir com seus objetivos já citados. Para tanto, os seguintes capítulos tratarão de coletar:

- 1) Conhecimentos em Biblioteconomia e CI com foco em OI e OC, Teoria do Conceito de Dahlberg e Sistemas de Organização do Conhecimento através da busca em bases de dados para a coleta de artigos e textos: Base de Dados em Ciência da Informação

(BRAPCI), a Scielo e o Google Acadêmico.

- 2) Como base teórica em OR serão pesquisados assuntos como a origem do termo, surgimento da atividade de OP, as possíveis áreas de atuação e os métodos utilizados pelos profissionais. Para isso, serão utilizados livros referência sobre o tema, dentre eles o da autora Marie Kondo (2016), assim como a pesquisa de artigos no Google Acadêmico e o material do curso Home Pro de formação de Personal Organizer, ministrado pela instituição OZ (Organize sua vida).
- 3) O modelo de Taxonomia Facetada será elaborado seguindo os pressupostos de Ranganathan e estudiosos sobre o tema, com foco em Conceitos da Taxonomia, Teoria da Classificação Facetada e a Taxonomia Facetada Navegacional trabalhadas pelas autoras Benildes Coura M. S. Maculan, Elisângela Cristina Aganette. A pesquisa de artigos e textos será feita também na BRAPCI, Scielo e Google Acadêmico.

Como palavras-chave de busca: organização, biblioteconomia, organização profissional, taxonomia e taxonomia facetada; e em inglês: organization, information science, professional organizing e taxonomy.

Com relação à pesquisa ter um ponto de vista da forma de abordagem qualitativa do problema, considera-se que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (MORESI, 2003). Ainda segundo o autor, essa abordagem não requer o uso de métodos e técnicas da estatística, é descritiva e o pesquisador tende a analisar os dados indutivamente.

Após a pesquisa bibliográfica e documental dos assuntos que permeiam as áreas em questão, será elaborado um mini glossário com os termos, ou objetos, encontrados nas residências. A partir do glossário, o modelo de taxonomia será representado por mapas mentais utilizando o software *Mind Meister* e apresentará esses termos, ou seja, o universo das roupas, de forma hierárquica, partindo da categoria mais ampla até suas categorias menores pertencentes e suas facetadas. O estudo das facetadas parte do pressuposto de que cada uma representa uma maneira diferente de organizar os itens.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Para a criação de ferramentas de Organização de Informação e do Conhecimento, como a taxonomia a ser desenvolvida neste trabalho, é necessária uma certa bagagem teórica acerca dos assuntos que permeiam as áreas em questão: OI e OC, SOC's e os conceitos a respeito da atividade de OR.

Desse modo, a partir dos textos coletados e sua compreensão, podemos iniciar o marco teórico de forma a estimular o entendimento das ideias propostas a todos que tenham interesse em qualquer uma dessas áreas, sem necessariamente conhecer a outra previamente.

3.1. ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A fim de entendermos a OI e a OC é necessária a compreensão da diferença entre os conceitos de dado, informação e de conhecimento. Dados são “informações” desestruturadas, fora de um contexto, em forma de símbolos sintáticos quantificáveis que podem ser processados e armazenados em computadores. Já a informação é o dado organizado, em um contexto, espaço e tempo, que por sua vez, faz parte da composição do conhecimento. Este último é construído individualmente, quando a informação é processada pelos processos mentais. Cada pessoa constrói o conhecimento de forma distinta, uma vez que possuem estruturas cognitivas diferentes, além dos aspectos culturais, como preconceitos, crenças, princípios entre outros (SETZER, 1999).

Em outras palavras Fernandez-Molina (1994) defende que [...] os dados são informação potencial, que somente são percebidos por um receptor se forem convertidos em informação e esta passa a converter-se em conhecimento no momento em que produz uma modificação na estrutura do conhecimento do receptor. (1994, p.328 apud BRASCHER; CAFÉ, 2008, p. 2)

Essa ideia de conversão presente na passagem da informação para conhecimento pode ser compreendida por um processo cognitivo, o qual a informação funcionaria como matéria-prima para a produção de conhecimento. É importante destacar também que o conhecimento é dinâmico e está em constante estado de transformação.

Portanto, é possível dizer que apesar de serem dois conceitos parecidos e decorrentes do mesmo processo de criação do conhecimento, ainda são distintos, mas fundamentais para a compreensão da CI. Com isso, ainda é necessário indicar a distinção dos termos OI e OC, trabalhados a seguir.

Segundo Brascher e Café (2008) a OI é um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais e que o produto desse processo é a Representação da Informação (RI). Ou seja, fica evidente que a OI se preocupa com o mundo dos objetos físicos.

A definição de OC se dá pela diferenciação com a primeira, em relação ao seu objeto, o qual este é apresentado como o mundo da cognição. Dessa forma, ao elaborar resumos, classificações e a indexação, entramos em contato com o conteúdo do documento e seus conceitos, já atuando no campo da OC e não mais no de OI.

A ideia dessas organizações como formas de representação conceitual de domínios é explicitada na seguinte afirmação:

Delineamos a OC como o processo de modelagem do conhecimento que visa a construção de representações do conhecimento. Esse processo tem por base a análise do conceito de suas características para o estabelecimento da posição que cada conceito ocupa num determinado domínio, bem como das suas relações com os demais conceitos que compõem esse sistema notacional. (BRASCHER; CAFÉ, 2008, p.8).

Outros autores também localizam no conceito o item fundamental para definir OC. Dahlberg (1993) afirma que essa tem como base as unidades de conhecimento e que, por sua vez, são os próprios conceitos. Nesse mesmo contexto, o autor diz que esta é a ciência que estrutura e organiza sistematicamente as unidades do conhecimento (conceitos) segundo seus elementos de conhecimento (características) inerentes e a aplicação desses conceitos e classes de conceitos ordenados a objetos/assuntos.

Portanto, compreender uma área do conhecimento é também compreender sua terminologia a partir do estudo e definição de seus conceitos e suas relações. Dessa forma, não pode haver conhecimento científico sem a terminologia, isto é, sem um conjunto de termos/conceitos que o expresse. Como ensina Benveniste (1989):

A constituição de uma terminologia própria marca, em toda ciência, o advento ou o desenvolvimento de uma conceitualização nova, assinalando, assim, um momento decisivo de sua história. Poder-se-ia mesmo dizer que a própria história particular de uma ciência se resume na de seus termos específicos. Uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação. Ela não tem outro meio de estabelecer sua legitimidade senão por especificar seu objeto denominando-o, podendo este constituir uma ordem de fenômenos, domínio novo ou um modo novo de relação entre certos dados. O aparelhamento mental consiste, em primeiro lugar, de um inventário de termos que arrolam, configuram ou analisam a realidade. Denominar, isto é, criar um conceito é,

ao mesmo tempo, a primeira e última operação de uma ciência. (BENVENISTE, 1989, p. 252).

Desse modo, entender a Terminologia é fundamental para instrumentalizar teórica e metodologicamente o processo de controle terminológico (vocabulário controlado) e conseqüentemente, as ferramentas de organização do conhecimento. Por último, não é possível existir o conhecimento científico sem a construção de Sistemas de Organização do Conhecimento que promovam sua representação e sua recuperação, assunto que será abordado mais a frente neste trabalho.

3.1.1 Teoria do conceito e a Terminologia

A análise conceitual e a RI têm princípios comuns nos aspectos teóricos que fundamentam a construção de tabelas de classificação e tesouros, por exemplo. A elaboração dessas ferramentas fundamenta-se na Teoria da Classificação Facetada, Teoria Geral da Terminologia, Teoria do Conceito, na Lógica, na Linguística, assim como na noção de gêneros do discurso científico, os quais os conceitos se apresentam relacionados entre si semanticamente.

Este sistema de conceitos está representado em classificações, taxonomias, mapas conceituais, ontologias entre outros. Vale ressaltar que este trabalho se preocupará em trazer aspectos importantes no que diz respeito à Teoria do Conceito, as ideais da Terminologia e os produtos que são fruto deste processo de configuração de uma área do conhecimento.

A Teoria do Conceito de Dahlberg traz a formação dos conceitos como a reunião e compilação de enunciados verdadeiros a respeito de determinado objeto. Ou seja, é necessário fazer um levantamento de termos preferidos na área e o conjunto de informações a respeito deles. Cada conceito possui suas características (ou atributos) e resumidamente temos: o conceito em si, seus enunciados, suas características, seguidos pela hierarquia dessas características que levam a formar as categorias.

A respeito dessas características, temos o que a autora chama de espécies de conceitos: objetivos (plantas, produtos, papel etc.), fenômenos (crescimento, chuva, tráfego etc.), processos (imprimir, sintetizar), propriedades (cego/cegueira) relações (causalidade, necessidade) e dimensão (espaço, tempo, posição). Essas têm como funções a ordenação classificatória dos conceitos e suas definições assim como observar que se dois conceitos

possuem características idênticas, deve-se admitir que entre eles existem relações (DAHLBERG, 1978).

As relações conceituais podem oferecer subsídios teórico-metodológicos importantes e são, segundo Dahlberg (1978), uma “*comparação entre as características dos conceitos*” (DAHLBERG, 1978, p.104), ou seja, as relações se estabelecem a partir das características apresentadas pelos conceitos

É interessante destacar como as relações hierárquicas se apresentam nos conteúdos que permitem ordenar sistematicamente do mais amplo ao mais restrito. Segundo a autora, as relações hierárquicas se dão quando dois conceitos possuem características idênticas e um deles possui uma a mais que o outro. Dentro das relações não-hierárquicas, temos as partitivas, que relacionam o todo e suas partes; as de oposição, de contradição e contrariedade e as funcionais, as quais aplicam-se a conceitos que se referem a processos.

Os conceitos apresentados em um texto podem ser originados pela Linguagem Natural (LN) ou pela Linguagem Documentária (LD). A primeira se dá pelo conjunto de palavras utilizadas por um autor para expressar suas ideias em um documento (GUEDES, 2018). Essa caracterizava as principais iniciativas de produção de catálogos bibliográficos, muitas vezes apresentados em forma de índice. Já na segunda metade do século XIX surgem os Cabeçalhos de Assuntos, listas derivadas da LN do texto, em ordem alfabética de palavras. A autora cita então que:

[...] em 1951, em oposição ao então Cabeçalho de Assunto, Taube introduz o sistema de UNITERMOS, em LN pós-coordenada, representando o assunto por palavras ou termos únicos e criando pontos de acesso múltiplos, na busca. Entretanto, com o sistema de UNITERMO, perderam-se a sintaxe e a semântica dos Cabeçalhos de Assunto. Assim, iniciou-se a criação de recursos, como os elos (A e B) e indicadores de função (ativo e passivo), bem como o uso de remissivas, com a finalidade de evitar falsas coordenações (False Drops). Com o objetivo de representar a informação, preservando a sintaxe e a semântica da LN dos textos, são criados os Tesouros, Linguagens Documentárias artificiais, utilizadas na indexação e recuperação da informação (GUEDES, 2018, p.18).

Já a LD é uma linguagem artificial, utilizada nos sistemas documentários, com a finalidade de controlar as dispersões semânticas e sintáticas que ocorrem na LN. Contribui com a delimitação do domínio conceitual da área, além de apresentar regras prescritivas para seus sistemas de códigos. As LD são consideradas metarrepresentações ou representações

documentárias (DODEBEI, 2002) e instrumentos de controle terminológico, utilizados na RI e na formulação de equações de busca (TÁLAMO; LARA; KOBASHI, 1992).

A Terminologia, portanto, é a área responsável por se ocupar desses termos especializados, composta por um conjunto de princípios que regem a compilação deles, gerados pela prática na produção de discursos voltados para a comunicação científica. Objetiva identificar, na área do conhecimento, os conceitos e, depois, atribuir termos que designe esses conceitos, controlando suas relações dando a cada conceito, uma definição (GUEDES, 2018).

Com sua origem marcada na década de 30, a terminologia tem foco na precisão da linguagem, comunicação inequívoca e sem ambiguidade sobre os assuntos especializados. Além disso, a normalização é consequência deste processo, uma vez que cria um só modelo dos termos próprios de um domínio especializado do conhecimento científico.

Atualmente a International Organization for Standardization (ISO 704:2009) é responsável pelas normas de produção e padronização terminológica e estabelece princípios básicos e métodos para a compilação de terminologias, como também para a formação de designações e definições. Essa se aplica a trabalhos de campos científicos, tecnológicos, industriais, administrativos e outras áreas do conhecimento.

3.1.2 Sistemas de organização do conhecimento

Dahlberg (1978) defende que a OC é a ciência que ordena a estruturação e a sistematização dos conceitos, de acordo com as suas características, que podem ser definidas como elementos de herança do objeto, e a aplicação dos conceitos e classes dos conceitos ordenados pela Indicação de valores, dos referentes conteúdos dos objetos ou assuntos. A partir dessa organização são criadas ferramentas que apresentam a interpretação organizada e estruturas do objeto, chamados de Sistemas de Organização do Conhecimento, ou SOC.

São sistemas conceituais semanticamente estruturados que contemplam termos, definições, relacionamentos e propriedades dos conceitos. Tem como objetivo padronizar a terminologia de uma área do conhecimento, para facilitar e orientar a indexação e os usuários. Podem ter uma estrutura simples ou multidimensional, responsável por eliminar a ambiguidade, obter o controle de sinônimos ou equivalentes além de estabelecer relacionamentos semânticos entre conceitos. Além disso, são essas ferramentas que fazem uma tradução dos conteúdos dos documentos originais e completos, para um sistema estruturado sistematicamente, representando este conteúdo afim de recuperar as informações dos documentos.

Um breve contexto histórico mostra que no final da década de 50 iniciou-se o desenvolvimento e a utilização de sistemas de indexação e classificação por meio de palavras-chave, como os tesouros, definido por Cavalcanti (1978) como “*uma lista estruturada de termos associados empregada por analistas de informação e indexadores, para descrever um documento com a desejada especificidade, em nível de entrada e para permitir aos pesquisadores a recuperação da informação que procuram*” (CAVALCANTI, 1978, p.27).

Já as taxonomias partem do princípio da classificação, pelas semelhanças e diferenças entre as características de um objeto em um domínio, em que os diferentes fenômenos são divididos em classes e subclasses. Esse tipo de ferramenta, como sendo o foco deste trabalho, terá um tópico especial o qual aprofundaremos seus conceitos, finalidades e etapas de construção.

Dentre os SOC's ainda podemos citar as Ontologias, os Mapas Conceituais e as Folksonomias, além dos próprios sistemas de classificação bibliográfica, que foram desenvolvidos com o objetivo de organizar os acervos das bibliotecas facilitando o acesso aos livros e às informações neles contidas. A Classificação Decimal de Dewey (CDD) foi o primeiro sistema de classificação elaborado e influenciou na construção de muitos outros sistemas. Ainda é utilizado por muitas bibliotecas, já foi atualizado diversas vezes e vem sendo mantido pelo comitê editorial da CDD, na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos desde 1972.

Portanto, os SOC's são constituídos de elementos que delimitam uma determinada área do conhecimento, sendo o termo, um desses elementos. Esses termos são subordinados a uma terminologia contextualizada pelo conteúdo informacional dentro de um domínio específico do conhecimento.

3.2 CONCEITUAÇÃO DA ATIVIDADE DE PO

A fim de cumprir os objetivos propostos neste trabalho, é necessário fazer uma breve apresentação da atividade do PO, seu histórico nacional e internacional, além de apresentar sua finalidade e áreas que contemplam o seu exercício.

Por ser vista como uma possibilidade de empreendedorismo, em sua maioria feminino, esta atividade foi escolhida como forma de valorizar este aspecto e conectar futuras bibliotecárias com a ideia de que a organização de residências pode ser um interessante caminho de atuação, aspectos esses que serão trabalhados nesta pesquisa.

3.2.1 Origem do termo

O Termo Personal Organizer vem do inglês Personal = pessoal e organizer = organização. Vale ressaltar que a tradução literal deste termo seria “organização pessoal”, com foco maior no individual, na gestão do tempo, uso de agendas para organizar eventos, produtividade etc. Entretanto, ele é usado no Brasil para designar à atividade de profissional da organização.

Além disso, no português brasileiro usam-se termos como organizador profissional ou até consultor em organização. Sua definição se dá, na maioria das fontes consultada, pela descrição de suas funções e seus objetivos, como expostos a seguir.

Segundo a associação norte-americana National Association of Professional Organizers, (NAPO), a atividade possui dois pilares e a define como:

Um Organizador Profissional suporta avaliação, tomada de decisão e ação em torno de objetos, espaço e dados; ajuda os clientes a alcançar os resultados desejados em relação à função, ordem e clareza.

Um Consultor de produtividade e apoia a avaliação, a tomada de decisões e a ação em torno do tempo, energia e recursos; ajuda os clientes a alcançar os resultados desejados em relação a metas, eficácia e prioridades” (NAPO, 2022, tradução nossa).

Associação Nacional de Profissionais de Organização e Produtividade (ANPOP), responsável por representar o profissional no Brasil, o define por:

[...] aquele que cria condições para uma vida melhor, um especialista em colocar as coisas em ordem, minimizando o tempo e o estresse que a desorganização pode trazer. Ele ajuda na otimização de espaços, encontrando soluções que tragam benefícios para residências e escritórios. Entendendo a vida e a rotina dos clientes, o Profissional ajuda-os a planejar melhor o dia a dia. São muitas as possibilidades de trabalho: organização de armários, roupas, cozinha, área de serviço, documentos, coleções, treinamento de funcionários domésticos. E nas empresas, organização de arquivos, rotinas de trabalho, utilização de ferramentas e aplicativos. Promover o bem-estar onde as pessoas vivem e trabalham, faz parte das atribuições do profissional. (ANPOP, 2022)

Apesar de seu nascimento no Brasil ter ocorrido em 2004, somente em março de 2022 a profissão de PO foi reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), representada a seguir:

3751-30 - Profissional de organização (personal organizer): consultor em organização, organizador profissional.

Descrição sumária: Projetam e executam soluções para espaços internos residenciais, comerciais, industriais visando a estética, o bem-estar, praticidade, harmonização e o conforto. Projetam e criam vitrines, ambientes comerciais, industriais e de eventos, além de produções de moda que destaquem e valorizem o produto; projetam programações visuais com os objetivos de estimular o consumo de produtos e de informar o consumidor; organizam espaços residenciais, corporativos e outros,

aplicando técnicas, ferramentas e metodologias específicas de organização. (Ministério do Trabalho e Emprego, 2022).

3.2.2 Surgimento da atividade de Personal Organizer

A atividade de PO teve seu marco inicial na década de 80. A APOS (Association of Professional Organizers) surgiu depois de um encontro de cinco mulheres que ofereciam os serviços de organização, em 1983, na cidade de Los Angeles, Estados Unidos, que trocaram experiências e decidiram formalizar a união com a criação deste projeto (NAPO, 2022).

No Brasil, ganhou destaque apenas em meados de 2009. Hoje em dia, a profissão possui seu próprio Congresso, o POB (Personal Organizer Brasil) o qual reúne milhares de profissionais anualmente desde 2014 e encontra-se em sua oitava edição neste ano. Se tornou referência em todo o país e no exterior, se consolidando como o principal espaço de *networking* e negócios para profissionais e empresas que atuam no mercado de organização.

Conta também com uma associação, a ANPOP (Associação Nacional de Profissionais de Organização Profissional) que surgiu no ano de 2013 com o objetivo de promover a troca de experiências e conhecimentos entre os profissionais da organização. Além disso, tem como missão “integrar, desenvolver, liderar e promover os profissionais de organização, bem como mostrar a importância e dar credibilidade a esse segmento para a economia do país” (ANPOP, 2022). Atualmente conta com mais de 300 associados e vem lutando para a valorização do profissional no Brasil, assim como em outros países. Internacionalmente, conta com outras associações parceiras, também do universo da OP.

Uma das principais responsáveis por representar essa categoria profissional é a japonesa Marie Kondo, autora de livros sobre o tema e criadora do método *KonMari*, chegou até mesmo a ganhar uma série na *Netflix* sob o título “Ordem na Casa”. Além dela, outras profissionais vêm ganhando destaque nas plataformas de streaming, como as meninas do programa “*The Home Edit*” e várias outras que produzem conteúdo no Instagram, Youtube, Facebook e em seus Blogs. Mais à frente, serão discutidos os diferentes métodos de algumas das principais autoras, mas para isso, devemos primeiramente, entender as áreas de atuação destas profissionais.

3.2.3 Áreas de atuação da Personal Organizer

A PO, portanto, é uma profissional especializada em buscar a praticidade do dia a dia de pessoas e das empresas ao organizar espaços e rotinas de acordo com as necessidades de cada cliente, de modo que a rotina se torne mais prática, funcional e esteticamente interessante.

No site da OZ-Organize sua Vida (c2022), Cristiane Belfiore, renomada no mercado de organização e instrutora do Programa de Formação de Personal Organizer pela instituição OZ!, destaca que a carreira de PO encontra-se em ascensão, crescendo mais de 30% nos últimos 2 anos, além disso, destaca algumas vantagens dessa atividade tais como autonomia de horários e dias a serem trabalhados além da possibilidade de aperfeiçoamento no segmento o qual o profissional mais se identificar e gostar (atendimento à idosos, acumuladores, famílias com recém nascidos, organização corporativa, casas de praia etc.) (ORGANIZE SUA VIDA, c2022).

Este profissional deve ser uma pessoa qualificada em trazer soluções de otimização e organização dos espaços, ter conhecimento das técnicas necessárias e conseguir enxergar e indicar soluções para a casa e para a vida dos seus clientes, deixando-a mais prática e funcional.

Atua na organização de qualquer espaço que necessite de tal transformação, tais como:

- Organização residencial: guarda-roupas, closet, quartos, banheiros, cozinha, depósitos, área e quartos de serviços etc.;
- Organização corporativa: arquivos, mesas de trabalho, sala de reuniões;
- Organização digital: fotografias, documentos, qualquer acervo digital, ferramentas colaborativas;
- Mudanças: planejamento e acompanhamento da mudança, inventário dos itens e organização do ambiente que receberá a mudança;
- Gestantes: cuidados da gestante, incluindo toda a agenda do pré-natal, checklist de itens essenciais de uso durante a gravidez e após a chegada do bebê, organização dos itens e roupas do bebê, adaptações necessárias na residência além do checklist da ida a maternidade;
- Idosos: são oferecidos serviços de organização, focado em um tratamento diferenciado;
- Treinamento de funcionários: pode incluir aulas de lavanderia e passadoria, limpeza da casa, criação de cardápio e manutenção da organização executado na residência;
- Organização pós-luto: envolve principalmente muita empatia com o cliente, o qual pode necessitar de serviços como auxílio do descarte de itens do falecido,

assim como a organização dos itens que ficarem (muitas vezes são tidos como recordação), ou até providenciar a limpeza e a organização do imóvel do falecido;

- Recém-casados: a profissional da organização atua na criação de listas de compras para a casa nova, considerando o que as pessoas já têm ou ganharam, organização da nova casa (a diferença deste caso é que, muitas vezes, as pessoas ainda não moraram juntos, então deve-se pensar na nova rotina a ser implementada assim como a incorporação dos itens que cada um possui separadamente);
- Promover palestras e *workshops*;
- Gestão do tempo e produtividade.

Vale ressaltar que é indispensável fazer um curso profissionalizante que emita certificado para ser mais qualificada a exercer as atividades acima citadas e que a profissional pode, aos poucos, se aprofundar no assunto que mais tenha interesse ou até procurar mais de um curso para aumentar sua cartela de serviços oferecidos. Atualmente temos disponíveis no Brasil diversos cursos reconhecidos, que podem ser feitos presencialmente ou on-line.

3.2.4 Métodos de organização

Como visto anteriormente, hoje em dia temos grandes autoras e produtoras de conteúdo que dedicam suas vidas a disseminar seus pensamentos e suas experiências em organização. É importante salientar aqui que cada uma possui seu método, baseado nos projetos já executados, crenças, aspectos regionais e culturais etc. É interessante observar então cada um a fim de compará-los e entendermos a raiz dos problemas e as soluções sugeridas pelos principais autores.

3.2.4.1 Kon Mari

O método *KonMari* foi criado pela japonesa Marie Kondo, organizadora profissional, autora do best-seller n.1 do *The New York Times* e foi incluída na lista das 100 pessoas mais influentes pela revista *Time*.

Este método consiste nas “seis leis básicas da arrumação” as quais a autora considera um “tratamento de choque” que faz com que a pessoa passe pelo processo, mudando sua maneira de pensar em relação aos itens, fazendo-o de maneira rápida e definitiva, uma única vez. Segundo seu livro “Isso me traz alegria”, a autora destaca essas leis, apresentadas, resumidamente por:

1. Comprometimento ao arrumar: ideia de que o processo deve ser seguido de forma radical, necessitando de tempo e disposição.
2. Imaginar o estilo de vida ideal: momento de visualização do objetivo final ao arrumar a casa e os itens.
3. Terminar o descarte: nesta parte, a autora cita que é necessário dar um fim aos objetos, ao modo que o planejamento do lugar onde colocar as coisas só é feito após a decisão do que será mantido, ao mesmo momento que o que será descartado “*não deve voltar a ser guardado*” (KONDO, 2016, p.16).
4. Organizar por categoria, não localização: a autora defende que uns dois maiores erros que as pessoas cometem é organizar a casa por cômodo. Entretanto, esta abordagem não funciona pois os itens acabam espalhados pela casa, tornando impossível ter a noção da quantidade total dos itens de cada categoria. Por isso, indica começar o processo por juntar todos os itens da mesma categoria, por exemplo todos os itens de vestuário.
5. Seguir a ordem correta: roupas, livros, papelada, *komono* (itens diversos) e, por fim, itens de valor sentimental.
6. Perguntar a si mesmo se isso traz alegria: conceito muito defendido pela autora em todos os quesitos é a sensação de alegria que um item pode fornecer ao seu dono. Visto que cada item significa algo para uma pessoa e somente ela poderá definir o que manterá na casa e o que vai ser descartado. A autora cita ainda que “*é importante tocar o objeto e [...] que você não está escolhendo o que descartar e sim o que manter*” (KONDO, 2016, p.19).

É importante pensar que este método para organização de residências leva em consideração a ação do próprio dono dos itens, de forma a realmente ter uma interação com o momento e ser o responsável por todas as etapas do processo. O papel da PO seria então o de aconselhar e fazer uma consultoria a esse cliente. Além disso, Marie Kondo diferencia os conceitos de arrumação e limpeza, onde cada uma tem um foco e uma origem: “*arrumar tem a ver com objetos e limpar, com sujeira*” (KONDO, 2016, p. 24).

3.2.4.2 Oz - os Quatro C's da Organização

Segundo o curso de *Personal Organizer Home Pro*, ministrado pela instituição OZ - Organize sua Vida, existem alguns princípios básicos da organização, onde diferenciam-se os conceitos de arrumar e organizar. Arrumar tem a ver com: deixar o ambiente bonito, agradável,

foco no estético, é subjetivo e a solução é impessoal. Já na organização, busca-se os aspectos: funcionalidade, praticidade, a lógica, o racional e a solução individual dos problemas. O curso também cita 4 processos necessários à organização, dentre eles:

- 1- Consolidar: fase de planejamento, a qual é responsável pela avaliação das informações pessoais e técnicas dos ambientes (visita de avaliação e questionários) além do entendimento dos objetivos e da complexidade do projeto de organização a ser realizado. Nesta fase também estão presentes os critérios de descarte dos itens e a limpeza do local;
- 2- Categorizar: fase ativa da organização, onde os itens são separados de acordo com: sua função, cor, utilidade, frequência de uso ou pelo seu formato, material, peso, proprietário ou valor;
- 3- Concretizar: identificar seguindo um critério lógico, através do uso de etiquetas escritas, fotos ou desenhos e/ou cores;
- 4- Conservar: fase a qual objetiva manter a organização através da rotina e da disciplina dos responsáveis e o pensamento de uma possível revisão. Esta pode ocorrer devido a uma não adaptação ao método ou produto utilizado na organização, mudança de necessidade (devido a chegada de um bebê, reforma, mudança etc), um desejo de renovação ou a adequação de novas tecnologias.

Podemos citar também que, assim como a autora Marie Kondo, o curso indica seguir uma ordem de organização dos itens de um closet, começando “de cima para baixo”: maleiro, cabideiros, gavetas, prateleiras e nichos, sapatos e bolsas e por fim, os acessórios.

Além disso, o curso mostra diversos manuais de planejamento operacional e boas práticas em cozinhas, banheiros, quarto infantil, área de serviço entre outros.

3.2.4.3 Fly Lady

O método *FlyLady* foi criado por Marla Cilley e propõe aconselhamento para serviços residenciais com utilização das ferramentas GTD e *BabySteps*. É uma metodologia de limpeza e organização da casa e leva em seu nome *FLY* a mensagem *Finally Loving Yourself* (traduzindo como finalmente amando a si mesmo).

Esse método é baseado em rotinas e em 15 minutos diários de trabalho. Os *BabySteps*, ou passos de bebê, levam em conta que a casa não ficou bagunçada do dia para a noite e da mesma forma não será organizada tão rapidamente. Portanto, as rotinas devem ser incorporadas

aos poucos e se tornarem hábitos. O site disponibiliza um calendário de 30 dias em que cada dia possui uma tarefa nova a ser realizada na casa, como por exemplo:

Dia 1: deixar as pias brilhando

Dia 2: arrumar-se para ficar em casa

Dia 6: destralar um *hotspot* (local que acumula a bagunça) por somente 2 minutos

É importante destacar que, para muitas pessoas, as tarefas podem até serem consideradas pequenas, rápidas demais e sem sentido, mas a criadora deste método deixa claro que os Baby Steps são importantes para diminuir o tamanho da organização. Ou seja, levando em consideração que a organização pode ser um processo árduo e cansativo, esse método o torna mais fácil e rápido, atacando a raiz do problema aos poucos.

Além disso, a autora sugere que tenha uma divisão da casa em cinco zonas, a qual determina os dias da semana para focar em uma delas:

Zona 1: entrada, varanda e sala de jantar

Zona 2: cozinha

Zona 3: banheiro principal e quarto extra

Zona 4: quarto principal, banheiro e closet

Zona 5: sala de estar e sala de TV

O método *FlyLady* se diferencia do da Marie Kondo uma vez que incorpora os hábitos de limpeza e organização aos poucos enquanto a autora japonesa indica iniciar o projeto de organização da casa toda de uma vez, somente dividindo o processo de acordo com os tipos de itens (roupas, documentos etc.). Ao mesmo tempo, os dois métodos têm em comum a valorização da limpeza dos ambientes e o fato de o próprio dono da casa ser o responsável por processar a organização, sendo uma transformação pessoal e conseqüentemente, do ambiente.

3.2.4.4 O estudo dos métodos de organização

Um compilado desses métodos e experiências em projetos de organização, resumidamente, trazem aspectos como:

- Triagem: momento em que o cliente, com o auxílio do profissional de organização “dá fim” às suas roupas e coisas, ou seja, são separadas categorias como: doar, vender, consertar ou jogar no lixo. Esta etapa, geralmente muito temida pelos clientes, é de suma importância para que os itens que fiquem sejam os que a pessoa realmente gosta e usa, como defende Marie Kondo (2016).

Vale ressaltar que o ideal é que os itens que não permaneceram mais na casa, saiam logo após a decisão, pois dessa forma, evita-se aquela pilha de “limbo” e as coisas podem eventualmente voltar ao local de origem.

- Categorização: nesta fase, os itens que permaneceram na casa são finamente separados por suas categorias. No closet por exemplo, separa-se as blusas, calças, roupas de academia, roupas de banho, recordações etc. Deve-se levar em consideração os materiais (casaco de lã grossa), a função (aquecer) e seu uso (esporádico, inverno pesado).

- Espaço: com os itens devidamente categorizados, verifica-se o volume de cada categoria, para assim, pensar em como serão exibidos no local de destino (dobrados, pendurados, em prateleira, gavetas). O material, função e uso também é levado em consideração no momento da guarda, pois os lugares possuem valores diferentes, ou seja, não se pode ocupar um lugar que tenha muito valor, com algo que se usa pouco. Para exemplificar, podemos pensar no casaco de lã do item anterior, este provavelmente será guardado no alto ou até em outro ambiente. Novamente, é necessário entender o cliente e os usos que cada um tem dos próprios itens. A lógica da organização deve ser estudada em cada cliente e ambiente, visto que cada um tem sua particularidade.

- Dobra e contenção: o profissional da organização deve buscar dobras que melhor se adequem ao lugar destinado, levando em conta a largura e a profundidade do ambiente. Além disso, considera-se que não há um jeito certo nem errado de dobrar os itens, mas sim, aquele que funciona melhor para cada cliente, de forma que ele consiga visualizar todos os itens e mantê-los organizados. Podemos contar com diversos tipos de dobras, como em arquivos, em pilhas, cascata. Os itens que não são dobrados, devem possuir algum tipo de contenção, com o auxílio de produtos organizadores, para que não fiquem “espalhados” pelos ambientes. Por exemplo, a gaveta de itens de escritório deve possuir divisões para que os lápis não se misturem com os elásticos ou grampos.

- Identificação: o último passo do processo da organização é identificar os espaços organizados. O mais importante nesta etapa é fazer com que o cliente ou a pessoa que mantém a organização encontre os itens e seus lugares de retorno. É importante destacar aqui que esse cliente pode ser uma criança, por exemplo. Em ambientes e casas que estimulam a criança na guarda dos itens, como brinquedotecas ou as próprias roupas, e essa não saiba ler, é interessante fazer a identificação com desenhos.

Algumas profissionais costumam fazer uma visita de retorno para avaliar se a organização está funcionando para os moradores, de forma a fazer modificações e ajustes. Além

disso, a PO pode oferecer também os serviços de manutenção da organização sempre que necessário, comumente feito semestralmente ou anualmente.

3.3 RELAÇÕES ENTRE A ÁREA DE BIBLIOTECONOMIA E A ATIVIDADE DE PERSONAL ORGANIZER

Seguindo a ideia proposta para este trabalho, pensaremos em como isso se relaciona com a Biblioteconomia e como o bibliotecário pode contribuir com essa atividade.

As duas atividades têm muito em comum, apesar de cada uma tratar de objetos diferentes. Na biblioteconomia, o principal objeto de estudo e organização é a informação e seu suporte como cita Martins *“organizar, representar e recuperar a informação tem sido – e ainda é – organizar, representar e recuperar seus respectivos suportes, como documentos e, mais recentemente, também dados”* (MARTINS, 2019, p. 49). Isso se apresenta ao organizar os livros e documentos de acordo com seu assunto e, conseqüentemente, o conhecimento. Por isso, *“os elementos observados no trabalho de Personal organizer são estudados na ciência da informação, que é alimentada por diferentes áreas do conhecimento”* (ABIB, 2018 p.31).

No tópico anterior a este, foram abordados os métodos e processos de organização nos espaços residenciais e podemos enxergar que na Biblioteconomia, essas etapas são muito semelhantes. Isso ocorre pois quando organizamos qualquer item, sendo um livro em uma biblioteca, um documento em uma base de dados, ou um item pessoal dentro de uma casa, deve-se extrair informações a seu respeito, compará-lo com outro afim de observar suas combinações e diferenças e colocá-lo em uma categoria com seus respectivos semelhantes. Após essa análise, o item deve ser guardado em um local apropriado, visível, possa ser facilmente acessado e ter condições ideais de preservação e conservação além de ser representado de alguma maneira. Essa representação na Biblioteconomia se dá pelo processamento técnico e criação das fichas catalográficas e na OR, pelas etiquetas coladas nos armários, por exemplo.

O aspecto de personalização também é trabalhado nas duas atividades. Na Biblioteconomia e CI, todos os processos são focados nos usuários, demandando dos bibliotecários a realização de um estudo de usuários que aquele centro de informação atende. Já nos acervos pessoais, a PO foca no cliente, no dono daqueles itens, tendo noção da usabilidade e funcionalidade, assim como do seu cotidiano, aspectos que podem ser reconhecidos em uma visita técnica ou até por uma conversa pelo telefone. Características essas que podem mudar de projeto para projeto, assim como de uma unidade de informação para outra. Resumidamente, o caráter de personalização é levado em conta em todas as etapas do

processo de organização, sendo o usuário ou cliente o responsável por “moldar” como a UI e o projeto de organização funcionarão.

Outro ponto a ser comparado entre as duas áreas é o da seleção e aquisição do acervo. Na Biblioteconomia e CI, essa também feita através do estudo dos usuários, buscando solucionar as necessidades informacionais latentes ou previstas, além de levar em conta o contexto. Já no projeto de organização de residências, a PO é a responsável por auxiliar na triagem dos itens já existentes no acervo, ou na compra de novos artigos, de forma a levar em conta suas necessidades, neste caso não de informações somente, mas de produtos em si.

Além disso, a Recuperação da Informação é parte essencial das duas áreas, visto que o objetivo de ter os itens organizados é o de encontrarmos o mesmo quando necessário. Isso ocorre tanto no contexto das informações e do conhecimento, como em uma residência.

Não podemos deixar de lado o caráter de formação permanente entre as duas atividades. Visto que as duas atuam com informações que estão em constante transformação, é necessária também, constante atualização. Esta pode ser feita formalmente (cursos) ou até informalmente através da leitura de livros, artigos de periódicos, congressos e em associações profissionais (eventos esses de grande prestígio tanto na área de Biblioteconomia e CI quanto na de PO, já citados anteriormente).

Pode-se concluir, portanto, que, além das duas atividades se relacionarem entre si, nos quesitos teóricos e metodológicos, uma pode contribuir com o desenvolvimento da outra. é importante ressaltar aqui que a respeito do bibliotecário, Gabriel Naudé (1600-1653) cita que seu objetivo principal é promover o uso público e a comunicação entre os homens, além segundo Ortega de ter o papel de filtro que se interpõe entre a torrente de livros e homem.

Atualmente, os papéis do bibliotecário são mais amplos e complexos. Dentre eles podemos destacar o aumento da visibilidade da OR através da apresentação do assunto para o público interessado. Esta atividade em ascensão no Brasil pode ser trabalhada em diversas áreas correlatas, assim como Arquitetura, Design de Interiores, Engenharia, Informática entre outras. O bibliotecário, sendo a ponte entre a informação e o usuário, tem o poder de influenciar pessoas, passar informações relevantes além de fomentar qualquer área do conhecimento, da forma mais didática e interessante possível.

Mais uma evidência de que a Biblioteconomia e CI pode contribuir com o desenvolvimento desta atividade é a criação de terminologias de áreas do conhecimento assim como a elaboração de sistemas que representam esses conhecimentos, característica essa valorizada neste trabalho e que servirá de apoio à construção de uma taxonomia para a atividade de PO.

Vale destacar neste tópico a monografia de Cleide V. Abib apresentado em 2018 para a graduação de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal Fluminense (UFF) o qual apresentou a história da empresa Milla Organiza, uma bibliotecária que também exerce atividade de PO. Abib fez uma entrevista com Milliane Azevedo que tirou importantes conclusões acerca da vantagem de ser bibliotecária ao trabalhar com a OR:

A biblioteconomia é um diferencial positivo, principalmente se o trabalho for executado em empresas ou com documentos. Ser bibliotecária traz credibilidade. De qualquer forma, nem sempre o serviço exige um excesso de aprofundamento teórico, se executado em residências, mas ainda assim o olhar de um bibliotecário é um *plus*. Assim como no trabalho normalmente executado por bibliotecários, ao executar suas atividades como Personal Organizer, é adicionado o olhar sobre o objeto como sendo informação. (ABIB, 2018, p.45).

Além disso, é importante destacar em como a análise facetada por ser um componente interessante ao organizar um closet, assim como a recuperação da informação, na situação descrita a seguir:

Um exemplo prático da importância de um critério para organização é um closet onde uma cliente busca opções de blusas que mais combinam com uma saia, para sair num passeio numa feira ao ar livre, na Cidade do Rio de Janeiro no mês de março. Como todas as suas roupas foram separadas por cores, essa cliente se perde na busca, pois não consegue localizar somente as camisetas, que são as mais adequadas as altas temperaturas da estação, além destes modelos se encontrarem espalhados por todos os grupos de cores. Este exemplo mostra como a não observância do tipo de roupa e da sazonalidade prejudicaram na recuperação da informação necessária para o cliente. A compreensão da representação da informação através da Análise Facetada é um componente que em diversos casos, mesmo os de pequenas proporções, auxilia na construção de uma organização. Parafraseando a entrevistada, é colocar cada coisa em seu lugar (ABIB, 2018, p.45).

Mais uma vez, o aspecto da personalização se destaca nas duas atividades e torna-se necessário nessas ou em qualquer profissão o conjunto dos conhecimentos adquiridos e muita empatia com o cliente, de modo a entender suas dores, procurar soluções cabíveis e aplicá-las da forma mais conveniente e inteligente possível. Portanto, o trabalho de PO é intrínseco a formação dos profissionais de organização, especificamente ao trabalho do bibliotecário.

4. MODELO DE TAXONOMIA DE OBJETOS TRIDIMENSIONAIS

Até aqui, este trabalho tratou de conceituar as duas áreas do conhecimento, de forma objetiva e pontuando os principais assuntos de interesse para a construção do modelo de taxonomia. Portanto, o objetivo deste capítulo é conceituar a Taxonomia, a Teoria da Classificação Facetada, além de propor o modelo de Taxonomia Facetada para a atividade de organização de residências.

4.1 INTRODUÇÃO AOS CONCEITOS DE TAXONOMIA E A TEORIA DA CLASSIFICAÇÃO FACETADA

O termo taxonomia tem sua origem no grego táxis (ordem) e onoma (nome) e surgiu do campo de estudo da Biologia que trata da classificação lógica e científica dos seres vivos, fruto do trabalho do médico e botânico sueco Carolus Linnaeus. Na CI começou a ser estudada por conta dos ambientes Web através das formas automatizadas de criação da informação, como em portais corporativos, bibliotecas digitais e recentemente, em sites de instituições governamentais com o intuito de servir de instrumento para a organização e recuperação da informação.

Segundo o Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (CUNHA, CAVALCANTI, 2008), uma taxonomia é o estudo teórico das bases, leis, regras e princípios de uma classificação e, em adição, Lima e Maculan (2017) afirmam que ela é composta de um conjunto de termos arranjados em hierarquias representando o domínio modelado, que organiza conceitos segundo as suas semelhanças e diferenças. As autoras também exemplificam o mapeamento do conhecimento de um domínio e o estabelecimento de um rótulo para as informações disponibilizadas, como algumas de suas funções.

Segundo Terra et al (2005), uma taxonomia pode ser definida como “um vocabulário controlado de uma determinada área do conhecimento, e, acima de tudo, um instrumento ou elemento de estrutura que permite alocar, recuperar e comunicar informações dentro de um sistema sob uma premissa lógica”. Assim, no contexto da CI, o autor conceitua taxonomia como um sistema para classificar e facilitar o acesso à informação. O autor acrescenta ainda que, para obter êxito, as taxonomias têm como objetivos:

- Estabelecer categorias gerais
- Coletar e representar os conceitos por meio de termos;

- Agilizar a comunicação entre especialistas e outros públicos;
- Encontrar o consenso;
- Controlar a diversidade de significação;
- Construir relacionamento semântico entre os termos, através de relações hierárquicas, de equivalência, e de associação; e
- Oferecer um mapa da área que servirá como guia em processos de conhecimento.

Portanto, as taxonomias buscam estabelecer categorias para a informação e apresentam os relacionamentos semânticos entre os termos, assim como, instituem uma estrutura para a navegação. Possibilitam ao usuário fazer parte do processo de construção, apresentando uma estrutura flexível, respondendo as necessidades de informação de ambientes específicos, com vistas à recuperação eficaz.

O conceito de taxonomia conhecido atualmente é fruto de um processo histórico iniciado pela Biologia, com a Taxonomia dos Seres Vivos de Linneaus e dois séculos depois, na Pedagogia com a Taxonomia de Bloom. Na CI, Vickery (1960) foi o responsável por definir a taxonomia como instrumento de organização do conjunto de entidades de um domínio em uma simples hierarquia.

Desde então, a taxonomia foi sendo usada para diversos fins, pois tem a capacidade de esclarecer os tópicos complexos de um domínio e facilitar a compreensão do mesmo. Ela é usada para estruturação de informações e considerada uma importante ferramenta para o entendimento de como uma área de conhecimento é organizada e, principalmente, como essa área se relaciona e interage com outras (AGANETTE; ALVARENGA; SOUZA, 2010). São características de uma taxonomia: ter uma lista estruturada de termos; termos organizados hierarquicamente; permitir a navegação através de seus termos estruturados; aceitar agregação de dados; explicitar o modelo conceitual do domínio que representa e ter um mecanismo de busca e recuperação de informações (CAMPOS; GOMES, 2008).

Segundo Conway et. al (2002) as taxonomias podem ser de três tipos:

- 1) Descritiva: consiste em vocabulários construídos a partir de um tesouro com o auxílio de palavras, ortografias, formas e dialetos variantes para que o usuário tenha maior liberdade ao buscar determinado assunto;
- 2) Navegação: envolve conjuntos de informações e pretende encontrar informações através do comportamento do usuário mediante o uso de navegadores (browsing);

3) Gerenciamento de dados: conjunto de termos controlados com significância particular e específica.

Pode-se dizer então, que as taxonomias trabalham como mapas conceituais para os recursos de informação de um domínio, utilizadas como orientação permitida pela estrutura de termos que dão acesso aos tópicos de interesse do usuário, para a navegação em um serviço de recuperação da informação (CAMPOS; GOMES, 2008).

A partir do entendimento básico de uma taxonomia, conceitos apresentados anteriormente, podemos introduzir a taxonomia facetada, com respaldo das ideias propostas por Ranganathan e sua Teoria da Classificação Facetada, visto que essa será a principal fonte para a elaboração da taxonomia da área de OR proposta por este trabalho.

Ranganathan (1967) iniciou seu pensamento a respeito do conhecimento de forma multidimensional e ilimitada, ou seja, que as representações do conhecimento fosse elaboradas de forma a promover um constante crescimento, ao possibilitar novas adições (ramificações) de assuntos ou ilimitadas subdivisões da ciência, como citam Maculan e Aganette (2018):

Ranganathan (1967) usou a ideia da *Árvore Baniana*, um tipo de figueira indiana, que se espalha por uma grande área, enviando galhos para o solo. Os galhos criam raízes e formam vários troncos. Essas raízes são aéreas e crescem do tronco principal, tornando-se novos troncos adicionais. Nesse tipo de representação, não há apenas relacionamentos hierárquicos, pois, essa árvore sugere a ideia de que os assuntos (classes mais abstratas) podem ser relacionados uns aos outros de diferentes, complexas e imprevistas maneiras, gerando novas classes, em um sentido multidimensional. Desse modo, esse modelo configura uma representação simbólica para o domínio, como um organismo vivo, no qual o conhecimento está em constante transformação, sofrendo ramificações e desenvolvimento ao longo do tempo. (MACULAN; AGANETTE, 2018, p.52)

Segundo as autoras, a TCF possui alguns conceitos principais que necessitam de clara compreensão, sendo eles:

- Categorias fundamentais: grandes classes, que abrangem os conceitos mais gerais ou mais abstratos, como PMEST (Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo);
- Faceta/classe: manifestações das categorias fundamentais, reunindo conceitos que tem determinada característica em comum;
- Subfacetas/subclasses (ou arrays): grupos de termos coordenados, obtidos pela divisão de um assunto por um mesmo princípio;
- Isolado: cada componente ou indivíduo, obtido a partir da divisão de uma faceta, antes de serem reunidos em facetas e subfacetas;
- Foco: é um isolado já acomodado na estrutura facetada, porém sem a relação com outros termos;

- Divisão: processo pelo qual uma faceta se decompõe em diferentes focos. Ex.: pela forma (redondo, triangular) ou pelo estilo (barroco, pós-moderno);
- Renques: divisão horizontal de conceitos apresentados a partir de uma característica em comum. Ex.: genéricos e partitivos;
- Cadeias: divisão sucessiva de um mesmo assunto, de forma vertical.

Vale destacar aqui as categorias fundamentais propostas por Ranganathan (1967), chamadas de PMEST, essenciais ao se pensar em um domínio do conhecimento:

- Personalidade: assunto ou entidade
- Matéria: composição do assunto ou objeto
- Energia: ação ou processo
- Espaço: localização geográfica
- Tempo: período

PMEST se destaca por ser um sistema menos rígido e hierárquico, além de serem aplicáveis em qualquer campo de universo de assuntos. Para Campos e Gomes (2003), as categorias fundamentais são capazes de abranger todos os objetos independente de sua natureza. Também permite a classificação de acordo com sua natureza conceitual. Assim como nas categorias de Aristóteles, é o contexto que estabelece relação entre elas.

Portanto, a taxonomia ser facetada é o mesmo que dizer que foi estruturada em facetas, dimensões, aspectos ou atributos e, é composta por um conjunto de taxonomias onde cada uma delas descreve o domínio sob um aspecto diferente (TZITZIKAS etc al., 2006).

Benildes Coura M. S. Maculan e Elisângela Cristina Aganette (2018) fizeram um compilado de procedimentos da TCF necessários para a construção de uma taxonomia facetada, a partir dos textos de Ranganathan (1967) e de Oliveira (2018). Este trabalho levará em conta esses conceitos para a criação dessa ferramenta.

Aplicando então a TCF na construção de taxonomias facetadas as autoras sugerem os seguintes procedimentos:

1. Examinar os recursos informacionais para identificar o domínio, o propósito e o público-alvo.
2. Definir a linguagem a ser usada, o nível de especificidade dos assuntos e o tipo de navegação que será usada.
3. Estabelecer as características e/ou atributos do conteúdo (a partir dos recursos de informação) para a formação das facetas.
4. analisar e distribuir os rótulos específicos nas diferentes facetas, sem que

eles se sobreponham (mutuamente exclusivos);

5. utilizar o método da análise facetada para a formação de assuntos e determinação de rótulos, atendo-se aos princípios de Dissecção, Desnudação e Laminação;

6. estabelecer relacionamentos de hierarquia, a partir da representação <isA> (é um), conforme norma ISO 25964-1 (2011): aplicação de outras características divisionais do 1) Plano das Ideias: Cânone das Características: Diferenciação, Relevância, Verificação, Permanência, Homogeneidade, Mútua Exclusão; e do 2) Plano Verbal: Cânones do Contexto, da Enumeração (ordem sequencial do assunto), da Atualidade (terminologia atual) e da Restrição (conceito/assunto/atributo aceito no domínio);

7. ordenar e agrupar os assuntos e levantamento das facetadas dando origem às subfacetadas, observando os princípios de Ranganathan: utilizar as Categorias Fundamentais do PMEST e os Cânones do Plano das Ideias: Formação de Arrays: Exaustividade; Formação de Cadeias; Modulação;

8. determinar a ordem de apresentação no sistema de classificação facetado, para a organização da estrutura hierárquica (das facetadas e subfacetadas), observar os princípios de Sucessão relevante, Sucessão consistente e Sequência útil;

9. validar a estrutura e fazer a readequação quando e onde necessário.

A taxonomia facetada se preocupa então em representar um domínio segmentado em facetadas, sendo que em cada facetada, há uma hierarquia e as possíveis relações entre as facetadas podem indicar uma multidimensionalidade de um termo (MACULAN, 2014). Já a taxonomia navegacional facetada é capaz de facilitar o acesso a conteúdos específicos dos resultados de pesquisa, sendo importante para este trabalho o conceito de navegação como sendo uma técnica de caráter intuitivo, utilizada para acessar um conjunto de informações.

Ainda segundo a autora Benildes Coura Maculan (2014), é correto afirmar que uma navegação facetada é o procedimento que o usuário realiza, percorrendo, interativamente, um conjunto de informações que estão ordenadas em facetadas, de tal forma que possibilitam combinações multidimensionais, com o objetivo de encontrar um conteúdo. Trazendo esses conceitos para o universo da organização de residências, este processo nada mais é do que uma pessoa (cliente) em busca de seus itens (peças de roupas), que expressam informações, em um acervo (pessoal).

Podemos ainda, definir a palavra “documento”, em seu sentido mais amplo, como sendo qualquer unidade informacional, impressa ou não, passível de catalogação ou indexação,

seja qual for a sua natureza ou suporte, ou seja, as peças de roupas, neste projeto, são consideradas documentos, no contexto da organização.

4.2 PRESSUPOSTOS E CARACTERÍSTICAS DO MODELO DE TAXONOMIA NAVEGACIONAL FACETADA DO VESTUÁRIO

O modelo proposto neste trabalho tem foco no universo das roupas, tendo em vista que não é cabível desenvolver uma taxonomia da casa toda somente em uma monografia. Além disso, vale destacar que também não será o foco deste trabalho desenvolver a taxonomia do assunto “organização residencial” e sim, como os objetos são organizados nesta área e entender suas facetas, pela visão de um profissional da organização.

É de acordo com essas facetas que o PO escolhe qual maneira se adequa melhor ao seu cliente, de acordo com o aspecto da personalização como já citado anteriormente. Por isso, é importante que essa taxonomia facetada seja clara e que possibilite futuras adequações.

Ao entender as categorias de roupas, suas características e seus usos pelos clientes, conseguimos determinar o melhor lugar para organizá-las. Essa análise é parte essencial do processo de organização, pois é nesta fase em que se “desenha” o espaço a ser organizado, definindo os lugares para cada coisa. Reforçando: é de extrema importância entender sempre o contexto e o cotidiano da pessoa cujos itens serão organizados, caso contrário, a organização pode não funcionar, não se manter ou até reduzir a praticidade, cenário este que vai contra os resultados buscados pela organização.

Seguindo o passo a passo proposto por Benildes Coura M. S. Maculan e Elisângela Cristina Aganette (2018), iniciamos a construção do modelo a partir da consulta dos recursos informacionais para identificar o domínio, o propósito e o público-alvo. Entendemos que os dois primeiros pontos já foram abordados neste trabalho e, o público-alvo a quem se destina as teorias e a taxonomia deste trabalho são: os POs, seus clientes e ainda, aos desenvolvedores de softwares que a utilizarão como base.

Um mini glossário (disponível neste trabalho em anexo) da área de OR também foi desenvolvido ao longo desta produção para facilitar o entendimento da mesma, visto que é um instrumento necessário no processo de criação de uma taxonomia, conforme salienta Araújo (2018) ao dizer que o desenvolvimento de uma SOC com estrutura mais elementar (glossário) contribui de forma significativa para o desenvolvimento de SOC's com estrutura complexa, como tesouros, ontologias e, portanto, taxonomias. Este glossário consiste em uma lista de termos e suas definições, servindo de base para a construção de outros instrumentos pois, ao

definir os termos de um domínio, sua categorização e organização ficam mais fáceis e fluidas. Portanto, por se tratar de um processo de criação de um Vocabulário Controlado, utilizaremos da LN para recorrer aos termos preferidos.

Para citar os itens que geralmente estão presentes em um *closet* ou armário de roupas, foram elaborados mapas mentais no software *Mind Meister*, para destacar os itens e suas categorias, de forma a proporcionar uma visualização geral do conteúdo e contribuir com a construção da taxonomia. A lógica desses mapas mentais assim como da taxonomia no geral é apresentada na figura 1:

Figura 1 – Lógica da taxonomia



Fonte: elaborado pela autora.

Analisando a figura 1, temos a categoria maior, localizada no centro do mapa (em azul) que é o conjunto de peças do vestuário que possuem uma similaridade, um padrão e, por isso, foram agrupadas. Portanto, podemos dizer que o nível de especificidade do modelo contemplará até a subcategoria secundária e, a navegação do modelo se dá pela Navegação Facetada.

Como exemplo podemos citar a categoria “terceira peça”. Dentro desta categoria temos suas subcategorias primárias e secundária, ou seja, os itens que fazem parte dela, em ordem hierárquica. Seguindo o exemplo das terceiras peças, o casaco é um tipo de peça de roupa usada como sobreposição (subcategoria primária) e na sequência, os casacos fechados (subcategoria secundária). A lógica desta taxonomia mostra como os itens se organizam de forma hierárquica no universo das roupas, mas além disso, apresenta as facetas de cada categoria, organizando as subcategorias em diferentes perspectivas.

Em seguida, será apresentada a taxonomia em formato de planilha, elaborada na ferramenta *Excel*, destacando os termos e suas relações. Para isso, foram utilizadas as siglas que representam essas relações:

TG – Termo geral

TE – Termo específico

TR – Termo relacionado

UP – Usado para

USE – Usar

A partir disso, podem compreender as classificações que as roupas têm, de acordo com suas perspectivas ou facetas, como citado anteriormente:

- Modelo: tem a ver com a modelagem das peças, assim como seu estilo, geralmente reconhecido intuitivamente através da comparação entre os diferentes modelos. Um exemplo que diferencia dois modelos pode ser a altura da blusa, quando temos um cropped ou uma camisa social. Dentro dessa faceta, temos duas subfacetas, que são os modelos Padrão, os Detalhes, Formato e Tamanho, presentes em algumas peças do vestuário. Sobre a primeira subfaceta, podemos entender como os itens que já possuem uma modelagem e um nome padrão, como a jaqueta, que é um tipo de casaco com seu corte, materiais e aviamentos pré-determinados. Já a segunda subfaceta, temos algumas características que as peças podem ter, como os botões, o tipo da gola ou as mangas e que podemos escolher agrupar por esses detalhes.

- Material: é a composição usada para fazer a peça, podendo ser de tecido natural ou sintético, palha etc. Vale acrescentar algumas considerações sobre os materiais, faceta presente em todos os itens da taxonomia. Foi feito um breve estudo sobre os tipos de tecidos e suas composições a partir do livro da autora Pezzolo (2021), com a finalidade de contextualizar o profissional ou qualquer interessado, visto que consideramos uma faceta importante na hora de organizar certos itens. Não é necessário decorar todos os tipos, mas uma breve apresentação pode facilitar o entendimento dos tipos de tecido, pois como cita a autora:

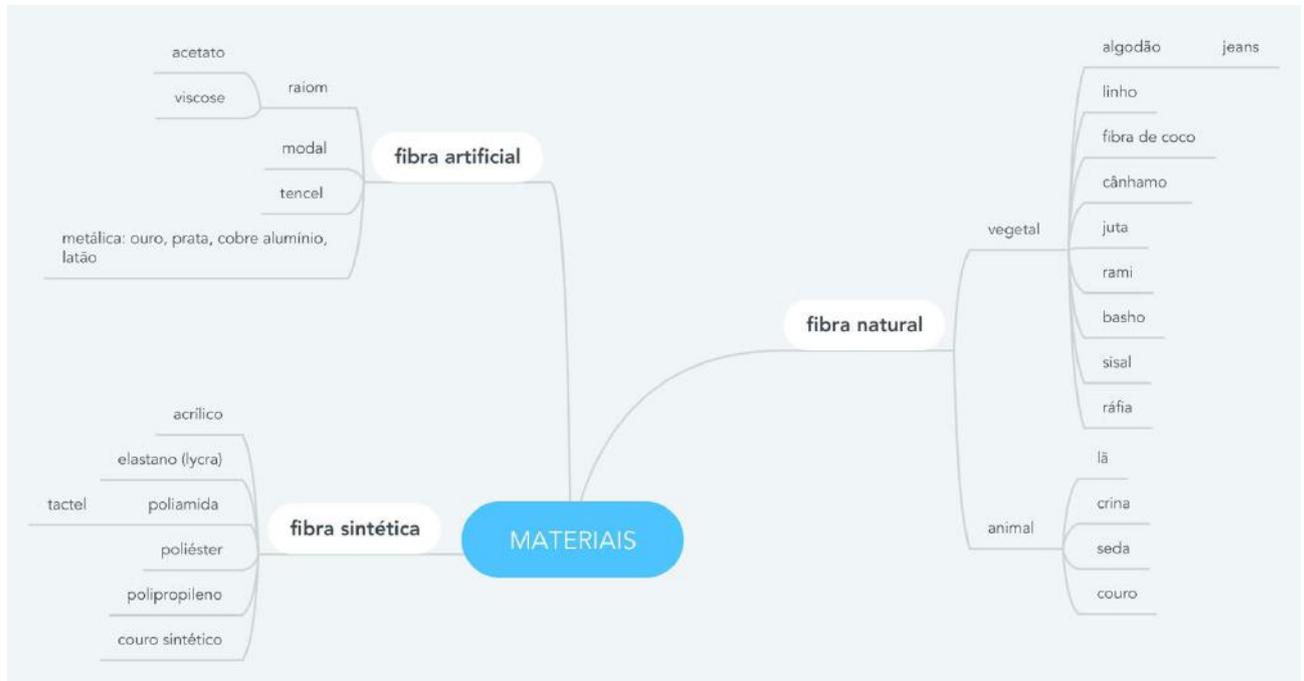
[...] que outra coisa nos acompanha dia e noite, durante toda a vida, do nascimento à morte, se não os tecidos? Variam na textura, na forma de apresentação, mas vestem o mundo todo e aparecem em todas as casas, sejam como utilidade ou decoração. Poderíamos até dizer que uma casa sem tecidos é como um jardim sem flores. (PEZZOLO, 2021, p.9).

A partir desta bibliografia, podemos demonstrar aqui, resumidamente, como é a estrutura dos tecidos, suas composições e tipos. Os nomes dos tecidos se dão de acordo com a sua natureza da fibra têxtil e ao seu tipo de tecelagem e podemos dizer que existem três classificações gerais dos tecidos em relação a sua origem: as fibras naturais, fibras químicas artificiais e as fibras químicas sintéticas.

As fibras naturais são aquelas que advém de algum vegetal ou animal. Podemos aqui citar o algodão, o linho e a seda. As fibras químicas artificiais são fibras naturais modificadas em laboratório, que possuem algum tratamento artificial, dentre elas, podemos citar a viscose,

o modal e o lionel. Já as fibras químicas sintéticas são advindas do petróleo ou minerais, como o náilon, o tactel (poliamida), a lycra (elastano) entre outros.

Figura 2 – Fibras e matérias-primas de alguns materiais



Fonte: adaptado de Pezzolo.

É importante analisar esses fatores anteriormente à taxonomia pois não é interessante destacar nela todos os materiais existentes e sim, os mais encontrados no universo das roupas e seus acessórios.

- Uso (ocasião, função): diz respeito ao uso que as pessoas fazem de tal objeto ou, no nosso caso, das peças de roupas. Por exemplo, um avental pode ser usado por uma pessoa na cozinha, e por outra, para a prática de um artesanato.

- Cor: é o agrupamento dos itens que possuem a mesma cor ou cores parecidas, seguindo uma sequência preferida pelo organizador ou pelo cliente. Trouxemos como exemplo uma sequência de cor proposta pela PO Rafaela Oliveira, do Instagram Organize sem frescuras.

Figura 3 – Exemplo de sequência de cores na organização



Fonte: Pinterest

Vale acrescentar que, apesar de mostrarmos uma “sequência preferida”, fica a critério do PO e/ou do cliente escolher a que mais agrada visualmente, uma vez que cada casa possui um acervo de roupas de determinadas cores e tons que combinam melhor entre si e fiquem mais harmônicas. Novamente, a organização não se preocupa em criar regras, mas sim, possibilitar padrões e processos a serem escolhidos pelo profissional e adaptá-los para cada cliente.

- Marca: Louis Vuitton, Dior, Chanel entre outras. A respeito das marcas, não utilizaremos essa faceta na taxonomia em si, mas é interessante citar neste trabalho, pois o PO pode se ver em uma situação em que a cliente deseja organizar as bolsas, por exemplo, pelas marcas (acervo de luxo, principalmente).

Apresentaremos as facetas de cada categoria, assim como as suas categorias menores em mapas mentais. Essas figuras serão apresentadas na seguinte sequência:

- 1) Estrutura do vestuário, mostrando as categorias, de forma geral, com destaque na cor azul para categorias que necessitam de outra figura com suas subcategorias (por exemplo “blusa”), facetas e subfacetas;

2) A seguir, os respectivos itens destacados em azul dos vestuários, suas subcategorias, facetas (em branco) e subfacetadas (em lilás), além da taxonomia em formato de planilha.

3) Algumas figuras que tem a faceta “Uso” e suas respectivas categorias com destaque na cor verde para categorias que necessitam de outra figura com suas subcategorias e facetadas.

4) Itens destacados das facetadas “Uso”, suas respectivas categorias, facetadas e a taxonomia em formato de planilha.

Partimos do pressuposto que não é possível destacar todos os modelos, materiais, cores e usos existentes em todas as situações, por isso, a taxonomia aqui presente foca em procurar os principais itens e peças de roupas mais comuns de serem encontradas em uma residência. Além disso, a taxonomia é construída de acordo com os aspectos interessantes a serem observados no momento da organização, ou seja, o mapeamento dos objetos não engloba todos as peças e os modelos existentes e, sim, as características que podem ser escolhidas para organizar.

4.3 O MODELO DE TAXONOMIA NAVEGACIONAL FACETADA DO VESTUÁRIO

Neste capítulo, será apresentada o modelo proposto por esta monografia, tratando-se de uma Taxonomia Navegacional Facetada voltada para os objetos presentes no universo do Vestuário. Começaremos então com a figura que representa esta categoria e suas subcategorias pertencentes, com a finalidade de estruturar o que seria uma organização física de um espaço com esses itens.

Figura 4 - Estrutura da categoria “Vestuário” e suas subcategorias



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 1 – Categorias do “Vestuário”

VESTUÁRIO		
	TE	PARTE DE CIMA
	TE	PARTE DE BAIXO
	TE	PEÇA ÚNICA
	TE	ACADEMIA/ESPORTE
	TE	ROUPA DE BANHO
	TE	ROUPA ÍNTIMA
	TE	ACESSÓRIOS
	TE	CALÇADO

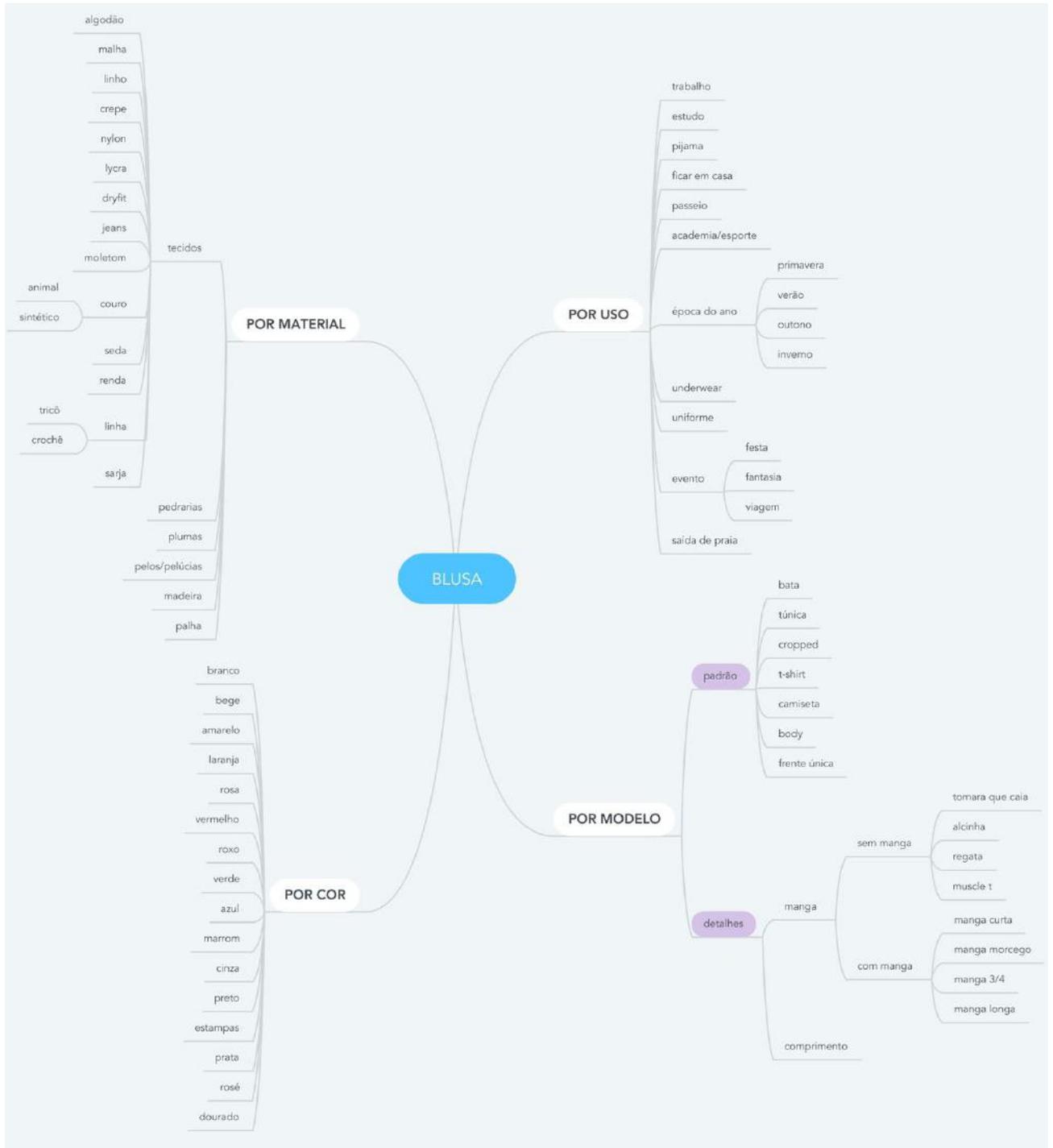
Fonte: elaborado pela autora.

A figura 4 apresenta a estrutura do vestuário que geralmente encontramos nas residências e podem ser caracterizadas segundo o seu uso ou a parte do corpo que envolve. É essa estrutura que se espera alcançar no processo de organização, aliada à marcenaria disponível e as particularidades de cada cliente.

Nesse contexto, temos como pressuposto que as diferentes categorias não devem ser “misturadas” entre si, a não ser quando essa seja uma vontade ou necessidade do cliente. O objetivo desta categorização é promover um “lar” a cada item, de forma que este fique junto da sua família e/ou de outros itens correlatos.

Portanto, a partir desta primeira divisão hierárquica podemos seguir com o modelo de taxonomia proposto. Começaremos pela categoria “roupas de cima” que são as peças de roupa que cobrem parte ou inteiramente a região do tronco, colo e braços.

Figura 5 - Facetas da categoria “Blusa”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 2 - Objetos da categoria “Blusa”, representados na taxonomia pela faceta Modelo

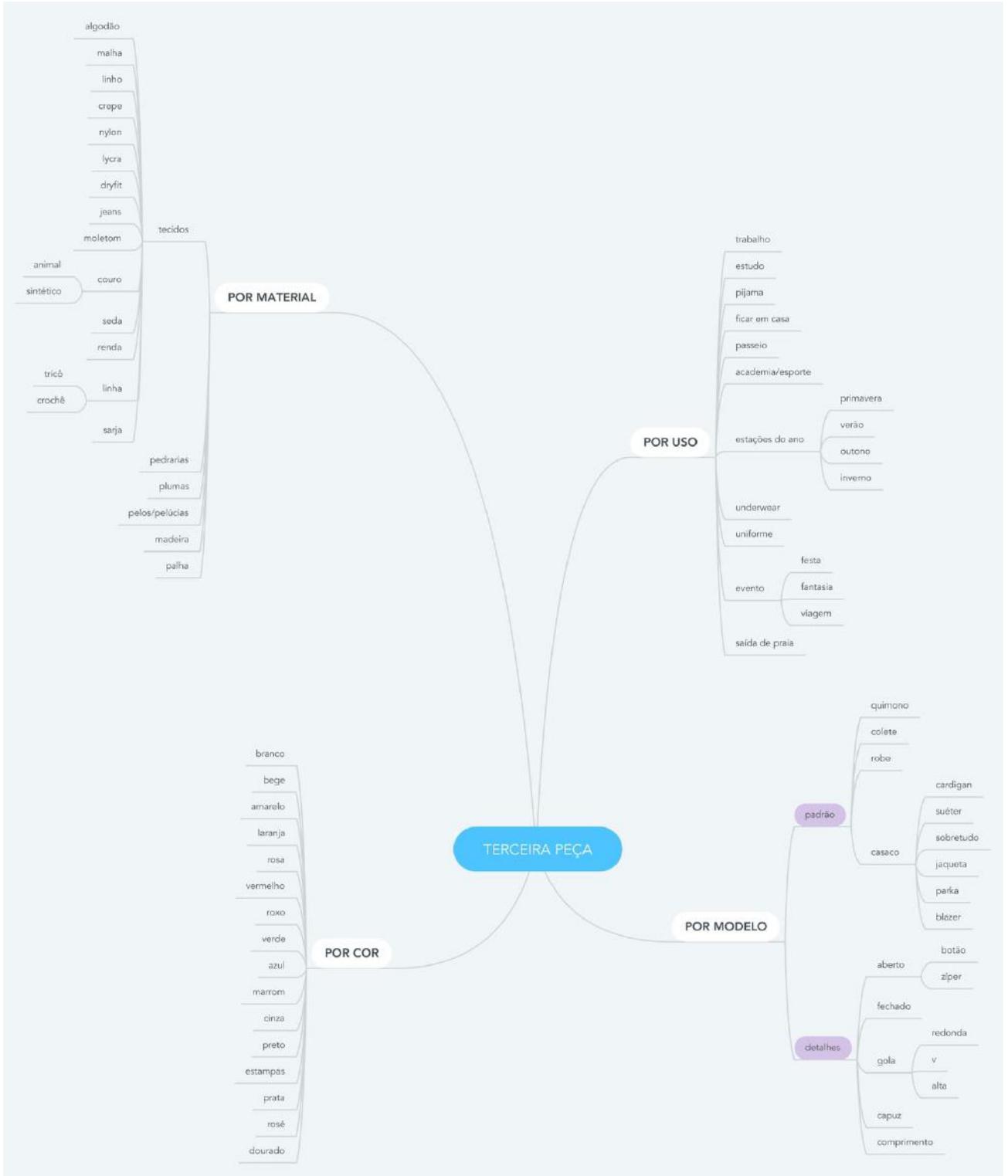
PEÇA SUPERIOR	USE	PARTE DE CIMA
ROUPA QUE ENVOLVE O TRONCO	USE	PARTE DE CIMA
PARTE DE CIMA		
	UP	PEÇA SUPERIOR
	UP	ROUPAS QUE ENVOLVEM O TRONCO
	TE	BLUSA
	TE	TERCEIRA PEÇA
BLUSA		
	TG	PARTE DE CIMA
	TE	PADRÃO
	TE	DETALHES
PADRÃO		
	TG	MODELO
	TE	BATA
	TE	TÚNICA
	TE	CROPPED
	TE	T-SHIRT
	TE	CAMISETA
	TE	CAMISA
	TE	BODY
	TE	FRENTE ÚNICA
DETALHES		
	TG	MODELO
	TE	MANGA
	TE	COMPRIMENTO
MANGA		
	TG	DETALHES
	TE	SEM MANGA
	TE	COM MANGA
SEM MANGA		
	TG	BLUSA
	TE	TOMARA QUE CAIA
	TE	ALÇA
	TE	REGATA
	TE	MUSCLE T
COM MANGA	TG	BLUSA
	TE	MANGA CURTA
	TE	MANGA MORCEGO
	TE	MANGA 3/4
	TE	MANGA LONGA

Fonte: elaborado pela autora

Na figura 5 temos representadas as facetas da categoria “blusa” a qual pertence ao grupo maior “parte de cima” como mostrado na figura 4. O universo das blusas possui grande variedade de modelos, cores, materiais e usos. É segundo essas características que agrupamos certas blusas e as organizamos de forma lógica e que funcione para o cliente.

Quanto aos modelos, podemos entender pela figura que o que mais define a blusa é a sua manga, seu comprimento e o corte da modelagem. A blusa *cropped* caracteriza-se por ser mais curta na região da cintura e, ao pensarmos onde armazenarmos, podemos juntar todos os *croppeds* e ainda fazer uma segunda categorização a partir da manga, colocando mais um atributo, podemos ainda juntar as cores, na sequência desejada. Neste cenário, utilizamos de várias facetas e subcategorias existentes para organizar de uma forma que fique prática e funcional para a cliente e isso pode modificar de acordo com o acervo existente.

Figura 6 – Facetas da categoria “Terceira peça”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 3 - Objetos da categoria “Terceira peça”, representados na taxonomia pela faceta Modelo

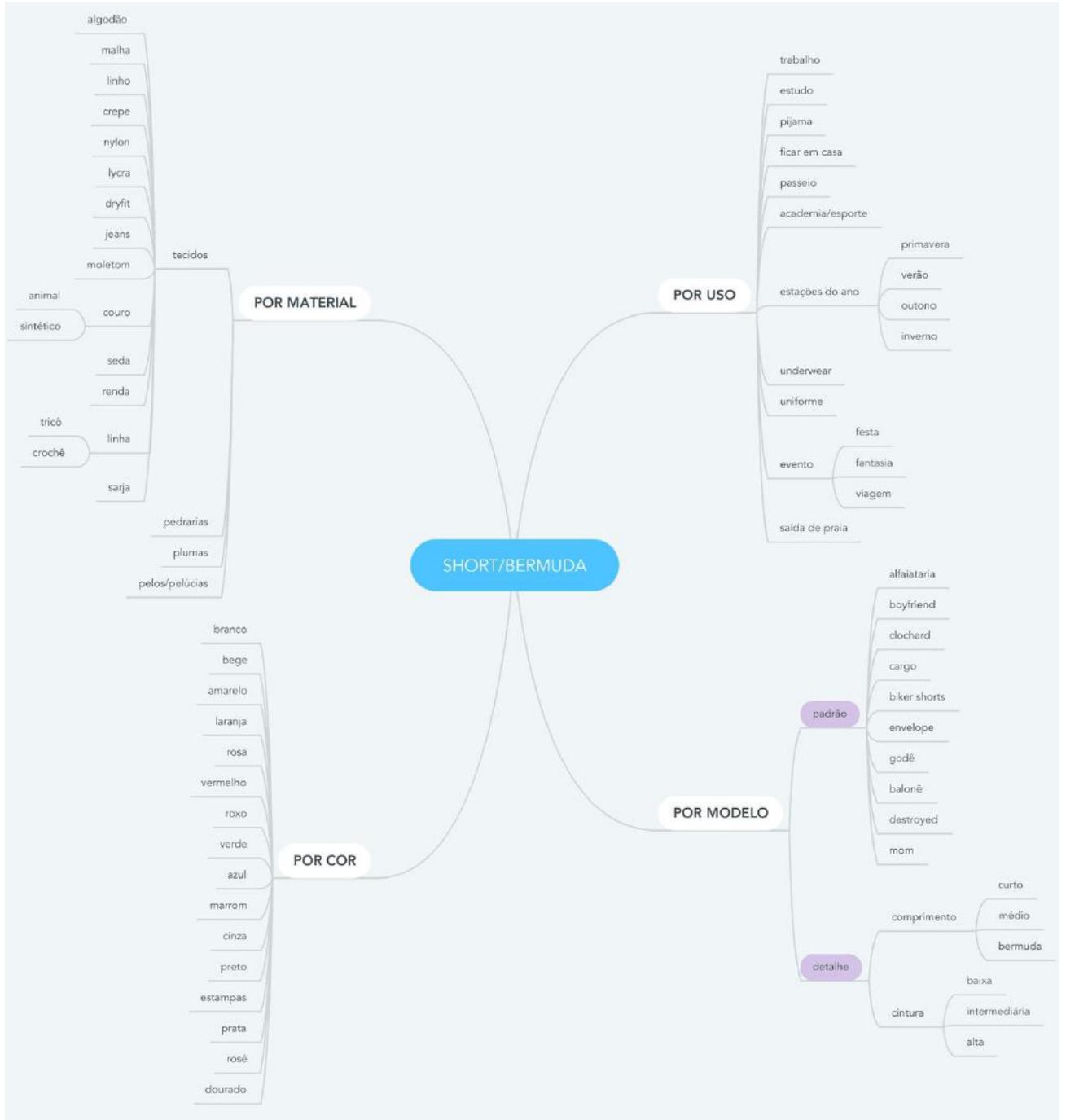
TERCEIRA PEÇA		
	TG	PARTE DE CIMA
	TE	PADRÃO
	TE	DETALHES
PADRÃO		
	TG	MODELO
	TE	QUIMONO
	TE	COLETE
	TE	ROBE
	TE	CASACO
CASACO		
	TG	PADRÃO
	TE	CARDIGAN
	TE	SUÉTER
	TE	SOBRETUDO
	TE	JAQUETA
	TE	PARKA
	TE	BLAZER
DETALHES		
	TG	MODELO
	TE	ABERTO
	TE	FECHADO
	TE	GOLA
	TE	CAPUZ
	TE	COMPRIMENTO
ABERTO		
	TG	DETALHES
	TE	BOTÃO
	TE	ZÍPER
GOLA		
	TG	DETALHES
	TE	REDONDA
	TE	V
	TE	ALTA

Fonte: elaborado pela autora.

A leitura desta taxonomia nos mostra que a categoria maior “terceira peça” possui diferentes modelos e detalhes. Os casacos podem ser subdivididos ainda através dessas características em relação ao: capuz, à gola, à abertura e o comprimento. Quando o casaco possui gola, é comum que ela seja alta, redonda ou em v. Quando o casaco é considerado aberto, ele pode ou não possuir dispositivos que servem para fechá-lo, sendo esses o botão e o zíper.

Na organização, podemos apresentá-los pelo modelo e por alguma outra faceta, como por exemplo jaquetas pelo material (couro e jeans) ou até casaco aberto e fechado separados também pelo material, como lã e moletom.

Figura 7 – Facetas da categoria “Short/bermuda”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 4 - Objetos da categoria “Short/bermuda”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

PEÇA INFERIOR	US E	PARTE DE BAIXO
ROUPAS QUE ENVOLVEM O QUADRIL E AS PERNAS	US E	PARTE DE BAIXO
PARTE DE BAIXO		
	UP	PEÇA INFERIOR
	UP	ROUPAS QUE ENVOLVEM O QUADRIL E PERNAS
	TE	SHORT/BERMUDA
	TE	SAIA
	TE	CALÇA
SHORT/BERMUDA		
	TG	PARTE DE BAIXO
	TE	PADRÃO
	TE	DETALHES
PADRÃO		
	TG	MODELO
	TE	ALFAIATARIA
	TE	<i>BOYFRIEND</i>
	TE	CLOCHARD
	TE	CARGO
	TE	<i>BIKER SHORTS</i>
	TE	ENVELOPE
	TE	GODÊ
	TE	BALONÊ
	TE	<i>DESTROYED</i>
	TE	<i>MOM</i>
DETALHES		
	TG	MODELO
	TE	COMPRIMENTO
	TE	CINTURA
COMPRIMENTO		
	TG	DETALHES
	TE	CURTO
	TE	MÉDIO
	TE	BERMUDA
CINTURA		
	TG	DETALHES
	TE	BAIXA
	TE	INTERMEDIÁRIA
	TE	ALTA

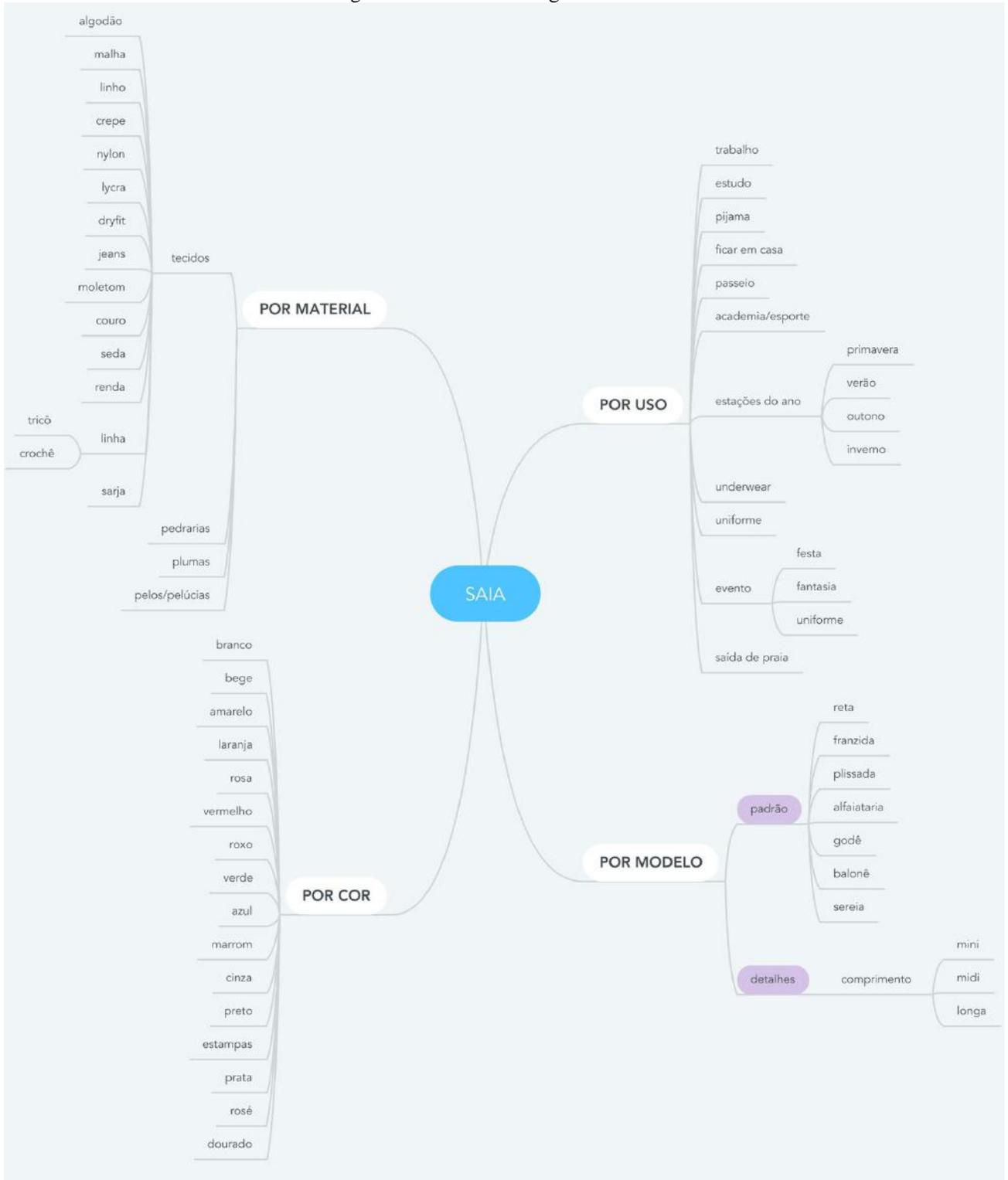
Fonte: elaborado pela autora.

A figura 7 demonstra as facetas da categoria “short/bermuda” a qual faz parte das peças de roupa que envolvem a parte de baixo do corpo (quadril e pernas). Portanto podemos focar aqui em observar as modelagens que podemos encontrar no universo dos shorts e bermudas, como por exemplo as peças de alfaiataria, que tem tecidos e cortes específicos e por consequência, usos específicos.

Como exemplo, podemos observar os shorts jeans, esses ficam juntos entre si na organização, a não ser que se faça algum uso específico para um ou mais deles, indicado pelo cliente. Outro exemplo são os shorts de linho, que são agrupados por demonstrarem ter o mesmo tecido e mesmo estilo de roupa, também pressupondo que tenha o mesmo uso. Novamente, o objetivo da organização dos itens é fazer com que o cliente encontre seus itens com facilidade, a partir do estabelecimento de uma lógica de organização, que funcione para a pessoa.

Outro atributo que pode ser usado na organização é o comprimento da peça. Muitas vezes, essa forma é adotada por se tratar de uma valorização da estética, assim como a escolha das cores. Organizando os shorts e bermudas pelo comprimento pode ocorrer ao pendurá-los no cabideiro, onde se escolhe a ordem como crescente (short curto à bermuda) ou decrescente (da bermuda ao short curto).

Figura 8 – Facetas da categoria “Saia”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 5 - Objetos da categoria “Saia”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

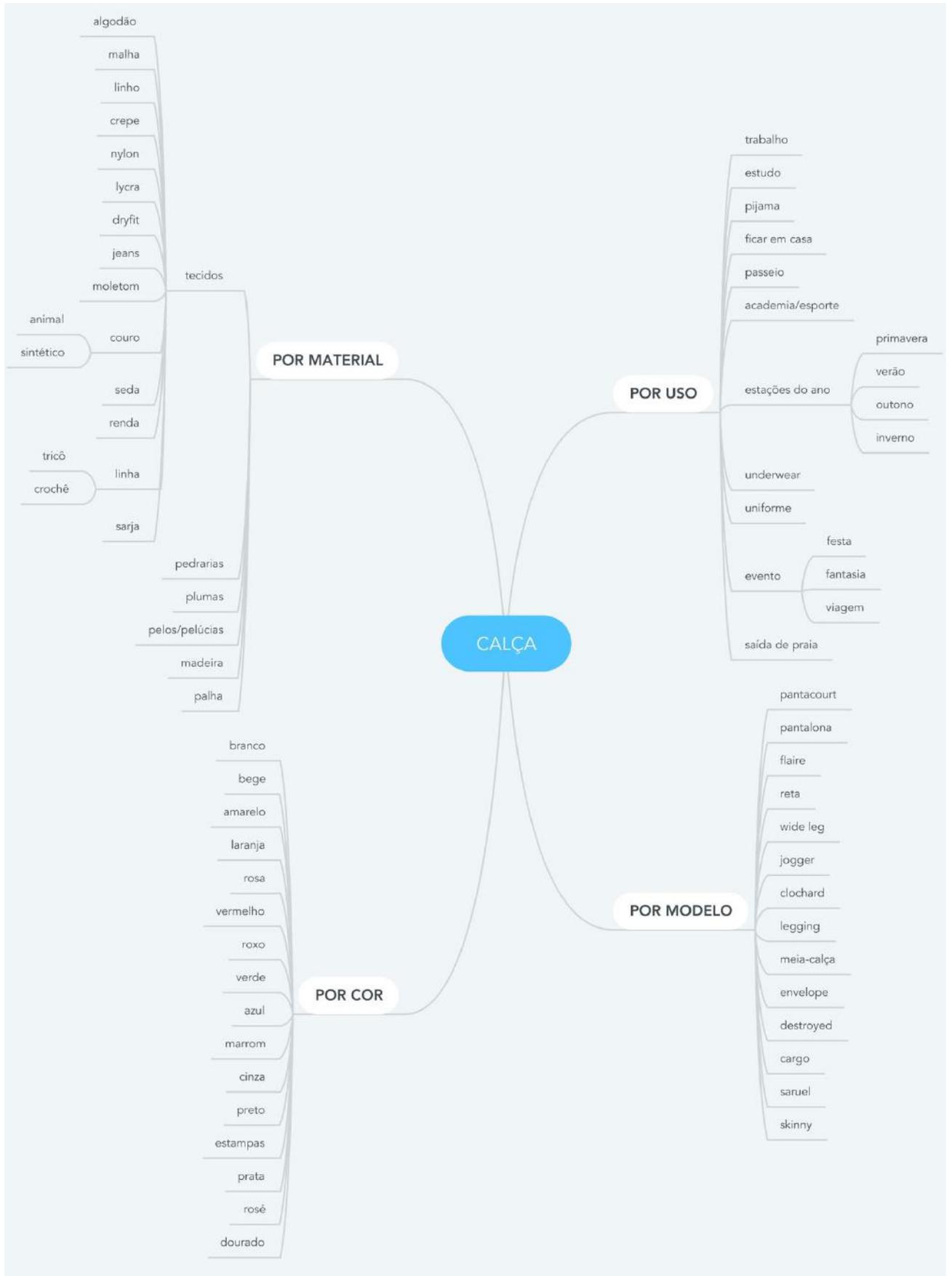
SAIA		
	TG	PARTE DE BAIXO
	TE	PADRÃO
	TE	DETALHES
PADRÃO		
	TG	MODELO
	TE	RETA
	TE	FRANZIDA
	TE	PLISSADA
	TE	ALFAIATARIA
	TE	GODÊ
	TE	BALONÊ
	TE	SEREIA
DETALHES		
	TG	MODELO
	TE	COMPRIMENTO
COMPRIMENTO		
	TG	DETALHES
	TE	MINI
	TE	MIDI
	TE	LONGA

Fonte: elaborado pela autora.

As saias são peças do vestuário que envolvem as pernas a partir da cintura podendo ser curtas, midi ou longas e ter os mais variados detalhes, cortes e estilos. Muito usada em épocas mais quentes quando possuem tecidos mais frescos como o algodão ou o linho e em estações mais frias quando são feitas no couro, por exemplo. Seus modelos dizem respeito principalmente ao comprimento e aos cortes feitos na modelagem, que podem ser retos, godê, sereia, entre outros. Não foram abordadas todas as modelagens pois a prática da organização demanda outro atributo.

Na organização, a divisão das saias geralmente é feita pelo comprimento, valorizando o aspecto visual e também por ser uma maneira intuitiva da cliente de encontrar a saia que procura. Dentro da categorização das saias pelo comprimento, é interessante separar pela cor, estampas e também pelos tecidos. Se a cliente tiver um número grande de saias de couro, por exemplo, é interessante fazer uma categoria só deste material.

Figura 9 – Facetas da categoria “Calça”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 6 - Objetos da categoria “Calça”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

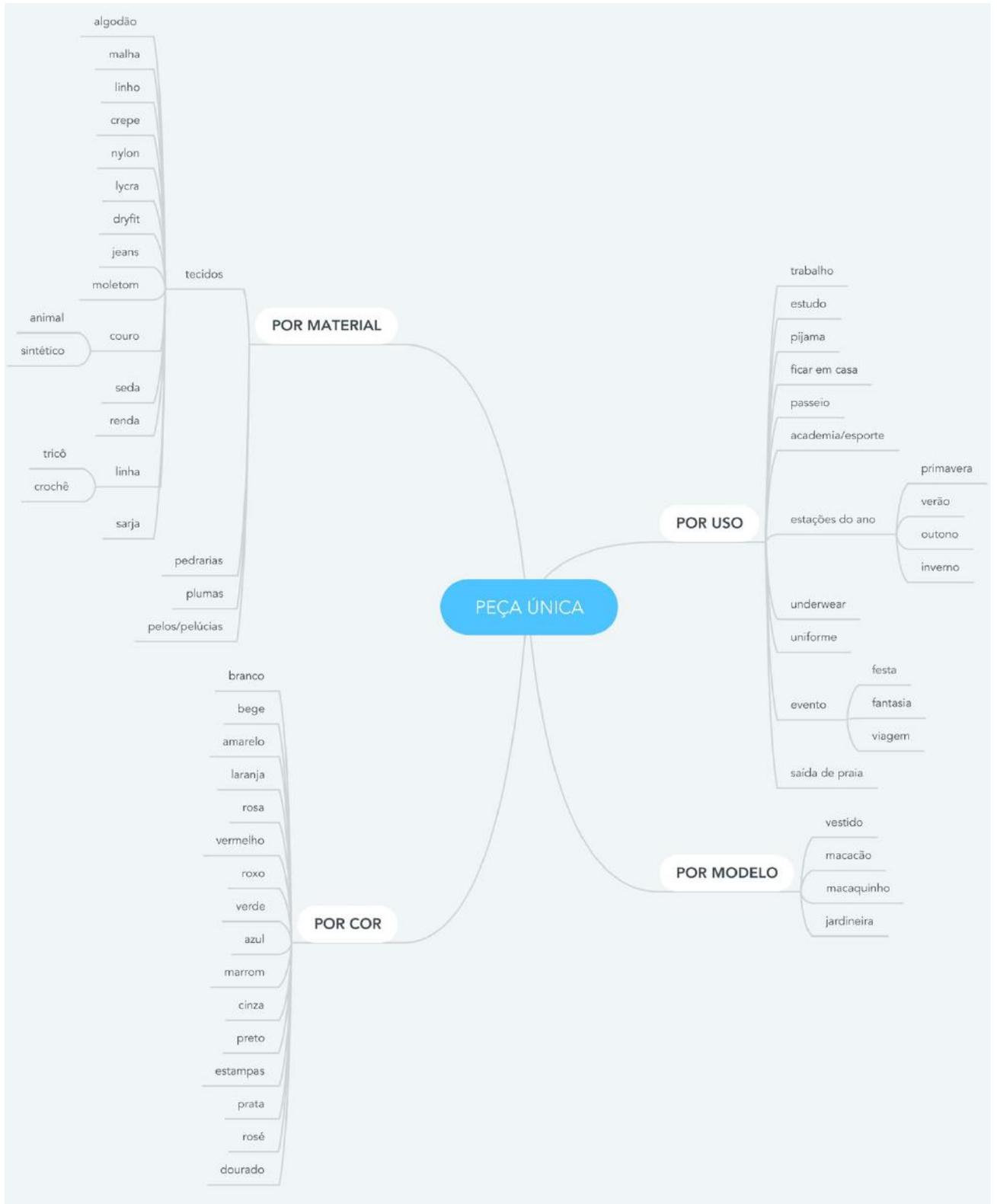
CALÇA		
	TG	PARTE DE BAIXO
	TE	<i>PANTACOURT</i>
	TE	PANTALONA
	TE	FLAIRE
	TE	<i>WIDE LEG</i>
	TE	RETA
	TE	<i>JOGGER</i>
	TE	<i>CLOCHARD</i>
	TE	<i>LEGGING</i>
	TE	MEIA-CALÇA
	TE	ENVELOPE
	TE	<i>DESTROYED</i>
	TE	CARGO
	TE	SAROUEL
	TE	<i>SKINNY</i>

Fonte: elaborado pela autora.

Nesta categoria, a prioridade foi demonstrar os possíveis modelos a serem encontrados no universo das calças. Apesar das facetas principais da organização das calças serem o material e a cor, estão explicitados os modelos para fins de consulta eventual, pois entendemos que nem sempre elas serão organizadas separando pelas modelagens (a não ser que seja um pedido do (a) cliente, ou que tenha muitas calças de cada). Porém, isso não é algo buscado pela organização na maioria das vezes, pois pode fazer com que sua manutenção se torne muito difícil.

Portanto, valorizamos aqui a divisão dos modelos juntamente com o material e a cor, pois, além de ficar mais fácil de visualizar, fica mais harmônico, visto que geralmente o cliente busca essa junção de facetas ao se vestir. Um exemplo desse processo seria a cliente procurar uma calça *flaire* de linho (por se tratar de material e modelo considerados mais frescos e com o estilo leve) ou buscar uma calça de alfaiataria preta (com o estilo mais formal).

Figura 10 – Facetas da categoria “Peça única”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 7 - Objetos da categoria “Peça única”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

PEÇA ÚNICA		
	TE	VESTIDO
	TE	MACACÃO
	TE	MACAQUINHO
	TE	JARDINEIRA

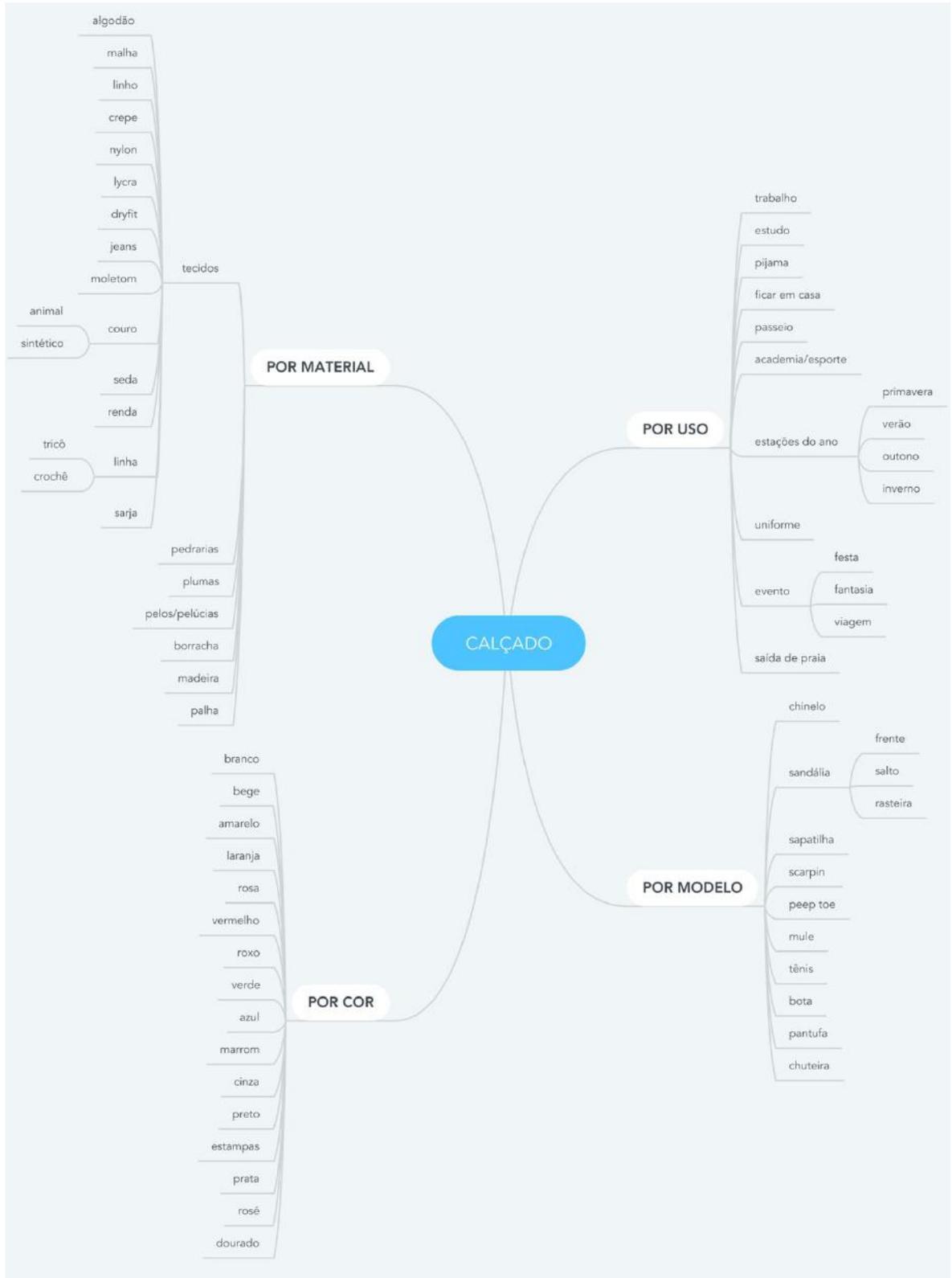
Fonte: elaborado pela autora

A peça única é entendida como a peça que envolve o corpo todo ou pelo menos o tronco e o quadril. Nesta categoria podemos incluir os vestidos, os macaquinhos, macacões e jardineiras. Na organização, vale ressaltar que a divisão das peças únicas pode ser feita principalmente pela manga e pelo comprimento da saia (no caso dos vestidos), uma vez que são as características mais evidentes visualmente. Apesar disso, muitas clientes optam por fazer a divisão somente pela cor, deixando de lado a visualização pelo modelo.

Já outras, preferem separar pelo uso, como vestido de festa, vestido de passeio e até vestido de usar em casa. Apesar disso, é importante que o profissional da organização observe as peças da cliente para determinar os atributos a serem valorizados e as categorias a serem criadas.

Os macaquinhos e macacões também possuem uma blusa e uma parte de baixo, podendo ser short/bermuda ou calça, respectivamente. A jardineira é um tipo de macaquinho ou macacão, mas com um estilo específico, geralmente em jeans e com uma abertura superior de botões. No glossário ao final deste trabalho possui uma explicação melhor e mais extensa para eventual consulta.

Figura 11 – Facetas da categoria “Calçado”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 8 - Objetos da categoria “Calçado”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

SAPATO	USE	CALÇADO
CALÇADO		
	UP	SAPATO
	TE	CHINELO
	TE	SANDÁLIA
	TE	SAPATILHA
	TE	SCARPIN
	TE	<i>PEEP TOE</i>
	TE	MULE
	TE	TÊNIS
	TE	BOTA
	TE	PANTUFA
	TE	CHUTEIRA
SANDÁLIA		
	TG	CALÇADO
	TE	FRENTE
	TE	SALTO
	TE	RASTEIRA

Fonte: elaborado pela autora.

A respeito dos calçados, podemos separá-los em: chinelo, sandália, *scarpin*, *peep toe*, sapatilha, mule, tênis, bota, chuteira e pantufa. Cada categoria citada possui outras subcategorias, essas muitas vezes determinadas pelo uso e o estilo, como o tênis de malhar ou o tênis casual. Em relação aos modelos das sandálias, elas se diferenciam principalmente pela frente, a altura e o modelo do salto. As sandálias que não possuem salto são consideradas rasteiras.

No contexto da organização, também é pessoal a maneira de dispor os calçados, o importante é buscar apresentá-los de acordo com o modelo e com o uso. É necessário que sejam categorizados de acordo com o cotidiano do cliente, de forma que os que possuem mais uso estejam mais acessíveis do que outros que tem uso mais esporádico. Esse pensamento vale para todos os itens, mas vale destacar aqui na parte dos calçados, pois geralmente ficam em estantes altas, sapateiras profundas ou até mesmo em caixas.

Figura 12 – categoria maior “Acessórios” e suas subcategorias



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 9 - Objetos da categoria “Acessórios”, representados na taxonomia com suas subcategorias

ACESSÓRIOS		
	TG	ROUPA
	TE	CABELO
	TE	ÓCULOS
	TE	PESCOÇO
	TE	CORPO
	TE	BIJUTERIA/JOIA
	TE	BOLSA

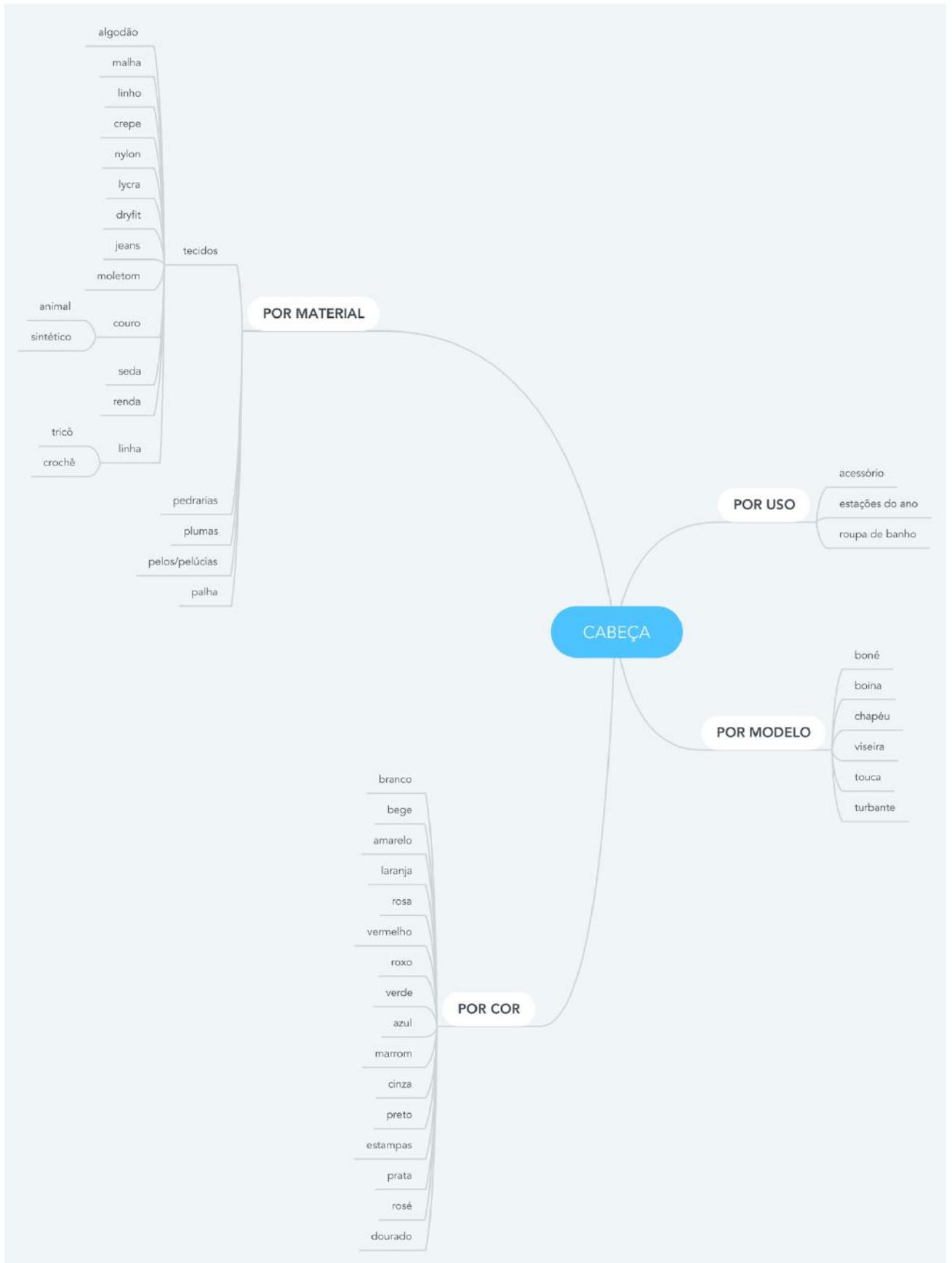
Fonte: elaborado pela autora.

Os acessórios podem ser divididos de acordo com a parte do corpo em que se dispõe, ou seja, cabelo, cabeça, pescoço e corpo. Outros acessórios que possuem um uso específico, como os óculos e as bolsas foram separados dos demais, visto que, na organização, geralmente são destinados espaços próprios para eles. Além disso, os itens que possuem materiais próprios de bijuterias e joias também foram separados da classificação “partes do corpo”, pois é

entendido que esses fiquem em um local apropriado, podendo ser uma caixa pequena, uma gaveta aveludada ou até mesmo em um cofre.

Vale reforçar que fazer uma única figura de acessórios com todos os tipos existentes afetaria a visualização e a organização dos termos. Portanto, podemos começar a entender a taxonomia dos acessórios de cima para baixo de acordo com a posição que ocupam no corpo. Para isso, vamos começar com os acessórios que cobrem a parte da cabeça, cabelo, os óculos, corpo, as bijuterias e joias e, por fim, as bolsas. Cada figura acompanha comentários sobre sua estrutura e o porquê desses itens estarem agrupados e, conseqüentemente, separados dos demais.

Figura 13 – Facetas da categoria “Cabeça” em acessórios



Fonte: elaborado pela autora.

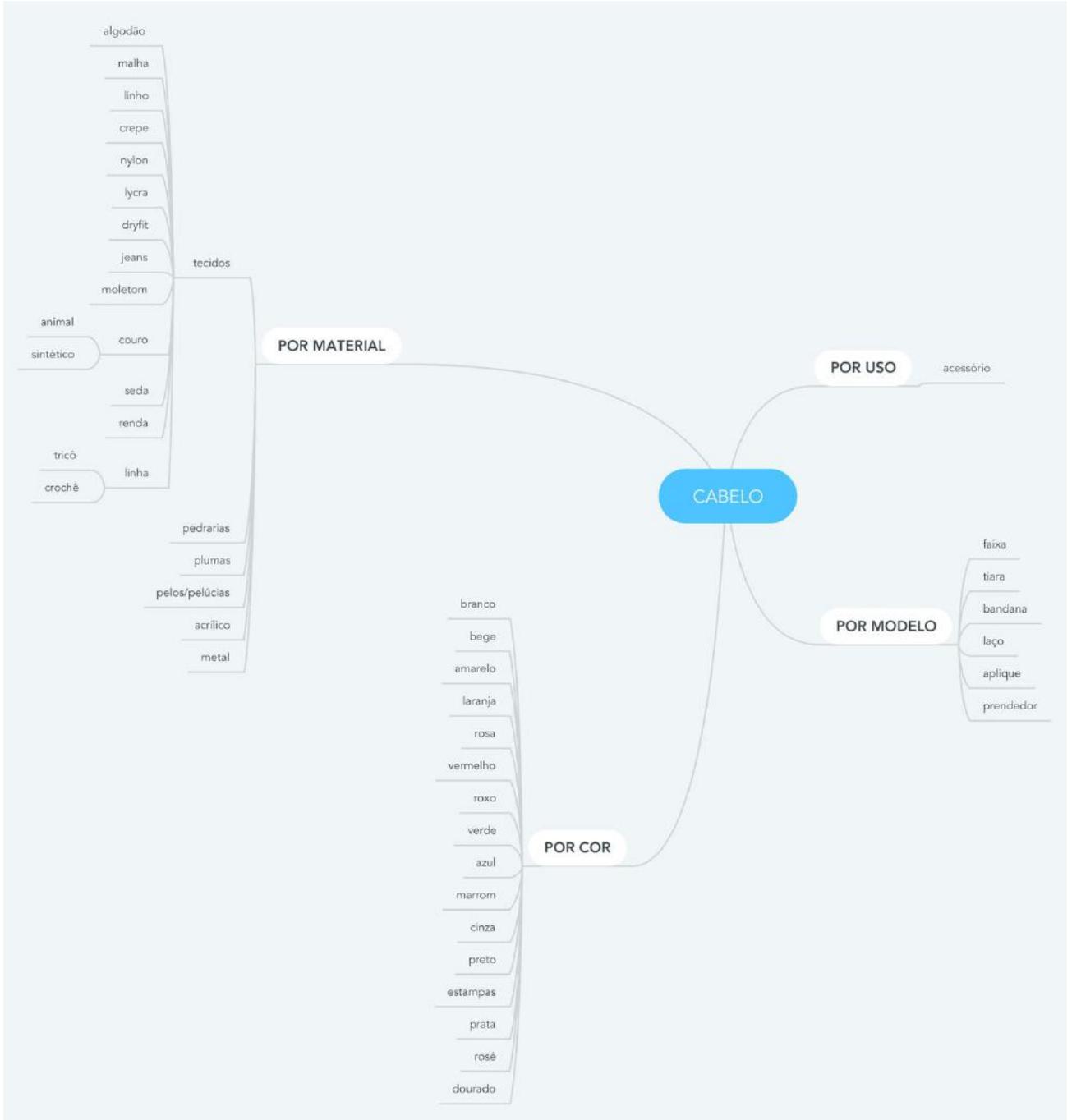
Quadro 10 – Objetos da categoria “Cabeça”, em acessórios, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

CABEÇA		
	TG	ACESSÓRIO
	TE	BONÉ
	TE	BOINA
	TE	CHAPÉU
	TE	WISEIRA
	TE	TOUCA
	TE	TURBANTE

Fonte: elaborado pela autora.

Os objetos considerados acessórios de cabeça foram escolhidos pelo fato de contornarem a circunferência da cabeça para protegê-la, seja do frio (touca e boina) ou dos raios solares (chapéu, boné, viseira). Há também os objetos usados na cabeça que tem relação com religiões (como o quipá utilizado na religião judaica), mas que não foram abordados na taxonomia, visto que a mesma ficaria extensa e seria difícil abranger todos os objetos existentes desta categoria. Desta forma, vale lembrar que esses itens podem estar presentes nas residências e que o PO deve estudar a melhor maneira de organizá-lo valorizando e respeitando a religião dos clientes, além do cotidiano da casa e da usabilidade do item.

Figura 14 – facetas da categoria “Cabelo” em acessórios



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 11 - Objetos da categoria “Cabelo”, em acessórios, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

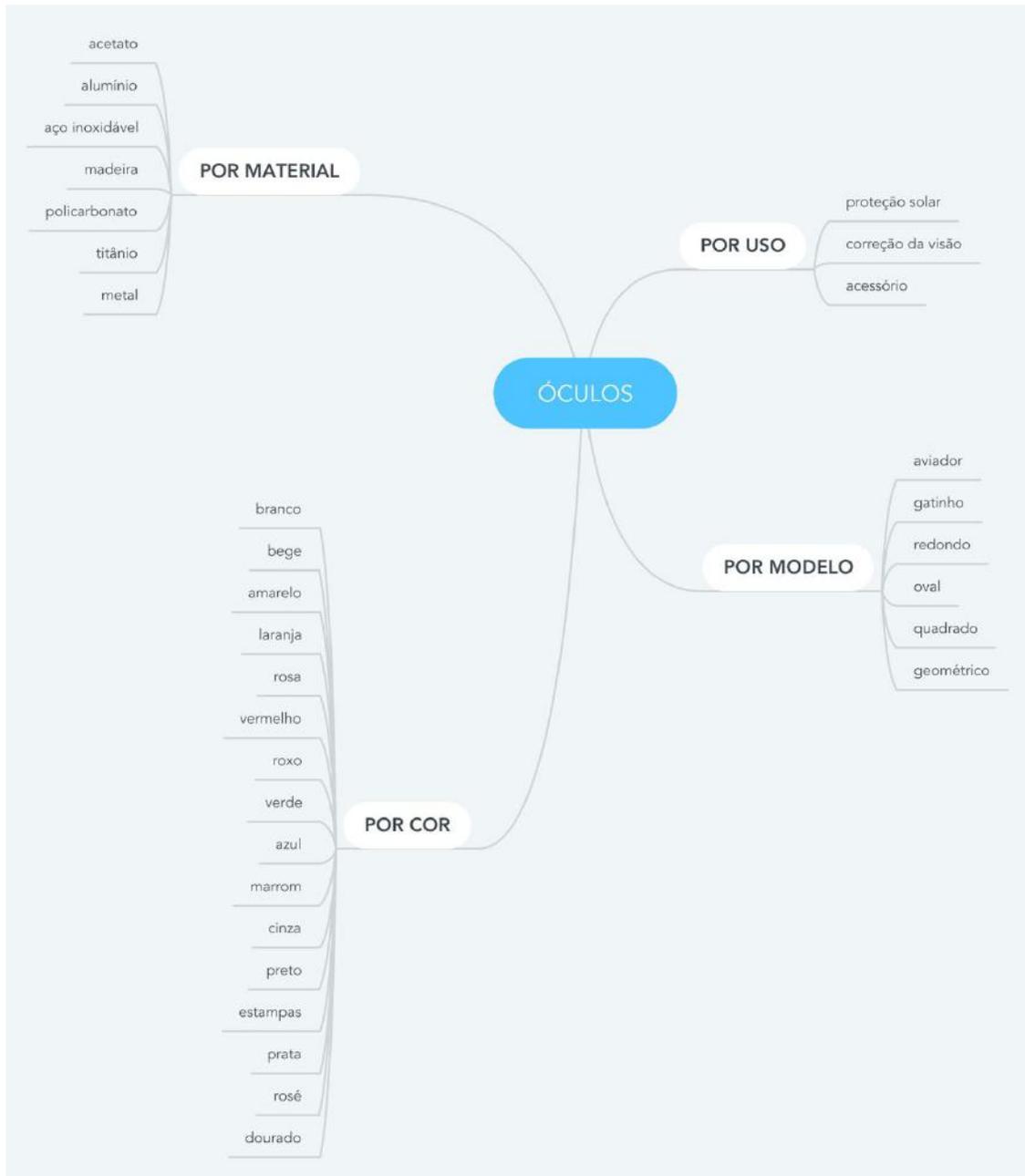
CABELO		
	TG	ACESSÓRIO
	TE	FAIXA
	TE	TIARA
	TE	BANDANA
	TE	LAÇO
	TE	APLIQUE
	TE	PRENDEDOR

Fonte: elaborado pela autora.

A respeito dos acessórios de cabelo, podemos dizer que têm funções mais estéticas e/ou de conter os fios. São eles: as faixas, tiaras, bandanas, laços e os prendedores (elásticos, piranhas etc.). Já os apliques se referem aos cabelos, naturais ou sintéticos que servem como extensão dos fios que a pessoa possui, trazendo mais volume e comprimento. Neste caso, os modelos existentes são os próprios itens, que são diferentes entre si e cumprem diferentes funções.

Sobre a organização dos acessórios de cabelo, indica-se que esses estejam, de preferência, no mesmo espaço, sendo em gavetas do banheiro, closet, quarto ou penteadeira. Os aparelhos usados para modelagem dos fios (secador de cabelo, chapinha, baby liss etc) e até mesmo, dependendo do espaço, os produtos finalizadores (liv-in, fixador) também podem estar neste espaço, facilitando o dia a dia do (a) cliente.

Figura 15– facetas da categoria “Óculos” em acessórios



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 12- Objetos da categoria “Óculos”, em acessórios, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

ÓCULOS		
	TG	ACESSÓRIOS
	TE	AVIADOR
	TE	GATINHO
	TE	REDONDO
	TE	OVAL
	TE	QUADRADO
	TE	GEOMÉTRICO

Fonte: elaborado pela autora.

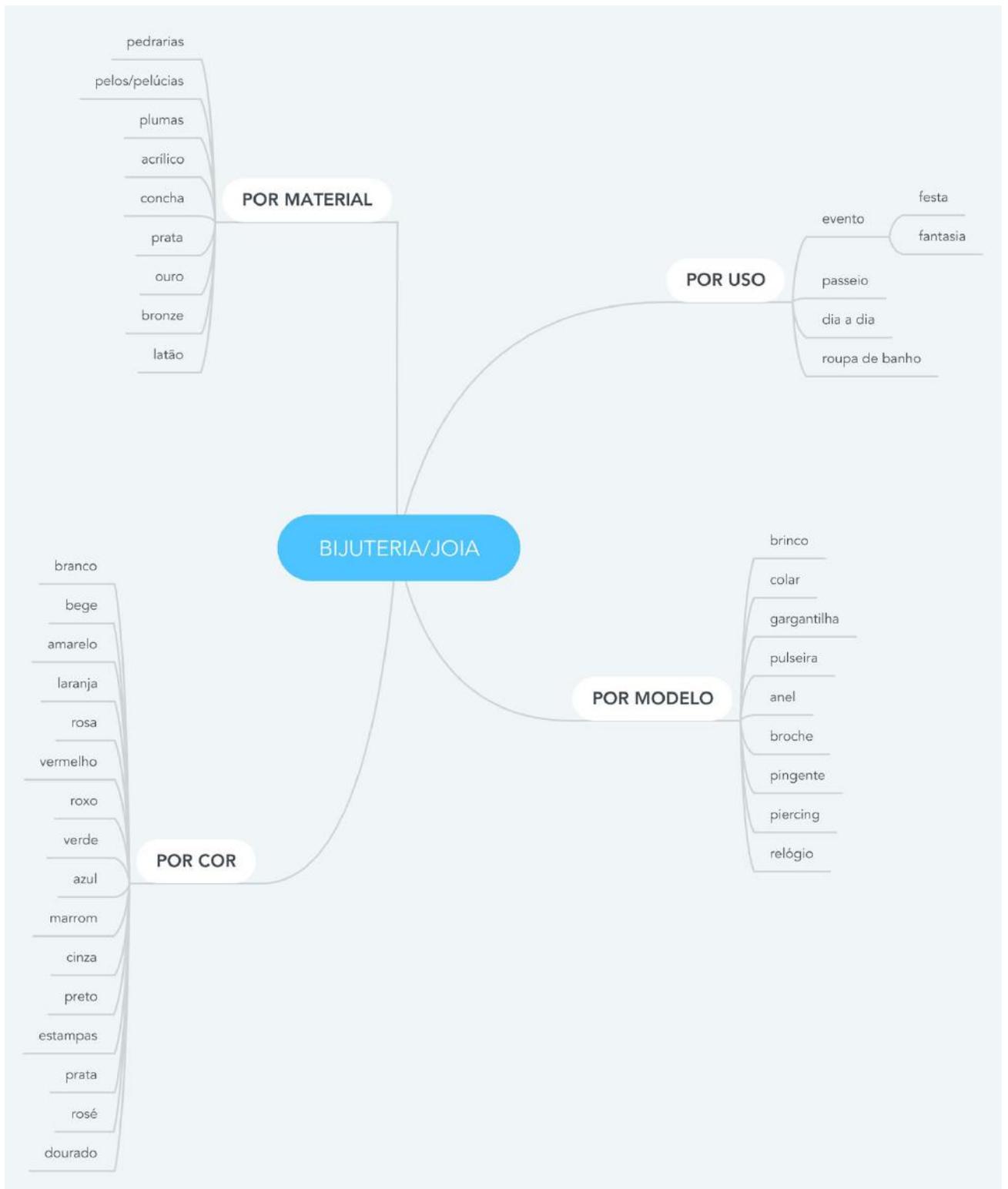
A categoria dos óculos foi separada das demais, visto que geralmente demanda um espaço determinado para sua guarda que pode ser uma gaveta aveludada, uma caixa ou até mesmo parte de uma gaveta, dependendo do seu volume. Seus modelos dizem respeito aos diferentes formatos das armações, dentre elas: o modelo aviador, gatinho, redondo, oval, quadrado ou o geométrico.

Com relação aos usos dos óculos, podemos destacar que a separação dos óculos que protegem da luz solar e os que servem para corrigir a visão, é interessante. Isso pode ser feito de maneiras simples como separá-los em duas fileiras diferentes ou em locais diferentes da casa, como por exemplo, os óculos de grau ficar na mesa de cabeceira (para a leitura noturna) e o óculos de sol na bolsa do dia a dia.

Podemos citar ainda os óculos de proteção para práticas de atividades físicas que não foram mencionados pois cada casa pode ter suas especificidades. Dentre eles podemos citar os óculos para esqui na neve, óculos de mergulho etc. que podem ser acomodados juntos às roupas pertencentes a essas atividades.

Em relação aos materiais de óculos, buscamos destacar os mais usados para a fabricação desses itens. Essa faceta também é uma que pode sofrer variações nos casos de óculos especiais para algum esporte específico.

Figura 16 – Facetas da categoria “Bijuteria/joia”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 13 - Objetos da categoria “Bijuterias/joias”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

BIJUTERIA	USE	BIJUTERIA/JOIA
JOIA	USE	BIJUTERIA/JOIA
BIJUTERIA/JOIA		
	UP	BIJUTERIA
	UP	JOIA
	TG	ACESSÓRIOS
	TE	BRINCO
	TE	COLAR
	TE	GARGANTILHA
	TE	PULSEIRA
	TE	BROCHE
	TE	PINGENTE
	TE	PIERCING
	TE	RELÓGIO

Fonte: elaborado pela autora.

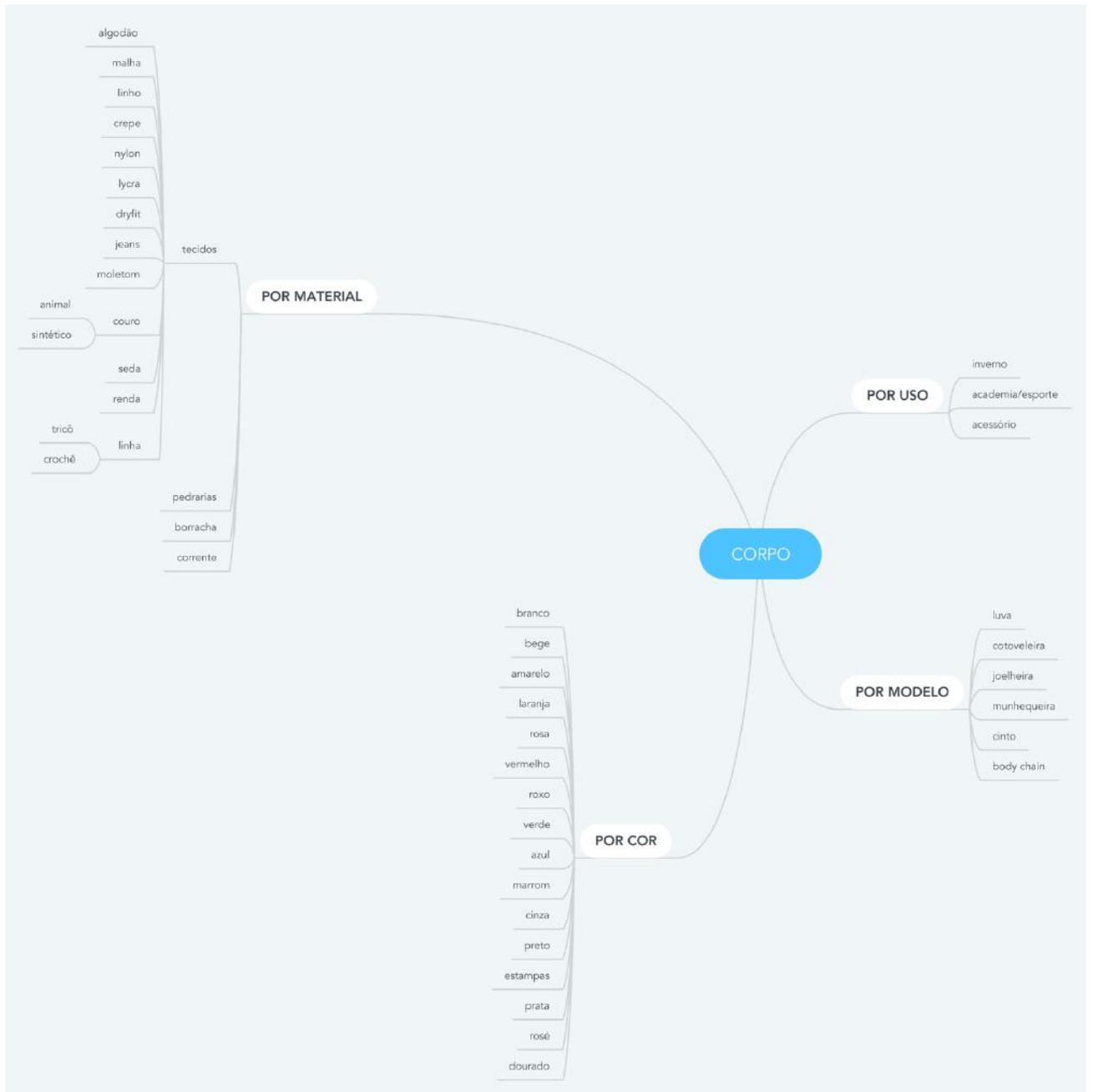
Foi chamada de “bijuteria/joia” a categoria que apresenta os acessórios confeccionados em metais que simulam prata e ouro (bijuterias) assim como os itens que são realmente desses materiais mais valiosos. Optamos por essa junção pois entendemos que em uma residência, essa categoria é organizada da mesma forma, sendo que é comum que esses itens estejam no mesmo espaço (gaveta, caixa, cofre etc.). Portanto, para fins de visualização do modelo, os dois tipos serão tratados como iguais, porém caso seja da vontade do cliente por separar esses itens, o mesmo deve ser feito.

Os modelos desses itens também são semelhantes, mudando somente a origem da matéria-prima. Esses podem ser brincos, colares, pulseiras (incluindo braceletes), broches, pingentes e os piercings. Dessa forma, as bijuterias e joias, caso agrupadas por seus modelos, serão facilmente encontradas, ainda mais se outra faceta também for usada, como a cor, por exemplo.

A respeito da guarda desses itens, devemos colocar na balança aspectos como a durabilidade da peça e a facilidade em encontrá-la, entendendo que o meio termo é o essencial.

É interessante pensar nisso pois não adianta ter uma peça guardada muito bem (protegidas de fatores externos que possam deteriorá-las) mas que a pessoa não consiga encontrá-la e fazer um bom uso. Na realidade isso pode ser discutido em todas as peças de roupa, principalmente dos acessórios, visto que são itens variados e de diferentes usos, ocasiões e materiais.

Figura 17– facetas da categoria “Corpo” em acessórios



Fonte: elaborado pela autora.

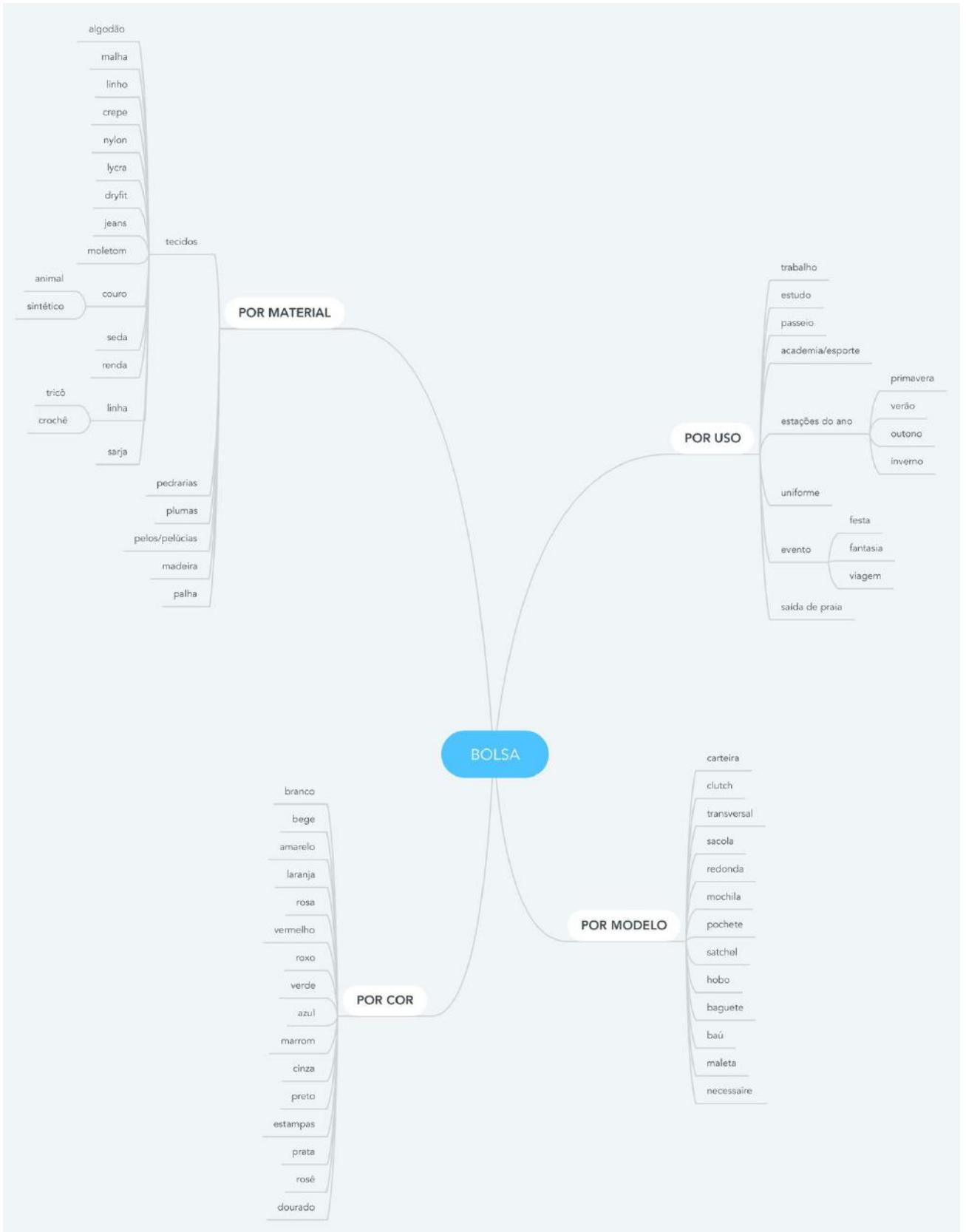
Quadro 14 - Objetos da categoria “Corpo”, em acessórios, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

CORPO		
	TG	ACESSÓRIOS
	TE	LUVA
	TE	JOELHEIRA
	TE	MUNHEQUEIRA
	TE	CINTO
	TE	BODY CHAIN

Fonte: elaborado pela autora.

Os acessórios que cobrem o corpo, braços e pernas foram agrupados nesta estrutura, mas possuem diferentes funções: as luvas, cotoveleiras, munhequeiras e joelheiras, quando feitas sob um material resistente, são usadas para prática de atividades físicas como a academia ou andar de patins. As luvas feitas em material como a lã promovem o aquecimento e, o cinto, é usado nas peças de roupas de baixo para segurar a peça mais junto ao corpo.

Figura 18 – Facetas da categoria “Bolsa”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 15 - Objetos da categoria “Bolsa”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

BOLSA		
	TG	ACESSÓRIOS
	TE	CARTEIRA
	TE	<i>CLUTCH</i>
	TE	TRANSVERSAL
	TE	SACOLA
	TE	REDONDA
	TE	MOCHILA
	TE	POCHETE
	TE	<i>SATCHEL</i>
	TE	HOBO
	TE	BAGUETE
	TE	BAÚ
	TE	MALETA
	TE	<i>NECESSAIRE</i>

Fonte: elaborado pela autora.

As bolsas são acessórios presentes na maioria das residências, podendo variar em quantidade, pois algumas pessoas optam por colecioná-las e outras preferem ter poucas peças. De qualquer forma, em qualquer acervo, vale entender os modelos existentes e as formas de organizar as bolsas, para unir a qualidade de uso e de guarda.

Como exemplo, podemos citar a bolsa *clutch*, que tem como principais características ser uma bolsa pequena, rígida e geralmente feita sob um material sensível, como o acrílico ou as pedrarias. Essa bolsa demanda maior cuidado de guarda, pois pode ser facilmente arranhada ou se perder no meio das outras, podendo ter como aliado um produto organizador chamado de “divisor de bolsas”. O local escolhido para acomodar essas bolsas também deve ser pensado pois este deve ser de fácil acesso (evitando acidentes), mas não junto com as bolsas do dia a dia, pois seu uso é diferente (a bolsa *clutch* é mais usada esporadicamente, em eventos e festas).

Portanto, novamente entendemos que as maneiras de organizar os itens pode levar em conta mais de um aspecto (faceta), mas que entender cada um e visualizar as possibilidades pode fazer com que o trabalho seja mais produtivo e que os resultados estejam de acordo com as expectativas do cliente.

Figura 19 – Categoria maior “Roupa de banho” e suas categorias menores



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 16 - Objetos da categoria “Roupa de banho”, representados na taxonomia com suas subcategorias

ROUPA DE BANHO		
	TG	ROUPA
	TE	BIQUÍNI/MAIÔ
	TE	SUNGA
	TE	SAÍDA DE BANHO
	TE	PROTEÇÃO UV
	TE	CANGA
	TE	ACESSÓRIO

Fonte: elaborado pela autora.

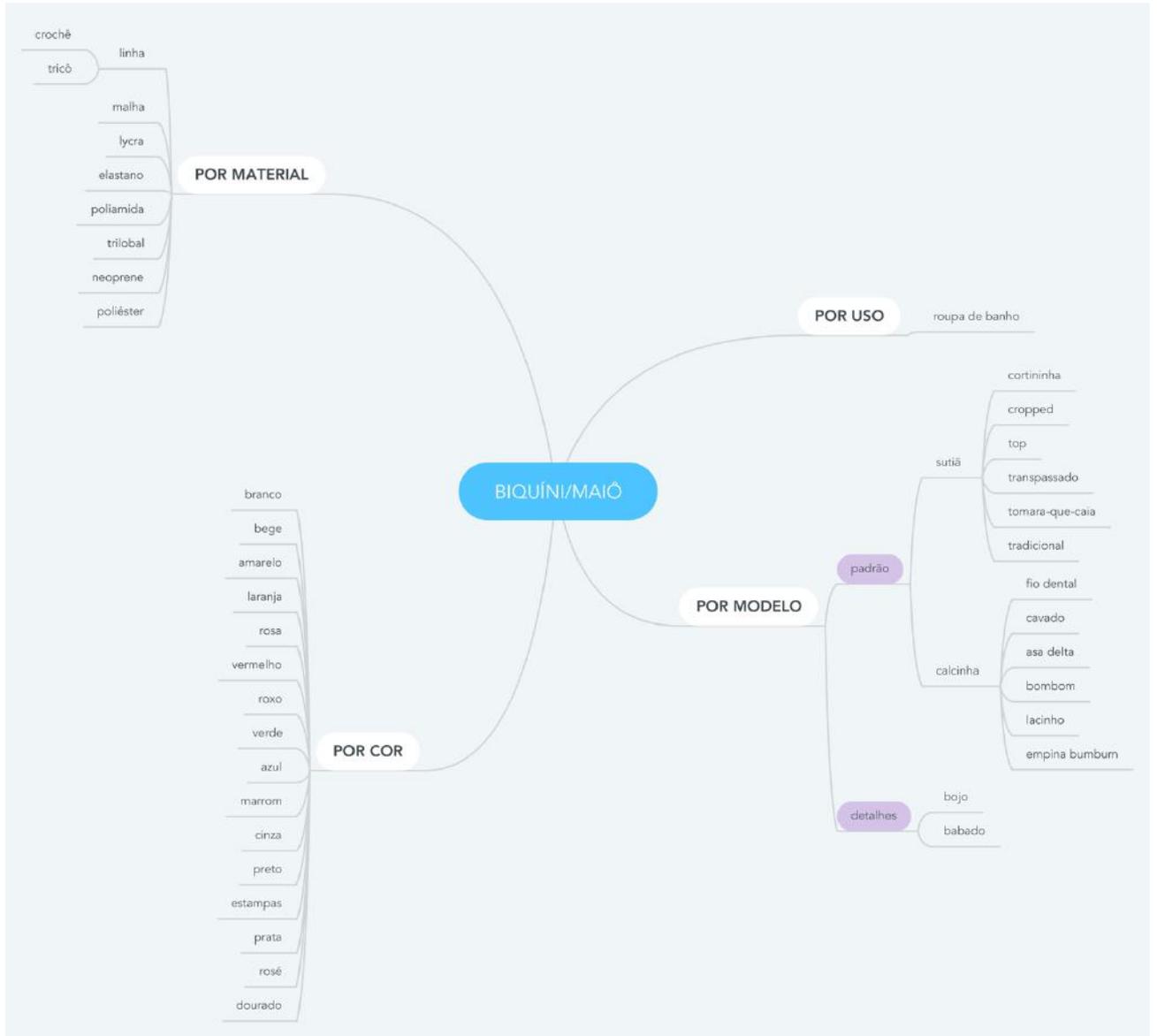
Em um espaço que possuem roupas é comum fazer a separação de algumas delas pelo uso, principalmente de itens que são feitos para serem usados em uma ocasião específica e pré-determinada. Este é o caso das roupas de banho, que podem ser divididas entre as vestimentas com tecidos apropriados para o contato com a água, como os biquínis e maiôs e sungas, além das saídas de banho, que são as peças de roupas que geralmente são usadas por cima dos citados acima.

Além das vestimentas, podemos encontrar nesta categoria os acessórios, são eles a bolsa de praia, a canga e os itens de proteção solar, como os chapéus e os óculos por exemplo. Os acessórios não serão trabalhados aqui pois já foram demonstradas anteriormente.

Dentro de cada item podemos organizar de acordo com as suas facetas, assim como os outros objetos do universo das roupas. Neste caso, torna-se necessário demonstrar as facetas dos seguintes itens: biquini/maiô, sunga, saída de banho, roupas com tecnologia de proteção contra os raios UV e cangas.

Vale destacar que todos os objetos desta categoria terão o mesmo item na faceta, que será roupa de banho. O mesmo ocorrerá com as categorias de roupa íntima e roupas de academia/esporte, que serão apresentados neste trabalho. O profissional deve estar atento às necessidades do cliente para visualizar uma oportunidade de organizar desta maneira, categorias como uniforme por exemplo, ou até as roupas de alguma estação do ano.

Figura 20– Facetas da categoria “Biquini/maiô”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 17 - Objetos da categoria “Biquíni/maiô”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

BIQUÍNI/MAIÔ		
	TG	ROUPA DE BANHO
	TE	PADRÃO
	TE	DETALHES
PADRÃO		
	TG	BIQUÍNI/MAIÔ
	TE	SUTIÃ
	TE	CALCINHA
SUTIÃ		
	TG	PADRÃO
	TE	CORTININHA
	TE	CROPPED
	TE	TOP
	TE	TRANSPASSADO
	TE	TOMARA-QUE-CAIA
	TE	TRADICIONAL
CALCINHA		
	TG	PADRÃO
	TE	FIO DENTAL
	TE	CAVADO
	TE	ASA DELTA
	TE	BOMBOM
	TE	LACINHO
	TE	EMPINA BUMBUM
DETALHES		
	TG	BIQUÍNI/MAIÔ
	TE	BOJO
	TE	BABADO

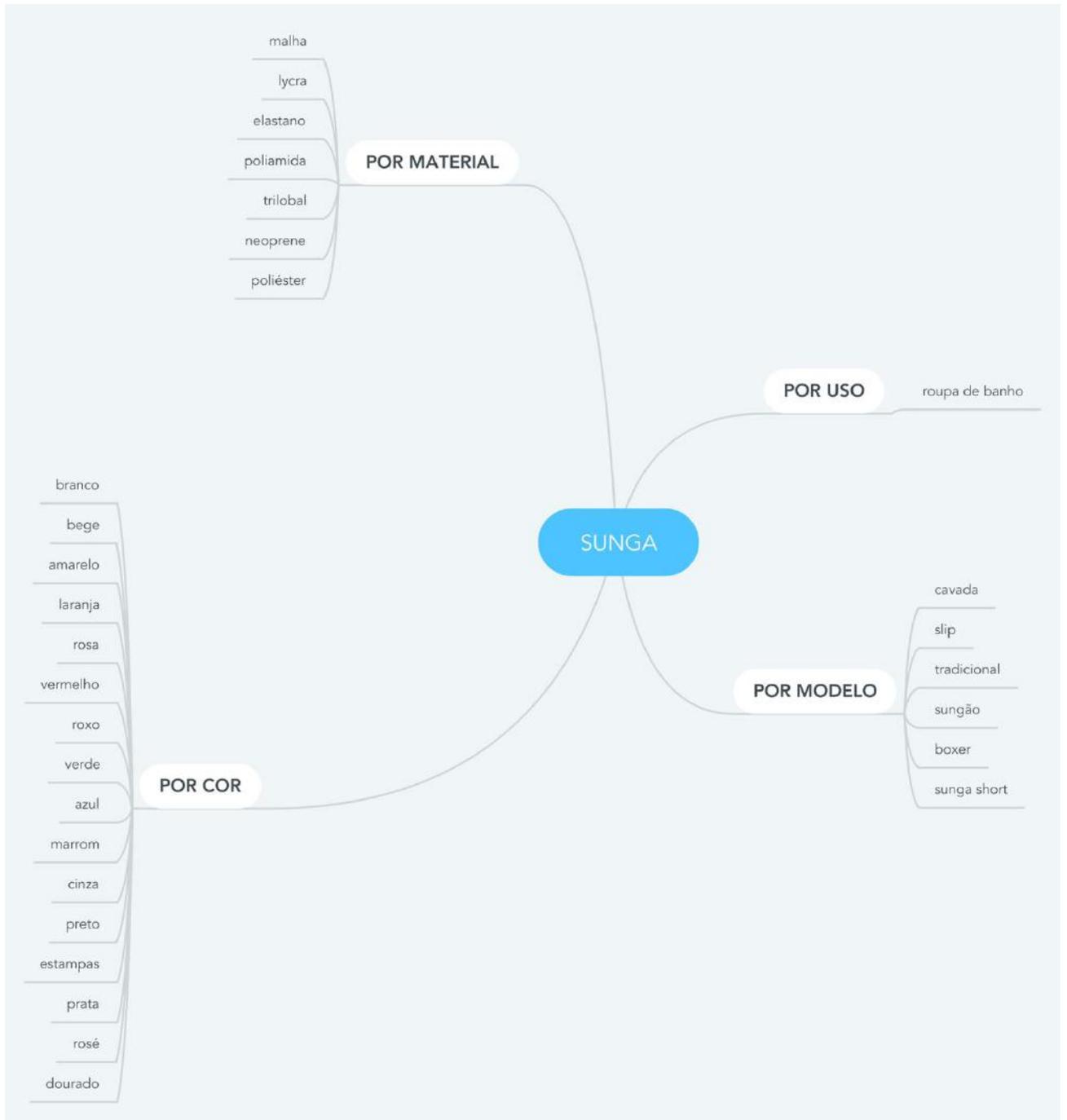
Fonte: elaborado pela autora.

Sobre esta categoria, foram criadas facetas para os biquínis e os maiôs somente em uma figura/taxonomia, pois entende-se que o maiô é um biquini que possui o sutiã e a calcinha “juntos”, ou seja, a modelagem dessas duas peças é elaborada da mesma maneira e possuem uma junção na altura na barriga. Portanto, ao dividirmos de acordo com a parte superior (sutiã) e a inferior (calcinha), temos os seus modelos.

A taxonomia dos biquinis e maiôs foi pensada de acordo com a vivência na OR onde esses são agrupados com os seus conjuntos e quando não possuem, são considerados peças avulsas. Uma segunda faceta utilizada é a da cor e, em alguns casos, os que possuem bojo ou babados ficam separados dos demais, de acordo com guarda diferenciada que demandam para não deformar. Dessa forma, o espaço a ser organizado também influencia nas condições de

guarda de cada item, podendo ser um grande fator determinante da organização e da divisão dos itens.

Figura 21 – Facetas da categoria “Sunga”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 18 - Objetos da categoria “Sunga”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

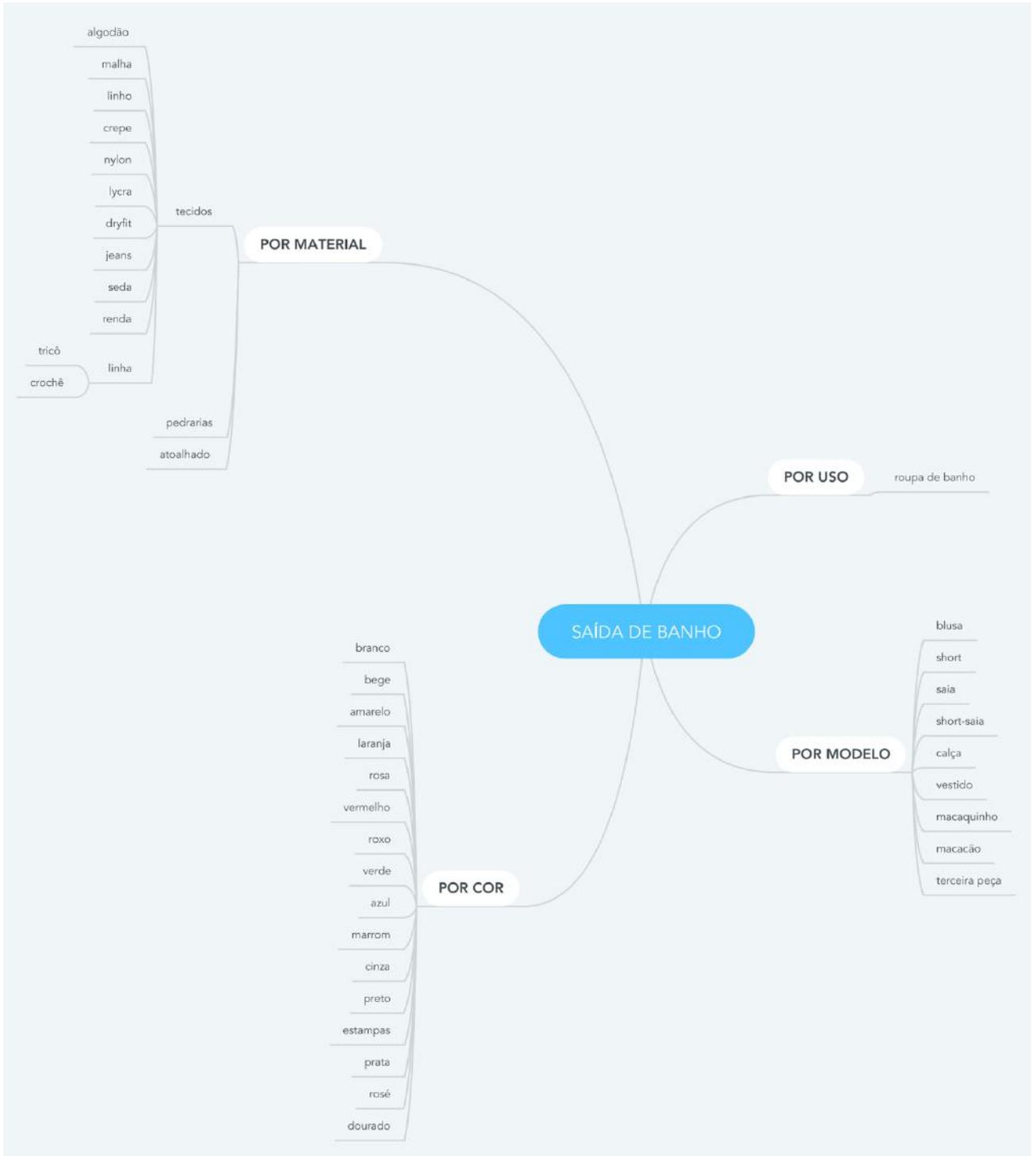
SUNGA		
	TG	ROUPA DE BANHO
	TE	CAVADA
	TE	SLIP
	TE	TRADICIONAL
	TE	SUNGÃO
	TE	BOXER
	TE	SUNGA SHORT

Fonte: elaborado pela autora.

A sunga é a roupa de banho usada predominantemente pelo gênero masculino para atividades aquáticas, banho de sol e até competições, como a de fisiculturismo. As variações desses modelos têm a ver com os detalhes que elas podem possuir, como faixas laterais, cordões, transparências etc., mas principalmente pelo tamanho da lateral. Portanto, na organização, o que vai prevalecer na disposição dessas peças serão o modelo e a cor.

Entende-se ao observar a taxonomia das sungas que elas possuem 6 principais modelos, indo da mais curta, até a que apresenta maior cobertura do corpo, respectivamente: a cavada, nome dado à sunga que apresenta lateral de 7cm; a slip, com 10cm; tradicional com 13cm; o sungão com 14cm; a boxer com 18cm e a sunga short, que representa as sungas que possuem modelagem com a lateral maior de 18cm. Lembrando que uma divisão dos modelos só será valorizada caso necessário, de acordo com o acervo do cliente e suas preferências.

Figura 22 – Facetas da categoria “Saída de banho”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 19 - Objetos da categoria “Saída de banho”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

SAÍDA DE PRAIA	USE	SAÍDA DE BANHO
SAÍDA DE BANHO		
	UP	SAÍDA DE PRAIA
	TG	ROUPA DE BANHO
	TE	BLUSA
	TE	SHORT
	TE	SAIA
	TE	SHORT/SAIA
	TE	CALÇA
	TE	VESTIDO
	TE	MACAQUINHO
	TE	MACACÃO
	TE	TERCEIRA PEÇA

Fonte: elaborado pela autora.

A categoria chamada de saída de banho são peças de roupas usadas pelas pessoas ao se deslocarem para o local onde vão se banhar, são blusas, shorts, saias etc. usadas por cima dos biquínis, maiôs e sungas. É essencial destacar esta categoria neste trabalho visto que é comum haver uma separação das roupas deste uso das outras.

Na organização, para identificar os itens desta categoria, geralmente o cliente é solicitado para mostrar quais peças possuem este uso, ou o PO pode observar a loja da roupa, visto que muitas marcas ou coleções de roupas de banho fabricam peças próprias para este uso, além do material, que tende a ser de tecidos mais leves, que secam mais rapidamente e que podem possuir uma certa transparência.

Figura 23 – Facetas da categoria “Proteção UV”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 20 - Objetos da categoria “Proteção UV”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

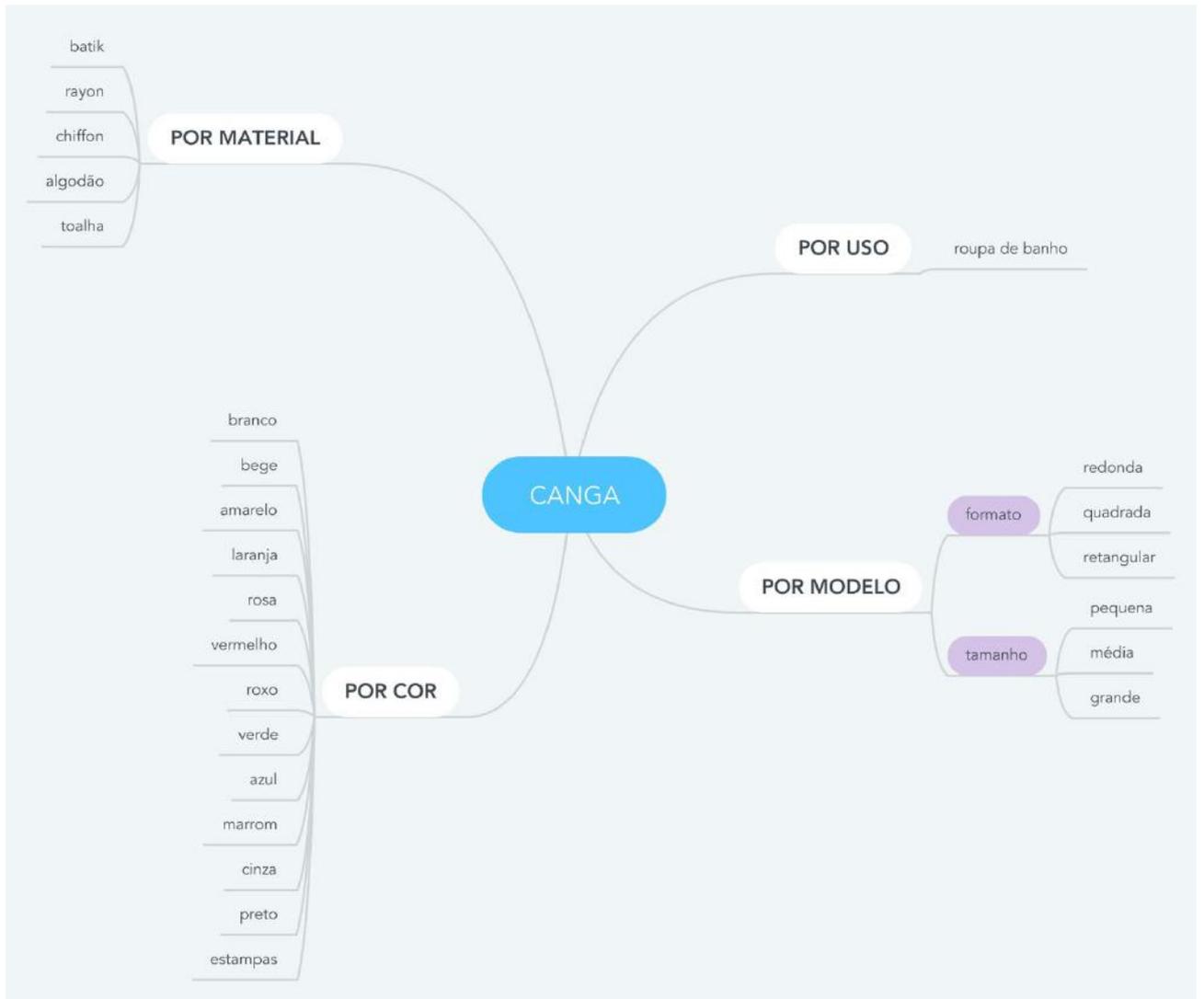
PROTEÇÃO UV		
	TG	ROUPA DE BANHO
	TE	BONÉ
	TE	CHAPÉU
	TE	BLUSA
	TE	SHORT
	TE	SAIA
	TE	SHORT-SAIA
	TE	CALÇA
	TE	VESTIDO
	TE	MACAQUINHO
	TE	MACACÃO
	TE	BIQUÍNI
	TE	MAIÔ
	TE	SUNGA

Fonte: elaborado pela autora.

É comum encontrarmos peças de roupas com tecidos que possuem tecnologia de proteção contra os raios UV nas casas das pessoas e nas lojas. Na organização, essas peças podem ficar separadas das demais, por isso foi elaborada uma categoria para esse tipo de roupa, apesar de ser considerado um tipo de tecido (material). Além disso, vale conhecer esta tecnologia e entender em que momento ela pode se misturar com as outras roupas ou ter um espaço destinado para ela.

As pessoas geralmente usam da roupa de proteção UV quando fazem algum tipo de atividade ao ar livre, então encontramos peças como blusas infantis ou de tecidos mais leves com essa tecnologia. Apesar disso, outras peças como biquínis deste material não necessariamente devem ser separadas dos outros, visto que o uso é o mesmo e que o fato de ter a proteção, neste caso, não é algo determinante para a organização. Portanto, vale entender os usos e a logística da casa para escolher se devemos criar um espaço destinado aos itens desse material ou se a peça pode ser facilmente introduzida dentro da sua categoria, sem que afete o encontro da mesma pelo cliente.

Figura 24– Facetas da categoria “Canga”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 21 - Objetos da categoria “Canga”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

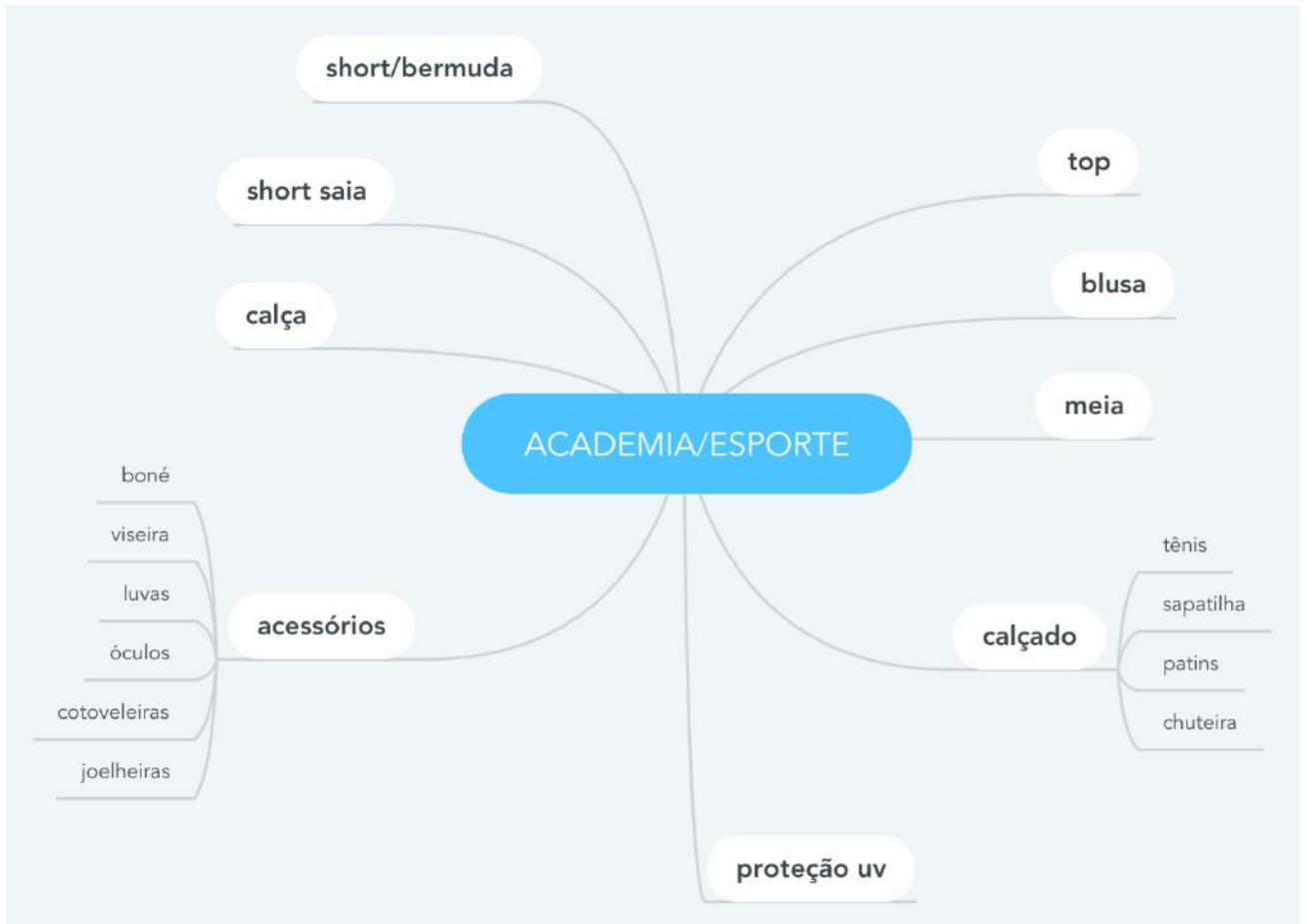
CANGA		
	TG	ROUPA DE BANHO
	TE	FORMATO
	TE	TAMANHO
FORMATO		
	TG	CANGA
	TE	REDONDA
	TE	QUADRADA
	TE	RETANGULAR
TAMANHO		
	TG	CANGA
	TE	PEQUENA
	TE	MÉDIA
	TE	GRANDE

Fonte: elaborado pela autora.

As cangas são formadas por tecidos leves e confortáveis ao toque, que cumprem a função de cobrir o chão, areia ou cadeiras nos ambientes onde as pessoas tomam sol e praticam atividades aquáticas. Muito usadas em praias, as cangas podem ser de diversos formatos e tamanhos, chegando a suportar até 6 pessoas, dependendo do seu tamanho e algumas, tem um tecido atoalhado, que tem como função secar o corpo.

Quando feita em um tecido mais leve, podem ser feitas diversas amarrações no corpo, para servir como uma saída de banho, substituindo a peça de roupa. Este acessório super versátil é encontrado nas casas com frequência, e o PO deve organizá-la de forma que fique de fácil acesso e de preferência junto aos outros itens de banho.

Figura 25 – Categoria maior “Academia/esporte” e suas categorias menores



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 22 - Objetos da categoria “Academia/esporte”, representados na taxonomia com suas subcategorias

ACADEMIA/ESPORTE		
	TG	ROUPA
	TE	TOP
	TE	BLUSA
	TE	SHORT/BERMUDA
	TE	SHORT-SAIA
	TE	CALÇA
	TE	CALÇADO
	TE	PROTEÇÃO UV
	TE	ACESSÓRIOS
CALÇADO		
	TG	ACADEMIA/ESPORTE
	TE	TÊNIS
	TE	SAPATILHA
	TE	PATINS
	TE	CHUTEIRA
ACESSÓRIOS		
	TG	ACADEMIA/ESPORTE
	TE	BONÉ
	TE	VISEIRA
	TE	ÓCULOS
	TE	LUVAS
	TE	COTOVELEIRAS
	TE	JOELHEIRAS

Fonte: elaborado pela autora.

A respeito das roupas de “academia/esporte” não é necessário repetir as facetas já apresentadas anteriormente, visto que os itens que se enquadram nesta categoria são determinados principalmente pelo tecido que é formado e o corte da peça. Dentre os tecidos, podemos citar o *Dryfit*, a *Lycra* e a malha e peças como a calça *legging* (que possui modelagem colada ao corpo) geralmente são usadas para a prática de atividades físicas.

Entretanto, é importante destacar essa estrutura aqui pois entende-se que essa categoria deve ser separada das demais, principalmente se houver muitas peças que se encaixam e tem este uso definido pelo cliente. Muitas vezes inclusive, se faz necessário adicionar mais itens à essa categoria de acordo com o esporte que a pessoa pratica, como por exemplo a bermuda e o calçado de ciclista. Portanto, fica a critério do cliente e do PO em determinar essas peças e organizá-las da melhor forma.

Figura 26 – Categoria maior “Roupa íntima” e suas categorias menores



Fonte: elaborado pela autora.

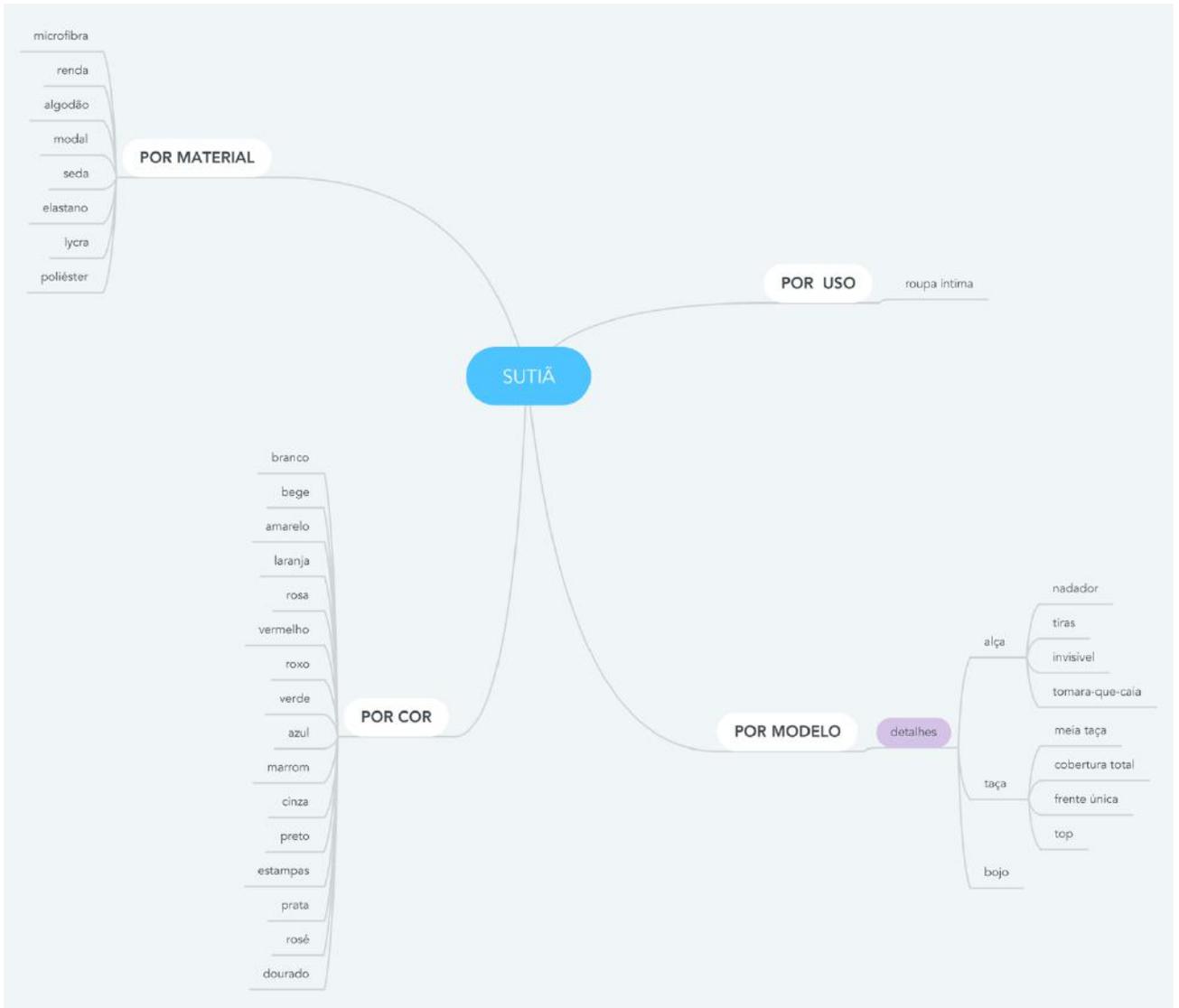
Quadro 23 - Objetos da categoria “Roupa íntima”, representados na taxonomia com suas subcategorias

ROUPA ÍNTIMA		
	TG	ROUPA
	TE	SUTIÃ
	TE	CUECA
	TE	CALCINHA
	TE	UNDERWEAR
	TE	PIJAMA
	TE	MEIA

Fonte: elaborado pela autora.

É chamada de roupa íntima, aquela que fica em contato direto com a pele e geralmente usada por baixo das peças de roupa. O sutiã, a calcinha, a cueca, a *underwear*, os pijamas e as meias são exemplos de peças íntimas. Cada uma dessas possui variações de modelos, cores e materiais, a serem abordados a seguir.

Figura 27 – Facetas da categoria “Sutiã”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 24 - Objetos da categoria “Canga”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

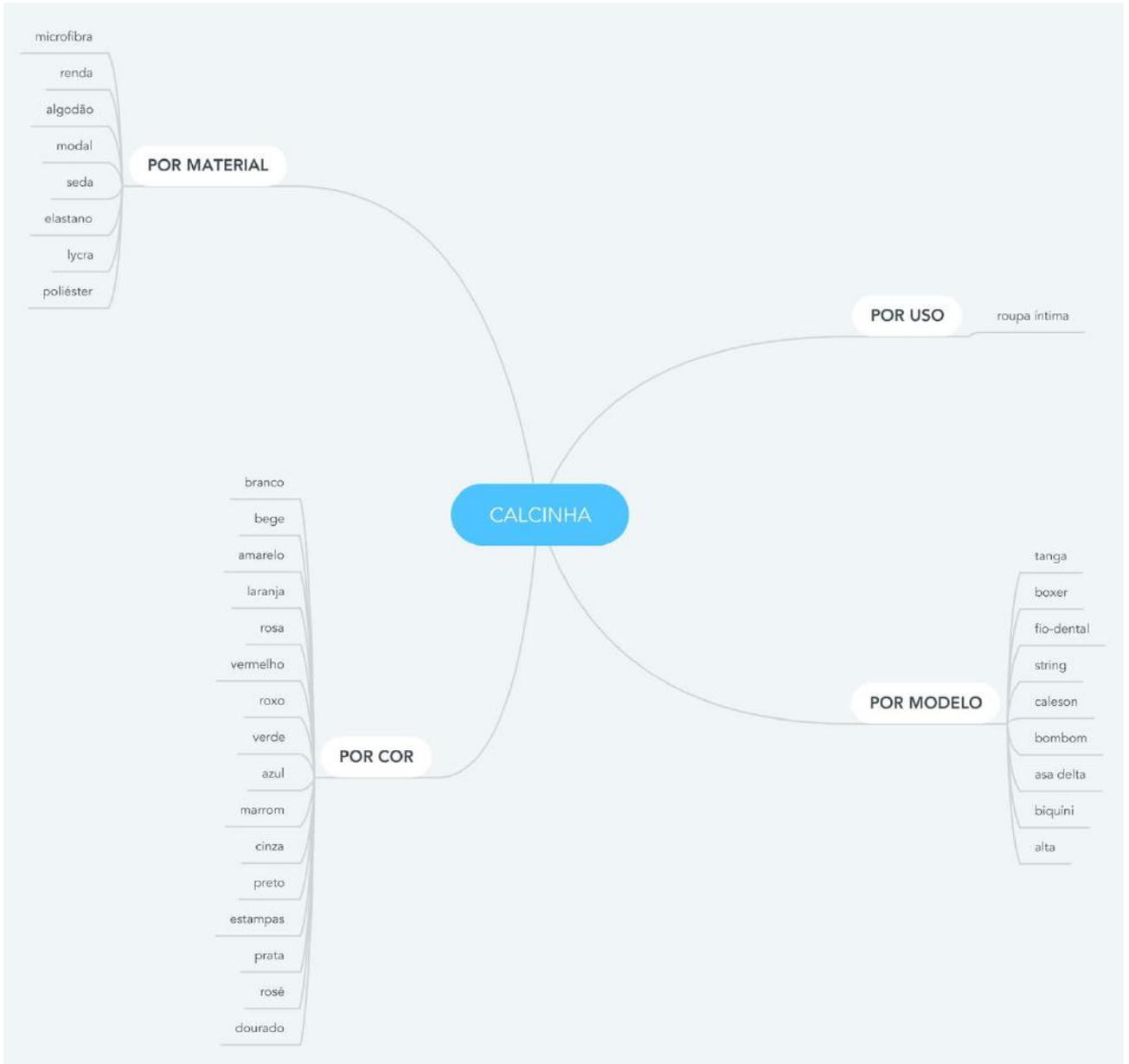
SUTIÃ		
	TE	DETALHES
DETALHES		
	TG	ALÇA
	TE	TAÇA
	TE	BOJO
ALÇA		
	TG	DETALHES
	TE	NADADOR
	TE	TIRAS
	TE	INVISÍVEL
	TE	TOMARA-QUE-CAIA
TAÇA		
	TG	DETALHES
	TE	MEIA TAÇA
	TE	COBERTURA TOTAL
	TE	FRENTE ÚNICA

Fonte: elaborado pela autora.

O sutiã é uma peça de roupa íntima usada para proteger e sustentar os seios e seus modelos variam de acordo com o formato da taça, os detalhes que possuem etc. Entretanto, o que devemos observar ao guardar esses itens são principalmente: se eles são um tipo de top, se têm bojo e se possuem alças. Entende-se que essa é uma boa maneira de categorizar os tipos de sutiãs, visto que cada modelo pode ter inúmeras características, que seria inviável de identificar e separar.

Por serem geralmente acomodados em gavetas, os sutiãs têm um espaço único destinado a eles, podendo ser organizados de forma clara e simplificada pelas cores, pelo bojo ou até agrupar os que não possuem alça (tomara que caia) e separá-los dos demais, conforme preferência da cliente. Os materiais e estilos também são considerados na hora de organizar, pois é interessante separar, por exemplo, os sutiãs de amamentação dos de renda que possuem mais detalhes como o bojo. De qualquer forma, deve-se observar o cotidiano da cliente e o seu acervo.

Figura 28 – Facetas da categoria “Calcinha”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 25 - Objetos da categoria “Calcinha”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

CALCINHA		
	TG	ROUPA ÍNTIMA
	TE	TANGA
	TE	BOXER
	TE	FIO-DENTAL
	TE	STRING
	TE	CALESON
	TE	BOMBOM
	TE	ASA DELTA
	TE	BIQUÍNI
	TE	ALTA

Fonte: elaborado pela autora.

As calcinhas possuem modelos bem diferentes uns dos outros, como por exemplo a fio dental que é bem cavada e pode ter detalhes como renda e laços, enquanto a boxer possui mais tecido e traz mais conforto e privacidade. De qualquer forma, vale avaliar a quantidade de peças de cada modelo para identificar a melhor maneira de categorizar e sua disposição pode ser da mais cavada à mais coberta, pelo tecido, como a renda, o algodão, a lycra ou até mesmo somente pela cor, ignorando as outras facetas.

Uma breve observação em relação aos sutiãs e calcinhas: as peças que formam um conjunto poderão ser agrupadas e separadas das demais (avulsas), conforme desejo do cliente. Assim, pode-se criar um espaço destinado aos conjuntos, uma gaveta por exemplo, mas que tenha uma identificação com etiquetas para facilitar a manutenção. Isso pode ser feito com os conjuntos de roupas também, tópico que será aprofundado no próximo capítulo.

Figura 29 – Facetas da categoria “Underwear”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 26 - Objetos da categoria “Underwear”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

UNDERWEAR		
	TG	ROUPA ÍNTIMA
	TE	BLUSA
	TE	BODY
	TE	SHORT/BERMUDA
	TE	MEIA-CALÇA
	TE	VESTIDO
	TE	MACAQUINHO
	TE	MACACÃO
	TE	CINTA

Fonte: elaborado pela autora.

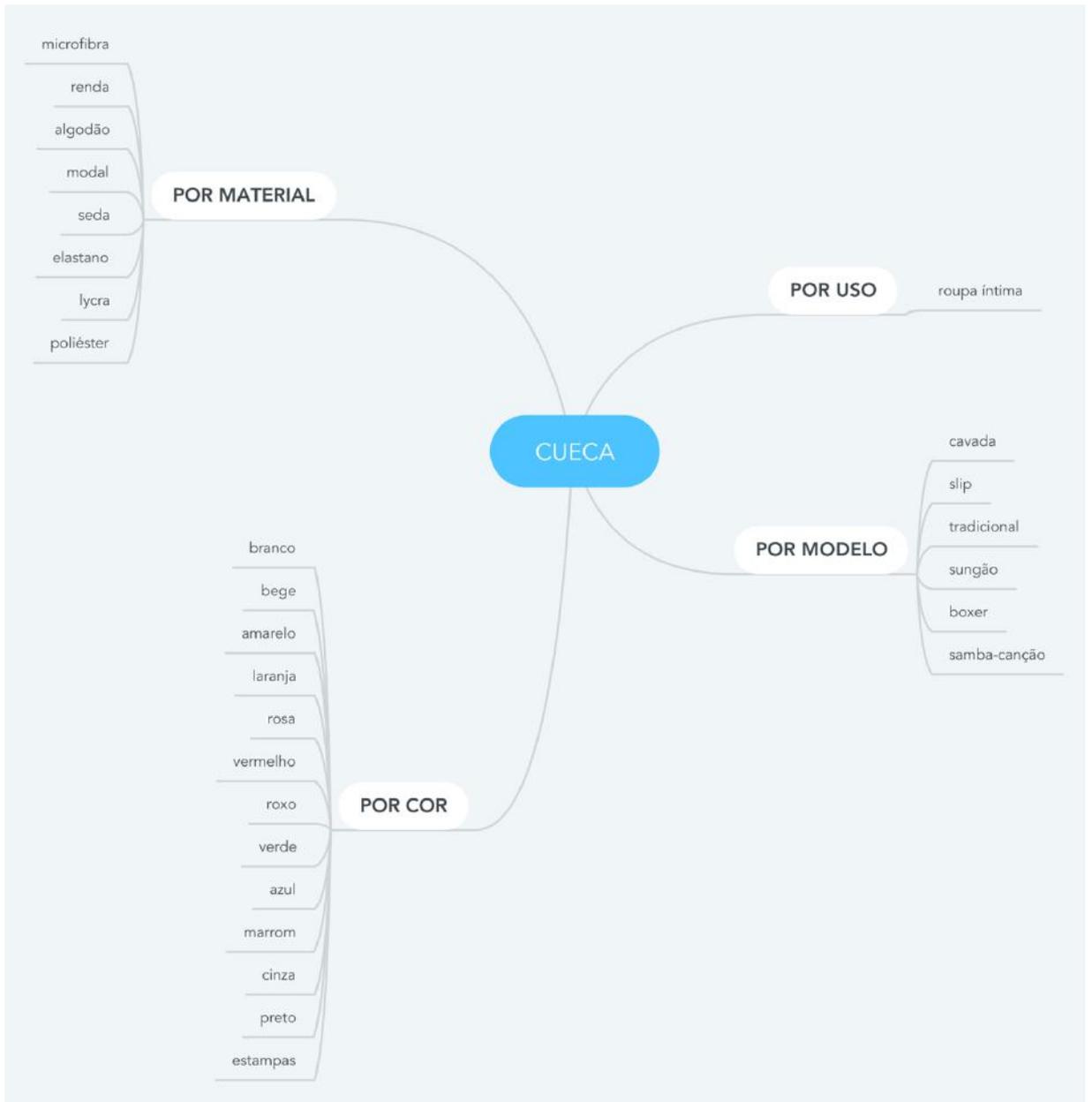
A peça íntima chamada de *underwear* é a roupa que serve para modelar ou até mesmo para aquecer o corpo. Muito usadas por baixo das roupas comuns, essas peças podem ser de diversos modelos, como short, blusa, vestido ou mesmo a cinta modeladora, que possui maior

compressão na região do abdômen. Vale observar que as underwear tem suas cores mais neutras, que visam chegar perto do tom da pele, variando entre o branco, bege, rosa claro, amarelo, vermelho, marrom e o preto.

Na organização, mesmo que todas as roupas íntimas fiquem juntas, deve-se separar uma área para as *underwear*. Isso deve ser feito, visto que essas têm um uso mais específico, que é de suavizar o corpo e muitas vezes, disfarçar as outras peças íntimas usadas por baixo.

No idioma inglês, *underwear* significa roupas interiores, ou seja, todas as roupas que usamos por baixo das outras peças. Isso dá a entender que as calcinhas, sutiãs, cuecas e meias também estariam nessa categoria, no entanto, no Brasil, é comum designar este nome para essas roupas que tem o uso citado acima.

Figura 30 – Facetas da categoria “Cueca”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 27 - Objetos da categoria “Cueca”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

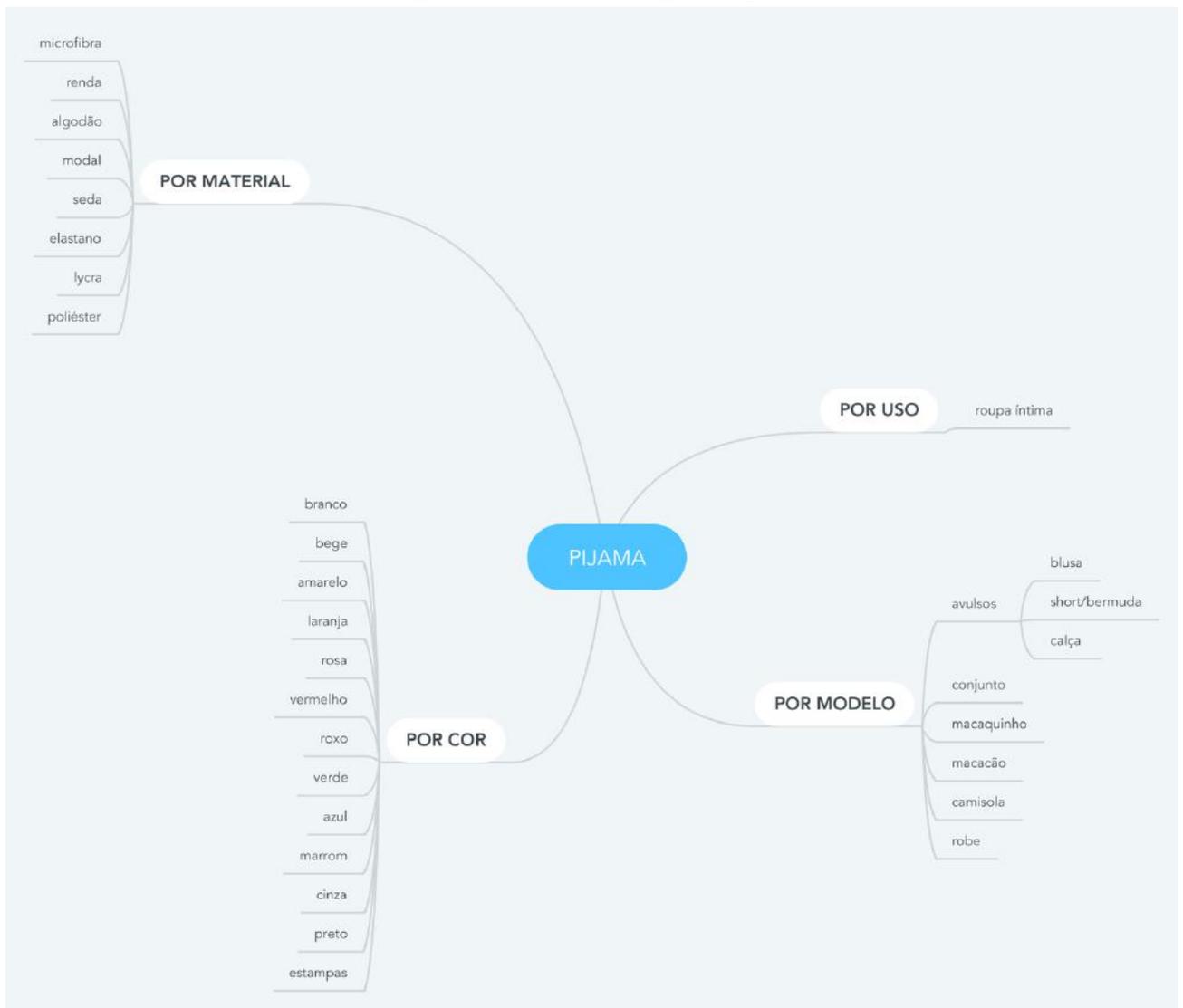
CUECA		
	TG	ROUPA ÍNTIMA
	TE	CAVADA
	TE	SLIP
	TE	TRADICIONAL
	TE	SUNGÃO
	TE	BOXER
	TE	SAMBA-CANÇÃO

Fonte: elaborado pela autora.

O modelo da cueca varia de acordo com o tamanho da lateral, assim como as sungas, de forma que possuem as mais cavadas e as que cobrem mais o corpo, como é o caso da sambacção, muito usada também para dormir, por ser mais confortável. A cueca, assim como as outras roupas íntimas, serve para cobrir e proteger os órgãos sexuais, usada também para a prevenção de algumas doenças. Essa deve estar em fácil acesso e organizada de tal forma que o cliente consiga ver todas que possui e assim, fazer um rodízio, para que todas sejam usadas em um intervalo de tempo parecido e conseqüentemente, lavadas com frequência.

Sua organização pode valorizar os modelos, assim como as cores. Caso estejam dobradas em gavetas, deve-se identificar o tipo na marcenaria, com o auxílio das etiquetas, para que o cliente escolha o modelo desejado.

Figura 31 – Facetas da categoria “Pijama”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 28 - Objetos da categoria “Pijama”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

ROUPA DE DORMIR	USE	PIJAMA
PIJAMA		
	TG	ROUPA ÍNTIMA
	UP	ROUPA DE DORMIR
	TE	AVULSOS
	TE	CONJUNTO
	TE	MACAQUINHO
	TE	MACACÃO
	TE	CAMISOLA
	TE	ROBE
AVULSOS		
	TG	PIJAMA
	TE	BLUSA
	TE	SHORT/BERMUDA
	TE	CALÇA

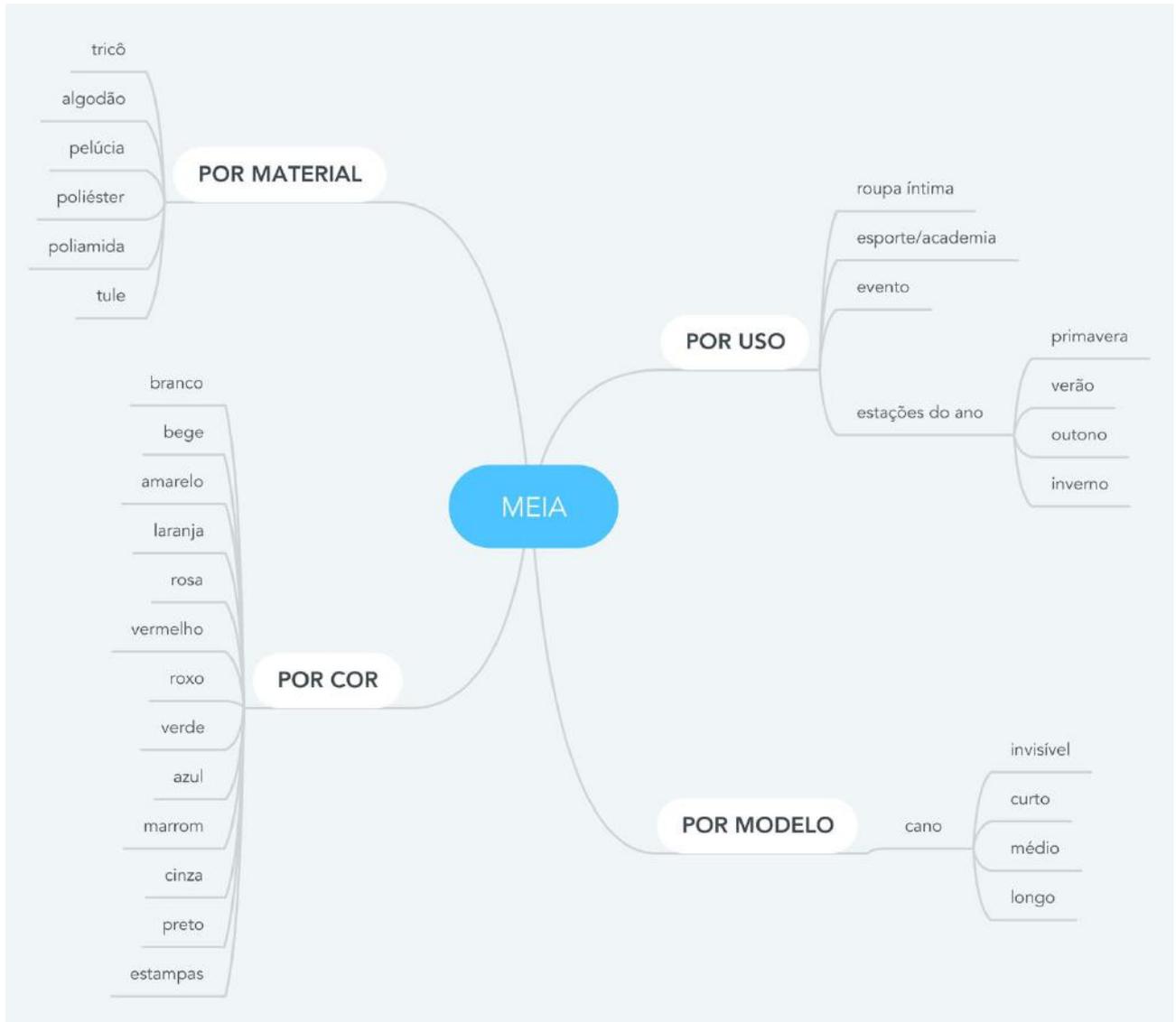
Fonte: elaborado pela autora.

Os pijamas são roupas usadas para dormir determinadas pelo fabricante da peça ou pela própria pessoa, ao escolher itens que considera confortáveis. Nesse universo, podemos separar as peças avulsas, dos conjuntos, das camisolas, dos robes, macaquinhos e macacões. Os itens que não possuem um conjunto determinado podem entrar na categoria “avulsos”, ou seja, blusas, shorts, bermudas e calças.

É interessante que na organização dos pijamas, há uma divisão pelo modelo, de forma que a cor entra como segunda categorização, ou seja, todos os conjuntos juntos, do branco ao preto etc. Assim, o (a) cliente identificará com mais facilidade a roupa que deseja, principalmente se estiver identificado com etiquetas cada critério escolhido.

A categoria dos robes entra aqui pois muitas vezes eles fazem conjuntos com pijamas e camisolas e é comumente usado junto com esses itens. Apesar de poder ser usado para andar na casa ao longo do dia, entende-se que a categoria que o robe se encaixa mais na taxonomia é dentro dos pijamas, ao se tratar de uma peça de roupa que cobre maior parte do corpo.

Figura 32 – Facetas da categoria “Meia”



Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 29 - Objetos da categoria “Meia”, representados na taxonomia com a faceta de Modelo

MEIA		
	TG	ROUPA ÍNTIMA
	TE	CANO
CANO		
	TG	MEIA
	TE	INVISÍVEL
	TE	CURTO
	TE	MÉDIO
	TE	LONGO

Fonte: elaborado pela autora.

A meia pode ser usada para diversas ocasiões de acordo com o seu modelo. Como exemplo, podemos citar as meias de algodão que por ter mais absorção e serem mais

confortáveis são geralmente usadas com tênis e botas. Já as meias sociais são usadas com sapatos mais finos, em ocasiões especiais. Temos também as de compressão, muito utilizadas em voos longos. De qualquer forma, as meias podem se diferenciar a partir do seu material, da grossura da fibra e do seu tamanho, podendo ser de cano invisível (não aparecer quando usada com calçado), curto, médio ou longo.

Na organização, elas podem ser divididas pelos modelos citados acima, ou ainda pelo uso, de forma que fique perto da categoria a que pertence, como é o caso das meias de academia, que podem andar pelo *closet*, ficando perto dos tênis apropriados ou até mesmo das outras roupas de academia.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobretudo, este trabalho buscou representar os objetos (peças de roupas) e as maneiras de organizá-los (facetas), utilizando os princípios e os conhecimentos da CI e da Taxonomia para tal objetivo. Entretanto, vale analisar que, apesar do foco central de um SOC ser o de representar os temas da área do conhecimento e geralmente esses conceitos terem a ver com as ideias e os processos estudados, no caso desta monografia, foi identificado esses conceitos são propriamente os objetos. Em outras palavras, o modelo aqui criado buscou estruturar os objetos físicos, assim como são feitas com as informações (documentos e livros) nos espaços.

Analisando o modelo como um todo, de maneira prática, podemos dizer que o que muda de um objeto para outro são principalmente os modelos, que são justamente a caracterização de cada categoria, ou seja, seus itens pertencentes. Sobre as outras facetas são feitas algumas observações:

a) A faceta material se repete em alguns casos pois entende-se que vários objetos podem ser fabricados com a mesma composição, os mesmos tecidos. Para exemplificar, podemos ter tanto uma blusa feita de nylon como uma mochila feita de nylon, ou seja, itens diferentes, mas com a mesma faceta material (nylon). Entretanto, isso não ocorre em todos os objetos, por isso foram colocados nas figuras, os materiais que provavelmente encontraremos nos itens. Exemplificando podemos citar o caso dos pijamas que, possuem como principais materiais os tecidos de algodão ou seda e, portanto, não citando nesta faceta o material “couro”, por exemplo, visto que não é comum encontrarmos pijamas nesta composição.

b) A categoria cor se repete na maioria dos itens, uma vez que toda e qualquer peça roupa ou acessório pode ser feito em qualquer cor, sendo interessante para nós somente a sequência dessas cores, estabelecida pelo PO em cada projeto. Neste trabalho, uma figura para representar uma ordem de cores a ser seguida foi utilizada como exemplo. Já na figura das peças de roupa “underwear” foram selecionadas somente as cores que geralmente encontramos desses objetos, se tratando de tons mais neutros e que mesclam com o tom da pele.

c) Por fim, temos a faceta uso, a qual pode ser diferente a cada cliente e projeto, mesmo se tratando de um mesmo objeto, como já exemplificado anteriormente, sendo de responsabilidade do PO entender e organizar os itens, priorizando ou não este aspecto.

Apesar de ficar um pouco repetitivo, essas facetas foram apresentadas em todas as figuras, pois entendemos que isso facilita a visualização de cada item, em casos futuros de consulta.

Ao classificar, naturalmente comparamos as peças entre si, a fim de encontrar similaridades ou diferenças. Neste processo podemos encontrar cenários de itens que possuem:

- Mesmo material, mesmo uso, modelos diferentes: ex. blusas *dryfit* sem manga e blusa *dryfit* com manga.
- Mesmo modelo e diferentes materiais e usos: camisa de botões de pijama e camisa de botões social.
- Mesmo modelo, mesmo material, mas uso diferente para cada pessoa: vestido de usar em casa e vestido de sair ou vestido de usar na praia.

Dessa forma, podemos dizer que os termos da taxonomia apresentada se relacionam entre si, uma vez que existem itens com mais de uma faceta, assim como itens que possuem mais de uma subfaceta, ou seja, pode haver uma blusa que seja *cropped* e de manga curta ao mesmo tempo.

Outro cenário que pode ser encontrado é o de duas peças terem uma faceta em comum e outra diferente, fazendo com que seja necessário escolher uma delas como prioridade para ordenar a organização e, conseqüentemente, a guarda. Como exemplo: todas as blusas *dryfit* juntas e a manga depois ou todas as blusas pela manga, e a faceta de material em segundo lugar e ainda em terceiro a cor.

Para trazer uma base científica para essa afirmação, utilizaremos o livro chamado *The Discipline of Organizing*, de Robert J. Glushko (2013), onde o autor defende que, quando usadas no contexto web para compras online ou pela navegação de uma grande coleção de um museu, as facetas podem ser consideradas em qualquer ordem, ignorando aquelas que não são relevantes. Isso implica uma estrutura organizada e dinâmica que faz a seleção flexível e eficiente dos resultados.

Ao mesmo tempo, o autor estuda os cenários que podem ocorrer no universo dos objetos físicos em uma loja fictícia, para entender a ação das facetas neste contexto:

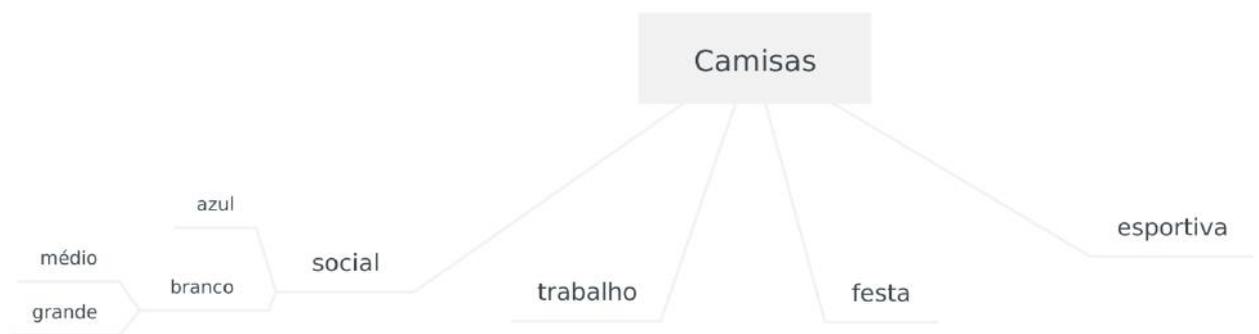
Se uma loja de departamentos oferece camisas em vários estilos, cores, tamanhos, marcas e preços, os compradores podem querer procurá-las e classificá-las usando as propriedades dessas facetas em qualquer ordem. No entanto, em uma loja física, isso não é possível porque as camisas devem ser dispostas em locais reais da loja, com

camisas sociais em uma área, camisas de trabalho em outra e assim por diante. (GLUSHKO, 2013, p.778. tradução nossa).

Ou seja, concluímos que apesar de podermos destacar todas as facetas e navegar sobre elas no ambiente web, no mundo real e físico as facetas devem ter uma lógica, uma hierarquia de facetas, como comenta em:

Suponhamos que a loja de camisas tenha camisas em quatro estilos: camisas sociais, camisas de trabalho, camisas de festa e camisas esportivas. As camisas sociais vêm em branco e azul, as camisas de trabalho em branco e marrom, e as camisas de festa e esportivas vêm em branco, azul, marrom e vermelho. Camisas sociais brancas vêm em tamanhos grandes e médios. Suponhamos que estamos procurando uma camisa social branca em tamanho grande. Podemos pensar nessa camisa desejada de duas maneiras equivalentes, seja como membro de uma categoria de “camisas sociais grandes brancas” ou uma camisa com valores “social”, “branco” e “grande” em estilo, cor, e facetas de tamanho. Pela forma como as camisas são dispostas na loja física, nosso processo de busca tem que seguir uma estrutura hierárquica de categorias. Vamos à seção de camisas sociais, encontramos camisas brancas e depois procuramos uma grande. Este processo corresponde à hierarquia apresentada na Figura: Classificação Enumerativa com Faceta Estilo Seguida pela Faceta Cor. (GLUSHKO, 2013, p.779, tradução nossa).

Figura 33 – Faceta Estilo seguida pela Faceta Cor



Fonte: adaptado de Glushko (2013).

Portanto, o resultado da organização das facetas seguindo a lógica Estilo – Cor – Tamanho, nessa loja fictícia nos resultaria em duas pilhas de Camisas Sociais, uma azul e uma branca onde cada pilha contém camisas de tamanhos médios e grandes. Em outro contexto, a loja pode escolher organizar as camisas pela cor. O autor então compara:

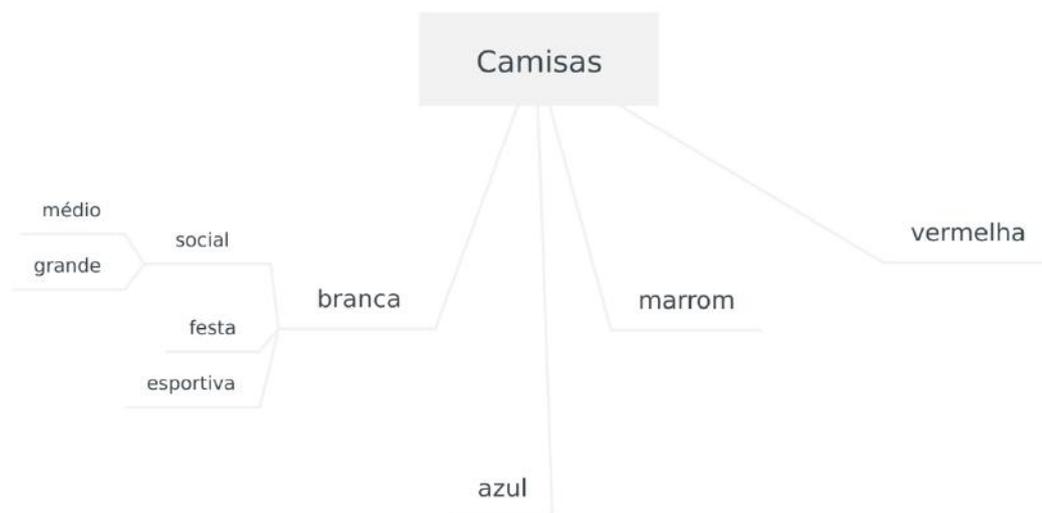
Em nossa busca por uma “camisa social branca em tamanho grande”, se considerarmos a cor primeiro, porque as camisas vêm em quatro cores, há quatro categorias de cores para escolher. Quando escolhemos as camisas brancas, não há

categoria para camisas de trabalho porque não há camisas de trabalho que venham em branco. Em seguida, escolhemos as camisas sociais e, finalmente, encontramos a grande. (Figura: classificação enumerativa com faceta de cor seguida pela faceta de estilo.)

Este exemplo de loja de departamentos mostra que, para uma organização física, uma propriedade de faceta orienta a localização dos recursos; todas as outras facetas estão subordinadas à propriedade organizadora primária. Nas classificações enumerativas hierárquicas, isso significa que a faceta organizadora primária determina a forma primária de acesso. As camisas são organizadas por estilo e depois cor, ou por cor e depois estilo, o que impõe uma estratégia de consulta inflexível (estilo primeiro ou cor primeiro). (GLUSHKO, 2013, p.780, tradução nossa).

Portanto, a figura citada se relaciona neste trabalho com a figura X, onde uma ordenação alternativa das mesmas facetas da camisa muda a hierarquia da classificação. Se a primeira faceta considerada for a cor, o estilo vem a seguir e, finalmente, o tamanho, essa ordenação pode resultar em duas pilhas de camisas brancas, uma para camisas sociais e outra para camisas esportivas, nas quais cada pilha contém camisas de tamanho grande e médio.

Figura 34 – Faceta Cor seguida pela Faceta Estilo



Fonte: adaptado de Glushko (2013).

Sobretudo, o autor indica que o contexto web de compras on-line, quando comparado à compra em uma loja física permite um acesso altamente flexível, pois ao invés de ter que aderir às facetas predeterminadas inventadas pela loja, em um sistema de organização digital, a classificação facetada permite priorizar diferentes facetas, reorganizando dinamicamente a forma como a coleção é apresentada (GLUSHKO, 2013). A fala do autor quer dizer que é

benéfico representar digitalmente a estrutura e as facetas, de forma que, intuitivamente, o usuário consiga acessar a informação que necessita.

Na taxonomia elaborada nesta monografia, as facetas são representadas sem uma ordenação hierárquica a princípio. Entretanto foi demonstrado nos capítulos anteriores que a criação dessa ordenação é de responsabilidade do PO, ao unir seus conhecimentos e experiências com as particularidades e preferências do cliente. Esta é a ideia central deste trabalho, onde usamos a taxonomia para auxiliar nesta tomada de decisão. Mais à frente neste capítulo discutiremos as possíveis aplicações do modelo para que tal feito seja concretizado.

Como exemplo da característica da personalização desta atividade e a unicidade de cada projeto de organização podemos pensar em uma situação hipotética, em uma pessoa que trabalha em um hospital, onde geralmente tem o clima frio, por conta dos ares-condicionados, mas mora no Rio de Janeiro, onde o clima a maior parte do ano é quente. Se não houver uma conversa mínima sobre esse detalhe, a PO poderia pressupor que as peças de frio são de menor uso e separá-las das de uso diário (algo que acontece com frequência em nossa cidade), entretanto, as segundas peles e jaquetas são as peças que essa pessoa mais usa. Esse é um exemplo sobre a personalização desta profissão e a unicidade de cada projeto.

Para fechar essa reflexão, é necessário destacar que o autor indica tornar digital o processo de acesso dos itens, para que não tenha uma estrutura das facetas pré-determinada, ideia seguida pela Taxonomia Facetada Navegacional de Objetos Residenciais. Porém, este trabalho também busca fazer o caminho inverso, ou seja, valorizar e indicar a ação do PO como criador da ordenação hierárquica das facetas. Desse modo, apesar do autor indicar como sendo um aspecto negativo, entendemos que no caso da OR, isso deve ser considerado, visto que se trata de uma organização personalizada, pensada para aquele cliente específico e, não, uma loja onde possuem diversos clientes diversos, com prioridades e estilos de vida diferentes.

Com relação ao conteúdo dos modelos, algumas peças específicas não foram mencionadas na taxonomia. Dentre elas temos a categoria “short-saia”, que podemos dizer que possui as mesmas facetas e subfacetas da categoria “saia”, uma vez que aparenta uma, mas possui um short por baixo. Outra peça que não foi encaixada no modelo foi o conjunto. Esses podem estar presentes nas diversas categorias de roupas, como blusa e short, blusa e calça, conjunto de moletom, conjunto de top e short de academia etc. Portanto, podemos indicar três maneiras de organizá-los:

1. Dentro do uso pertencente: conjunto de pijama, conjunto de academia, conjunto de moletom;
2. Dentro da categoria das peças separadamente, onde a parte de cima fica dentro de sua

categoria no armário, assim como a parte de baixo, por exemplo, blusa do conjunto junto com as outras blusas e short do conjunto com os outros shorts, “desfazendo-o”.

3. Ou até uma categoria separada das demais somente com os conjuntos: geralmente uma parte do cabideiro, prateleira ou gaveta destinada à todos os conjuntos de todos os modelos.

Analisando ainda os resultados dos produtos deste trabalho, podemos pontuar algumas características em relação às suas limitações, pois, como citado anteriormente, não é possível fazer uma taxonomia de todos os ambientes da casa somente em uma monografia. Entretanto, acredita-se que a que foi construída aqui possa servir como inspiração e como base para a criação de outras. Alguns exemplos de outros espaços a serem elaborados, seriam: a rouparia (roupas de cama, banho e mesa), cozinha, toda a parte de louçaria, taças e itens de servir à mesa, quarto de bebê, brinquedoteca, depósitos de itens de festa, fantasias entre outros.

Visto que o modelo foi pensado pressupondo as situações que podem ser encontradas neste ambiente, o que não foi previsto pode ser um aspecto limitante do modelo. Isso se mostrará com a leitura de profissionais e suas experiências pessoais, uma vez que não foi feito um estudo entrevistando outros PO's e sim, com o auxílio da bibliografia. Por isso, este modelo pode e deve ser aprimorado no futuro, buscando sempre atender o maior público de pessoas e seu crescimento.

Pensando em possibilidades futuras de aplicação do modelo, seria interessante o desenvolvimento de softwares e aplicativos que apresentem as taxonomias. Essas ferramentas podem facilitar o acesso pelos usuários, principalmente pelo PO, ao procurar um termo e suas categorias pertencentes. Em um contexto de OR, podemos imaginar os seguintes cenários:

Cenário 1: um novo cliente, cujo PO ainda não conhece suas peças, começa a categorizar os itens, mas encontra dificuldade em agrupar alguns e em criar boas categorias. O profissional então consulta o aplicativo ou site para revisar as maneiras de montar as categorias, de acordo com as facetas e então seleciona as que mais se encaixam no contexto, em relação às suas premissas sobre a cliente, o que conversaram e o que mais se adequa ao espaço e à mercadoria disponível.

Nesse contexto, o ideal seria o aplicativo mostrar os termos, seus significados e eventualmente, fotos das peças, de maneira interativa, fazendo com que o PO conseguisse organizar os itens do seu cliente, através do acesso aos termos no software. Assim como ocorre com os principais aplicativos de delivery, que disponibilizam uma interface interativa e lógica para a escolha e o filtro dos tipos de comidas, assim como o restaurante a ser escolhido.

Outra possibilidade de aplicação de uma ferramenta como essa, seria o de a PO mapear o *closet* do seu cliente e representá-lo em formato de mapa mental. Essa ideia surge de uma necessidade em apresentar como o ambiente foi organizado, de forma clara e acessível, aos responsáveis pela manutenção do espaço, geralmente sendo o próprio cliente ou sua funcionária. Portanto, podemos exemplificar este segundo contexto:

Cenário 2: o PO termina a organização e entra no aplicativo ou site para criar um mapa mental personalizado, do ambiente organizado, selecionando os itens e as facetas escolhidas. Este documento então poderia ser disponibilizado para impressão ou eventual consulta digitalmente.

Cenário 3: o cliente é antigo, ou seja, já passou pela experiência da criação do projeto de organização, mas deseja o serviço de manutenção. O PO então, após finalizar esta segunda etapa, entra no software e reconfigura algumas áreas do mapa mental caso tenha sido feita alguma modificação do espaço ou da lógica da organização.

Figura 35 – exemplo de mapeamento de *closet* de cliente



Fonte: elaborado pela autora

Na figura 29, foi exemplificado um mapa mental de partes de um *closet* de cliente (nome e *closet* fictícios), para demonstrar como essa visualização facilitaria a manutenção do espaço. Algo que só é possível se ser elaborado com um glossário e uma taxonomia construídas previamente, que é o caso deste trabalho de conclusão de curso, assim como as experiências de bibliotecários e profissionais da OR conversando entre si. Nota-se que no exemplo da figura 29, já estão escolhidas as facetas preferidas para cada objeto, assim como a sequência (ordenação hierárquica das facetas), algo que é elaborado e configurado no software pelo PO.

Portanto, o proposto neste capítulo e nesta monografia como um todo tem como objetivo demonstrar como a biblioteconomia pode contribuir com a melhoria da qualidade do trabalho

oferecido pelo PO. A criação do modelo de taxonomia navegacional facetada pode ser benéfica a esta atividade, uma vez que mapeia a área do conhecimento, representando seus termos organizados (que neste caso se dão pelos itens presentes no universo das roupas) além de destacar suas facetas, que são responsáveis por ordenar a organização física dos objetos.

6 CONCLUSÃO

As ideias propostas ao longo do trabalho, demonstram as diversas possibilidades de elevar a um outro nível toda a atividade de organização, visto que apresenta um modelo de mapeamento dos objetos, com os termos, suas características, categorias e facetas. Sobretudo, visa contribuir com o crescimento da atividade, além de estudar os processos e como melhorá-los.

É importante observar que, tanto a biblioteconomia pode contribuir com a atividade reproduzida pelo PO, quanto esta área em ascensão pode abrir portas para o profissional bibliotecário, algo que já foi trabalhado em toda a monografia, mas que será reforçado neste capítulo.

Em primeiro lugar, a questão que fomentou este projeto foi: como a Biblioteconomia pode contribuir para o desenvolvimento da área de organização de residências? Ou seja, além de entendermos as maneiras práticas de contribuir com outra área do conhecimento, procuramos destacar aqui o papel da Biblioteconomia para desenvolver qualquer área, correlata ou não, afirmando sua notoriedade e importância na comunidade científica.

Com a elaboração da taxonomia, podemos afirmar que a área da OR, focando nos objetos de um *closet*, foi um pouco mais aprofundada, academicamente falando, abrindo portas para futuras pesquisas, implementações do modelo e/ou modificações, que serão sempre bem-vindas, uma vez que a finalidade desse estudo é a de aprimorar esta atividade tão positiva para tantas pessoas.

Em segundo lugar, podemos afirmar que a área de OR pode ser uma nova área de atuação para o profissional bibliotecário, uma vez que o curso de Biblioteconomia engloba os princípios da organização dos livros, documentos e do conhecimento no geral. Os processos feitos pelo bibliotecário em seu trabalho se relacionam muito com os enfrentados pelo PO, o que muda em relação aos dois são os objetos em que atuam, um com livros, documentos, objetos de um museu, entre outros e, o outro, com objetos que compõe uma residência.

Sobretudo, os dois tratam de documentos, pois uma peça a de roupa pode conter muitas informações e características que necessitam ser organizadas, além de trabalharem principalmente com o atendimento de pessoas, sejam usuários em uma biblioteca ou um cliente e seu acervo pessoal. Nesse quesito, o serviço de referência e a educação aos usuários estudados nos cursos de graduação em biblioteconomia oferecem aporte teórico e prático para lidar com pessoas e suprir suas necessidades informacionais. Portanto, esta atividade pode e deve ser apresentada aos futuros bibliotecários como forma de atuação.

REFERÊNCIAS

ABIB, Cleide Vilela. **Personal Organizer: o tratamento da informação e as competências do bibliotecário consultor**. Orientadora: Esther Hermes Luck. 2018. 56 f.; Trabalho de conclusão de curso (graduação em biblioteconomia e documentação) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/24450>. Acesso em: 10 jun. 2022.

AGANETTE, E. C.; MACULAN, B. C. M. D. S.; LIMA, G. N. B. O. Bpm acadêmico: mapeamento de processos e de fluxos informacionais na eci/ufmg. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 13, n. 1, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.1981-0695.2018v13n1.39607 Acesso em: 11 dez. 2022.

AGANETTE, E., ALVARENGA, L., & SOUZA, R. R. (2010). Elementos constitutivos do conceito de Taxonomia. **Informação & Sociedade: Estudos**, 20(3). Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/3994>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

ANPOP BRASIL. **Associação Nacional de Profissionais de Organização e Produtividade**. Disponível em: <<https://www.anpop.com.br/>>. Acesso em: 11 dez. 2022.

ARAÚJO, W. J.; LIMA, G. N. B. O.; GOMES, R. F.; FERNANDES, L. G. **Desenvolvimento de sistemas de organização do conhecimento: partindo dos de estrutura simples para os complexos**. Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103696>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989. Original publicado em 1974.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Lúcia. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento?. In: ENANCIB, IX. 2008, São Paulo. **Diversidade cultural e políticas de informação**. São Paulo: USP, 2008. Disponível em:<<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/view/3016/2142>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

CADA MINUTO. **Pandemia recoloca no foco a profissão de Personal Organizer**. C2022. Disponível em: <<https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2021/08/31/pandemia-recoloca-no-foco-a-profissao-de-personal-organizer>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha. “Taxonomia e classificação: o princípio de categorização”. **DataGramZero**. Revista de Ciência da Informação, v. 9, n. 4, artigo 01. 2008. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/310865603/Campos-Gomes-Taxonomia-e-Classificacao-o-Principio-de-Categorizacao>>. Acesso em: 11 dez. 2022.

CARVALHO, Kalinka. **Método Fly Lady: organize sua casa com 15 minutos diários**. C2022. Disponível em: <<https://kalinkacarvalho.com.br/blog/metodo-fly-lady-organize-sua-casa-com-15-minutos-diarios>>. Acesso em: 17 jul. 2022.

CAVALCANTI, Cordelia R. **Indexação & tesauro: metodologia e técnicas**. Brasília: ABDF, 1978.

CONWAY, Susan; SLIGAR, Char. **Building taxonomies**. Unlocking knowledge assets. Redmont: Microsoft Press, 2002. Cap. 6.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. xvi, 451 p.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 7, n. 2, 1978. DOI: 10.18225/ci.inf.v7i2.115. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/115>. Acesso em: 11 dez. 2022.

DODEBEI, V.L.D. **Tesauro: linguagem de representação da memória documentária**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002. 119 p.

FERNÁNDEZ-MOLINA, J. C. Enfoques objetivo y subjetivo Del concepto de información. **Revista Española de Documentación Científica**, v.17, n.3, p. 320-330, 1994.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2007. xx, 152 p. Disponível em: <<http://bds.uns.br/handle/123456789/922>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

GARCES, S. B. B. **Classificação e Tipos de Pesquisas**. Universidade de Cruz Alta– Unicruz: Rio Grande do Sul, 2010.

KONDO, Marie. **Isso me traz alegria**. Tradução de Debora Chaves, Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

MARTINS, Sergio de Castro. **Modelo conceitual de ecossistema semântico de informações corporativas para aplicação em objetos multimídia**. 276f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Niterói, 2019.

MEDEIROS, M. B. B.; CAFÉ, L. M. A. **Organização da informação ou organização do conhecimento?** Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/176535>>. Acesso em: 11 jun. 2022.

Ministério do Trabalho. **3751-30 – Profissional de organização (personal organizer)**. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>>. Acesso em: 11 dez. 2022.

MORESI, Eduardo (Org.). **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003. Disponível em: <<http://www.inf.ufes.br/~pdcosta/ensino/2010-2-metodologia-de-pesquisa/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2022.

NAPO. National Association of Professional Organizers. Disponível em: <<https://www.napo.net/>>. Acesso em: 11 dez. 2022.

ORGANIZE SUA VIDA. **Você sabe o que faz um Personal Organizer?** c2022. Disponível em: <<https://www.organizesuavida.com.br/voce-sabe-o-que-faz-um-personal-organizer/>>.

Acesso em: 12 jul. 2022.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **DataGramZero**, v. 5, n. 5, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5664>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: história, tramas, tipos e usos**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2021.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. In: **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa, UFPB, 2002. P.61-86. Disponível em:<<https://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/17/1/LenaGeneseUFPB-2.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Pinterest. **Sequência de cores na organização**. C2022. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/498632989996552048/>>. Acesso em: 11 dez. 2022.

SETZER, V. W. Dado, informação, conhecimento e competência. **DataGramZero**, v. 0, n. 0, 1999. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/7327>>. Acesso em: 11 jun. 2022.

TÁLAMO, M. F. G. M.; LARA, M. L. L. G.; KOBASHI, N. Y. Contribuição da terminologia para a elaboração de tesouros. **Ciência da Informação**, v. 21, n. 3, 1992. DOI: 10.18225/ci.inf.v21i3.432. Acesso em: 14 nov. 2022.

TERRA, J. C. C. et al. **Taxonomia: elemento fundamental para a gestão do conhecimento**. TerraForum, São Paulo, 2005. Disponível em:<<http://pessoal.utfpr.edu.br/mansano/arquivos/taxonomia.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2022.

TIME. **Marie Kondo**. c2022. Disponível em: <<https://time.com/author/marie-kondo/>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

TZITZIKAS, Y. et al. Extended faceted taxonomies for Web Catalog. **ERCIM News**, n.51, p.1-2, 2002. Disponível em: <http://www.ercim.org/publication/Ercim_News/enw51/tzitzikas.html> Acesso em: 26 jun. 2022.

VICKERY, B. C. Ontologies. **Journal of Information Science**, London, v. 23, n. 4, p. 227-286, 1997.

VIGNOLI, R. G.; SOUTO, D. V. B.; CERVANTES, B. M. N. Sistemas de organização do conhecimento com foco em ontologias e taxonomias. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 23, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/91940>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

GLOSSÁRIO

Acessórios: objetos que complementam as roupas e a produção. Podem ter funções de aquecer e proteger o corpo, como os cachecóis e toucas, ou somente estético como os brincos e colares.

Alfaiataria: estilo de roupas as quais possuem um corte específico, mais reto e estruturado. Peças de alfaiataria geralmente possuem melhores acabamentos e passam uma imagem mais alinhada, além de serem roupas mais clássicas, como o blazer, a calça de alfaiataria, a saia lápis entre outros.

Aplique: alongamento ou extensão do cabelo. Fixo ou removível, é feita a interação de cabelos naturais ou artificiais, para aumentar o comprimento e volume dos fios.

Baguete: tipo de bolsa que tem um design mais compacto, retangular e sua alça é curta. Este último detalhe é que dá nome ao acessório, uma vez que a bolsa fica próximo à axila, assim como o pão baguete fica ao ser levado pelos franceses.

Balonê: peça de roupa, normalmente saias e vestidos, com o corte franzido e que a parte inferior sugere a forma de um balão.

Bandana: tipo de lenço com uma estampa específica, utilizada para proteger o cabelo e/ou a cabeça.

Bata: um tipo de blusa com modelagem mais fluída, geralmente ligada ao estilo de roupa mais confortável e despojado. Tem inspiração nas batas típicas indianas.

Baú: tipo de bolsa com formato arredondado, parecido com um baú, como o próprio nome diz. Em geral, é feita com alças curtas para carregar na mão e tem um estilo mais clássico e elegante, passando mais formalidade por conta de sua estrutura.

Bijuteria: uso de ligas metálicas semelhantes a ouro ou prata, assim como com pedras semipreciosas, vidro, plástico, miçangas etc. de modo a criar objetos semelhantes a joias e peças de fantasias. Por extensão, o termo também se aplica aos objetos criados. Tratando-se inicialmente de imitações de joias, a bijuteria se desenvolveu numa série de adereços com valor artístico em si mesmo, não mais tentando imitar as joias necessariamente, embora mantendo a mesma função de adereço corporal ou acessório.

Biker shorts: da tradução literal “bermudas de ciclista” é o nome dado às bermudas coladas ao corpo, geralmente feitas de malha ou lycra que se parecem com as bermudas usadas pelos ciclistas, mas que são usadas casualmente ou para a prática de atividade física.

Biquíni: usado em sua maioria pelo público feminino, os biquínis são peças de banho que cobrem as regiões íntimas, deixando à mostra a região da barriga e as pernas. Existem diversos modelos e tecidos usados para a fabricação dos biquínis.

Blazer: é um tipo de casaco aberto, que pode possuir botões para seu fechamento. Com um estilo formal e alinhado, é uma peça de alfaiataria muito usada em ambientes de trabalho.

Blusa: peça de roupa que envolve o corpo do pescoço até a cintura ou até o quadril. Possui diversas modelagens e pode ter ou não mangas, gola e botões.

Body chain: tipo de colar (corrente) que envolve parte do corpo, desde o pescoço, até a cintura.

Body: também chamado de *collant*, é um tipo de blusa que possui um fecho na parte inferior, na região da virilha, cobrindo toda a parte do tronco.

Boina: parecido com um boné, mas de copa redonda e sem aba, em geral feito sob tecido de lã.

Bolsa: é um tipo de acessório que serve para carregar diversos itens como dinheiro, chaves, maquiagem, documentos etc. Pode ser feita em diversos modelos e materiais.,

Boné: acessório que cobre grande parte da cabeça além de ter uma aba na parte da frente para proteger o rosto do sol.

Bota: é um tipo de calçado que apresenta o cano mais longo que o sapato comum, com o comprimento podendo ir do tornozelo até acima dos joelhos (bota *over the knee*). Bastante usada no inverno ou em regiões mais frias, tem o propósito de aquecer e proteger os pés, visto que podem ser feitas com materiais mais robustos, como o couro ou a borracha. Seus modelos variam muito e podem ter saltos ou até mesmo serem de pelúcia por dentro.

Boyfriend: a calça ou bermuda boyfriend possui a modelagem das pernas mais largas e com o gancho baixo.

Brinco: tipo de acessório usado como enfeite nas orelhas, podem ser encaixados através de furos, ou serem de pressão, os quais não necessitam de furos para cumprirem sua função. Podem ser de diversos materiais e estilos, sendo considerados bijuterias ou joias.

Broche: adereço com um alfinete que serve para prender em bolsas, lenços ou roupas como enfeite ou transmitir alguma mensagem.

Cachecol: tipo de acessório usado em climas frios para esquentar o pescoço e o colo. Pode ser feito de materiais mais quentes, como a lã ou o cashmere.

Calça: peça de roupa que cobre a parte de baixo do corpo (quadril e pernas). Possui vários modelos e materiais.

Calçado: é uma peça do vestuário com a função primária de proteger os pés do meio ambiente, embora também tenham uma finalidade estética. Há uma grande variação de calçados, que são classificados pela sua utilização e formatos.

Camisa: tipo de blusa a qual possui botões e modelagem reta ou acinturada. Geralmente se encaixa nos estilos formais e pode ser de alfaiataria. Usada muito como traje de trabalho, uniforme ou até em ocasiões especiais ficando por baixo dos smokings e ternos.

Camiseta: tipo de blusa com estilo e casual e confortável. Geralmente feita sob tecido de malha.

Camisola: similar ao vestido, possui tecidos e modelagens que indicam mais sensualidade e/ou conforto, elaborada para o uso como pijama ou roupas de dormir.

Canga: trata-se de uma peça semelhante ao formato de uma toalha, feita com um tecido leve e fresco, que seca com facilidade. Neste contexto, a canga pode ser esticada na areia e em cadeiras para banhar-se ao sol ou até usada como saída de praia pela possibilidade de diversas amarrações.

Capuz: tecido variável de forma e tamanhos diversos, que serve para proteger a cabeça. Geralmente faz parte de uma peça de roupa, como no casaco.

Cardigan: tipo de casaco aberto, geralmente feito sob materiais como a lã, malha e cashmere que não possui dispositivo para seu fechamento.

Cargo: é um estilo de peça que apresenta bolsos nas laterais, corte mais largo e é considerada informal e despojada. Geralmente feita com tecidos mais grossos.

Carteira: tipo de bolsa confeccionada para guardar dinheiro, cartões e moedas. Pode ter alça ou não e algumas conseguem abrigar o celular.

Casaco: peça de roupa que é usada por cima de outras, com a pretensão de aquecer. Pode ser aberto, com botões ou sem, como é o caso do cardigan, ou fechado, com gola, com capuz entre outros detalhes.

Chapéu: tipo de acessório que cobre grande parte da cabeça e possui uma aba em torno da mesma para proteger contra o sol.

Chinelo: calçado macio e confortável, que pode ou não ter salto, que pode ter diversos usos, como uso em casa, praia etc. Possui duas alças na parte de cima e seu material geralmente é feito de borracha.

Chuteira: calçado destinado ao uso esportivo, geralmente no futebol ou futsal por ter um solado específico para tal atividade e os diferentes pisos das quadras.

Cinto: tipo de acessório que tem como estrutura uma tira de largura variável feita de tecido, couro ou outro material, que se passa em torno da cintura e se ata com laço, fivela ou outro fecho. Pode ser também qualquer cinta ou faixa que rodeia a cintura ou o tronco para fins de segurança ou estética.

Clochard: peça de roupa que apresenta um detalhe na parte da cintura parecido com um babado. Apresenta-se em peças como shorts e calças, podendo fazer um estilo mais formal em peças de alfaiataria ou mais despojado, como em um short jeans, por exemplo.

Clutch: é uma palavra em inglês que significa “agarrar”, ou seja, são bolsas que são carregadas pelas mãos, geralmente não possuem alças e são em sua maioria pequenas e médias. São muito

usadas em eventos e festas pois geralmente são rígidas e confeccionadas com pedras, trazendo mais formalidade.

Colar: tipo de acessório usado na região do pescoço, que serve como adereço estético.

Colete: é uma peça de roupa que cobre somente a região do tórax, sem mangas, que deixam os braços à mostra. Pode ter botões ou não e possuem um estilo mais formal, com aspectos da alfaiataria.

Conjunto: se dá pela coleção dos objetos, no universo dos vestuários, pelos itens vendidos juntos, que combinam entre si, em relação à sua cor, material etc.

Cotoveleira: tipo de acessório que serve para proteger os cotovelos principalmente em práticas de atividades físicas.

Cropped: tipo de blusa com modelagem mais curta, geralmente com comprimento na altura da cintura. Pode ser de várias modelagens e materiais.

Cueca: peça íntima que cobre desde a cintura até parte das coxas ou das virilhas que protege a região íntima e serve para usar por baixo das bermudas e calças.

Destroyed: são peças de roupas que possuem rasgos propositalmente.

Echarpe: é uma faixa comprida de tecido leve é um tipo de acessório que se usa geralmente à volta do pescoço ou da cabeça.

Envelope: característica de saias, calças, shorts e vestidos que possuem uma amarração.

Faixa: tipo de acessório usado na cabeça para prender o cabelo para trás, de forma que o mesmo não caia sobre o rosto. Geralmente possui um tecido elástico e é usado em várias ocasiões, como exemplo para a prática de atividades físicas, como o *ballet*.

Flaire: antigas calças “boca de sino”, comumente usadas nos anos 70. Possuem modelagem apertada na altura das coxas e mais solta na direção dos pés.

Frente única: blusa com modelagem em que a parte de trás possui pouco tecido, fazendo com que as costas fiquem mais aparentes.

Godê: característica da peça de roupa que possui o corte do tecido enviesado, em forma de leque.

Gola: parte de blusas e casacos que envolve a região do pescoço. Pode ser de diversos formatos (redonda, em v etc) e tamanhos (curta, média ou alta).

Gravata: tipo de acessório usado em ambientes formais e festas de gala, pode ser de diversos modelos, como borboleta, retangular, slim, com ponteira reta entre outros.

Hobo: tipo de bolsa que apresenta um formato de meia-lua, geralmente possui uma alça e tem um tamanho médio. Pode variar de material, fazendo com que ela transite entre os estilos formal e casual.

Jaqueta: é uma terceira peça mais robusta que o casaco, geralmente de jeans ou couro e aberta, podendo ter fechamento com zíper ou botões.

Jardineira: similar ao macaquinho e ao macacão, a jardineira é uma peça única que pode ter um short, uma saia ou uma calça na parte de baixo, mas a parte de cima é específica, a qual possui uma abertura com botões na parte superior, que junta o tecido da parte da frente com alças da parte de trás. A jardineira geralmente é confeccionada no jeans, mas pode ser feita em outros materiais que trazem um estilo mais casual e despojado.

Joelheira: tipo de acessório que serve como proteção dos joelhos na prática de atividades físicas.

Jogger: calça que se caracteriza por ter a modelagem com a cintura e os tornozelos marcados por um elástico, passa uma imagem mais esportiva.

Joia: acessório de material precioso, finamente trabalhado e valioso.

Laço: tipo de acessório para o cabelo, com um prendedor tipo presilha ou elástico.

Legging: tipo de calça com pernas coladas ao corpo, geralmente feitas de tecidos mais elásticos e que esticam. Muito usadas para a prática de exercícios físicos.

Lenço: acessório de tecido usado para resguardar ou enfeitar a cabeça, o cabelo ou até mesmo bolsas.

Luva: acessório que serve para proteger as mãos, tanto em práticas de atividades físicas, como em climas frios, dependendo do material utilizado em sua fabricação.

Macacão: similar ao macaquinho, o diferencial do macacão é a parte de baixo, que possui algum modelo de calça. Também pode transitar entre modelagens e tecidos, podendo se relacionar com diferentes estilos, do mais casual até o mais formal.

Macaquinho: possui uma blusa e um short ou bermuda, o macaquinho pode ser elaborado com diversas modelagens e tecidos, podendo se relacionar com diferentes estilos, do mais casual até o mais formal.

Maiô: semelhante aos biquínis, os maiôs deixam à mostra somente as pernas, geralmente cobrindo a barriga ou parte dela.

Maleta: tipo de bolsa que se assemelha a uma mala pequena, tem formato quadrado ou retangular mais estruturado.

Manga: é a parte da blusa ou da terceira peça que cobre o braço, em parte ou por completo.

Meia-calça: peça de roupa que possui tecidos mais confortáveis e que podem ou não ter alguma transparência. Usadas geralmente por baixo de outras peças de roupas, como por exemplo a saia, podem servir como aquecimento nos dias mais frios. A meia-calça também faz parte do uniforme usado pelas bailarinas.

Mochila: tipo de bolsa que fica nas costas e possui duas alças sobre os ombros para dividir o peso. Muito utilizada para levar itens variados e pesados, como notebook, cadernos etc. no dia a dia (escola e trabalho) ou atividades ao ar livre (trilhas).

Mom: calça, short ou bermuda que possui modelagem específica, com cintura alta e pernas mais soltas, geralmente feitos sob o jeans.

Mule: calçado fechado na frente e que não deixa o peito do pé tão à mostra, também tem a característica de ser aberto na parte do calcanhar.

Necessaire: tipo de bolsa menor, que serve para guardar itens de higiene pessoal ou maquiagem. Geralmente é acomodada dentro de outras bolsas ou malas, em viagens.

Pantacourt: modelagem de calças que tem o comprimento das calças até a altura do tornozelo e com pernas mais amplas.

Pantalona: similar à *pantacourt*, possuem pernas mais amplas, mas o comprimento pode ir até o chão, muitas vezes feitas para serem usadas com sapatos plataforma, de maneira que os pés fiquem por dentro da calça.

Pantufa: tipo de calçado fechado ou semifechado utilizado em ambientes internos, de materiais confortáveis.

Parka: é um tipo de casaco que possui um comprimento maior, bolsos, capuz e geralmente feita com um material impermeável.

Parte de baixo: peça de roupa que envolve a parte do quadril e pernas ou parte das pernas.

Parte de cima: a peça de roupa que envolve o tronco.

Peça única: é a peça de roupa que cobre a parte de cima e a parte de baixo do corpo ao mesmo tempo, dentre as peças únicas podemos citar os vestidos, macaquinhos, macacões, jardineiras e as camisolas.

Peep toe: são calçados de salto similares ao *scarpin* mas possuem uma abertura na frente, deixando à mostra um pouco dos dedos.

Piercing: tipo de acessório que perfura a pele e pode ser utilizado em diversas partes do corpo, como nas orelhas, nariz, boca, umbigo entre outros.

Pingente: tipo de acessório que fica pendurado em algum outro acessório, como em colares, pulseiras etc.

Pochete: pequena bolsa que se leva a tiracolo ou presa à cintura.

Prendedor: é um objeto utilizado para prender o cabelo, e usado também como adorno conforme o gosto pessoal ou o apelo da moda. Piranhas, presilhas ou elásticos são tipos de prendedores de cabelo.

Proteção UV: tecidos com esta tecnologia são feitos com fios tecnológicos à base de dióxido

de titânio e passam por um banho químico com aditivada fotoproteção, tornando a peça potente bloqueadora dos raios ultravioletas. É comum no mercado atual encontrarmos muitas peças com essa proteção, principalmente roupas de banho, biquínis, maiôs, sungas, bonés e chapéus.

Pulseira: tipo de acessório que envolve o pulso ou os braços. Também pode ser chamada de bracelete quando possui uma estrutura mais rígida.

Quimono: *Kimono* é um termo de origem japonesa, que significa “coisa de vestir”, sendo um traje típico do Japão. Também é o nome dado à roupa utilizada para as lutas de jiu-jítsu, judô, karatê e várias outras lutas japonesas. No contexto das roupas femininas, no Brasil, utiliza-se uma roupa com o mesmo nome, como sobreposição, geralmente feita de tecidos leves, estampados que se inspiram nos antigos kimonos japoneses para sua confecção.

Relógio: aparelho que serve para marcar o tempo e indicar as horas, é um tipo de acessório que pode ser confeccionado em metal, prata ou até mesmo em ouro.

Reta: calças e saias que possuem modelagem com cortes mais retos nas pernas.

Robe: peça de roupa utilizada geralmente em ambientes internos, ou seja, dentro de casa, por cima de roupas íntimas ou do pijama, aquecendo e cobrindo o corpo.

Roupa: peça de vestir, geralmente feita sob algum tecido ou material maleável, utilizada no corpo.

Roupas de banho: esta categoria engloba os trajes usados para banhar-se em piscinas ou praias.

Sacola: nome dado às bolsas que possuem uma ou duas alças que apoiam sobre o ombro e que possuem formato quadrado ou retangular. Tem o estilo mais despojado e casual.

Saia: peça de roupa que não possui o gancho entre as pernas, ou seja, é uma peça de tecido que envolve o quadril e das pernas. Pode ser curta, midi ou longa e ser fabricada em diversos modelos e tecidos.

Saída de banho: termo dado às roupas usadas por cima dos biquínis, maios ou sungas. Geralmente têm tecidos mais leves, de rápida secagem e boa absorção de água e podem ou não ter alguma transparência.

Sandália: é um calçado que possui uma sola e alguma tira que a liga ao pé, deixando-o exposto em sua maior parte. Essa tira pode ser de diversos materiais, incluindo cordas, couro, plástico, borracha entre outros. Entende-se que é um calçado usado geralmente no verão ou em regiões de clima quente. Possui vários modelos, incluindo as rasteiras, papetes e sandálias de salto alto.

Sapatilha: calçados fechados que deixam a mostram o peito do pé e não possuem saltos.

Saruel: calça com modelagem mais ampla na parte do quadril e apertada nas pernas. Comumente feita de tecidos de malha e moletom, são consideradas bem casuais e confortáveis.

Scarpin: calçado de salto que possui a frente fechada. Pode ser de bico fino ou arredondado e

de diversos materiais.

Sereia: tipo de saia que a parte de baixo possui uma calda ou babado.

Short/bermuda: peças de roupa que envolvem o quadril, como a calça, mas com o comprimento das pernas menor, podendo ser mais curta (short) ou na altura do joelho (bermuda).

Skinny: tipo de modelagem de calças apertadas e feitas com tecidos elásticos ou com elastano na composição.

Sobretudo: é um tipo de casaco mais longo, podendo chegar até o tornozelo. Muito usado em regiões mais frias e que tem muito vento.

Suéter: tipo de casaco fechado, geralmente feito sob materiais como a lã e o cashmere.

Sunga: peça usada em sua maioria pelo público masculino, cobre somente as partes íntimas.

Tênis: calçado idealizado com o propósito desportivo, mas que atualmente é usado amplamente no vestuário casual. Pode ser feito de diversos materiais, mas suas características principais são o fato de serem fechados, fabricados em materiais confortáveis e anatômicos, podendo ter cadarços ou não.

Terceira peça: peça de roupa que geralmente é usada como sobreposição das outras roupas, inclui os casacos, quimonos, coletes entre outros.

Tiara: é um tipo de acessório com estrutura rígida que enfeita a cabeça e pode ser usada para proteger o rosto dos cabelos.

Touca: é um tipo de acessório utilizado na cabeça para proteger a mesma do frio, quando feita em materiais como a lã, por exemplo. Quando feita sob um material plástico, pode ser utilizada para proteger os fios de cabelo da água.

Transversal: bolsa que possui uma alça que transpassa pelo tronco, podendo ser de diversos modelos e formatos.

T-shirt: tipo de blusa com modelo semelhante à letra T, a qual possui um corte das mangas mais reto, além da modelagem do tecido que envolve o tronco também ser reta.

Túnica: blusa com comprimento longo, podendo chegar até o tornozelo. Pode ser mais curta na parte da frente ou não.

Underwear: peça de roupa usada por baixo de outras roupas, geralmente com tecidos mais elásticos, que modelam o corpo e de cores parecidas com a pele.

Vestido: possui uma blusa e uma saia em sua estrutura, as quais podem ter diferentes modelagens e materiais que o definem e, muitas vezes, definem também o seu uso.

Vestuário: são todos os objetos que compõem o traje, ou seja, peças de vestir, os complementos e acessórios.

Viseira: tipo de acessório que envolve a cabeça e possui uma aba para proteger o rosto. Diferentemente do boné, a viseira não cobre a parte de cima da cabeça, possuindo somente uma alça na lateral para se prender à cabeça.

Wide leg: tipo de calça que possui a modelagem das pernas ampla, mas reta, abrindo levemente nas pontas.

